



VIVIANE AIRES DE AGUIRRE MEARRAOUI

**RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE ADOLESCENTES: DO FACE A FACE ÀS REDES
VIRTUAIS**

CAMPINAS

2014

i



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Faculdade de Ciências Médicas

VIVIANE AIRES DE AGUIRRE MEARRAUI

**RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE ADOLESCENTES: DO FACE A FACE ÀS REDES
VIRTUAIS**

Orientação: Profa. Dra. CECÍLIA GUARNIERI BATISTA

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP para obtenção de título de Mestra em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação, área de concentração Interdisciplinaridade e Reabilitação.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA POR
VIVIANE AIRES DE AGUIRRE MEARRAUI, E ORIENTADA PELO
PROFAa DRa. CECÍLIA GUARNIERI BATISTA

Assinatura do Orientador

CAMPINAS

2014

iii

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas
Maristella Soares dos Santos - CRB 8/8402

M463r Mearraoui, Viviane Aires de Aguirre, 1981-
Relações sociais entre adolescentes : do face a face às redes virtuais /
Viviane Aires de Aguirre Mearraoui. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Cecília Guarnieri Batista.
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Ciências Médicas.

1. Relações humanas em adolescentes. 2. Habilidades sociais. 3.
Características culturais. I. Batista, Cecília Guarnieri, 1949-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Social relationships among adolescents : from face to face to social network

Palavras-chave em inglês:

Interpersonal relations in adolescence

Social ability

Cultural characteristics

Área de concentração: Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação

Titulação: Mestra em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação

Banca examinadora:

Cecília Guarnieri Batista [Orientador]

Ivani Rodrigues Silva

Sônia Regina Fiorim Enumo

Data de defesa: 20-02-2014

Programa de Pós-Graduação: Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO

VIVIANE AIRES DE AGUIRRE MEARRAOU

Orientador (a) PROF(A). DR(A). CECÍLIA GUARNIERI BATISTA

MEMBROS:

1. PROF(A). DR(A). CECÍLIA GUARNIERI BATISTA

Cg Batista

2. PROF(A). DR(A). IVANI RODRIGUES SILVA

Ivani Rodrigues Silva

3. PROF(A). DR(A). SÔNIA REGINA FIORIM ENUMO

Sônia Regina Fiorim Enumo

Programa de Pós-Graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas

Data: 20 de fevereiro de 2014

DEDICATÓRIA

Aos meus pais e meu marido, modelos de amor, perseverança e companheirismo em
minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Dra. Cecília Guarnieri Batista que sempre me mostrou os melhores caminhos com dedicação e sabedoria.

Às profas. Dra. Ivani Rodrigues Silva e Dra. Sônia Regina Fiorim Enumo por suas valiosas contribuições no Exame de Qualificação e pela disponibilidade em participar da Comissão da Banca Examinadora desta tese de Mestrado.

Às profas. Dra. Heloísa Gagheggi Ravanini Gardon Gagliardo e Sylvia da Silveira Nunes pela disponibilidade em participar da comissão da banca examinadora desta tese de mestrado.

Aos professores do curso de mestrado, pelos conhecimentos transmitidos com muita dedicação e carinho.

Aos meus colegas de mestrado, que me apoiaram, incentivaram e estiveram disponíveis às trocas de informações.

Às escolas nas quais esse estudo foi realizado, aos alunos que se disponibilizaram a participar e às suas famílias que permitiram a participação, mostrando credibilidade e dedicação.

A todos os adolescentes que fizeram ou ainda fazem parte do meu cotidiano, sempre apresentando posturas e atitudes que me levam à reflexão e aos estudos, ampliando minhas formas de percepção dessa faixa etária e me tornando cada vez mais encantada com ela.

Às minhas amigas e companheiras de jornada profissional, que sempre trazem palavras de incentivo e disposição para ajudar na concretização de todos os meus sonhos: Vanessa, Elaine, Eliane e Priscilla.

Ao meu marido, especial em cada atitude, gesto, palavra, mostrando de todas as formas possíveis o quanto me ama e me apoia em qualquer coisa que eu defina, sendo companheiro em todas os momentos da minha vida.

Aos meus pais, as presenças de maior incentivo em minha vida, confiando sempre na minha capacidade de realizar meus sonhos e me dando força nos momentos difíceis para nunca desistir, sempre seguir adiante.

A Deus, certamente o grande provedor de todas as possibilidades em minha vida.

“Essa folha de papel (a criança ao nascer) já está coberta de letras nela inscritas durante as primeiras semanas e meses de vida da criança, e essa folha começa a ser freneticamente recoberta com as letras a partir do momento em que a criança estabeleceu contatos com o mundo.”

Luria e Vygotsky (1996, p. 156).

RESUMO

Os meios digitais de comunicação estão em constante e intenso desenvolvimento nos últimos anos, gerando questionamentos de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento a respeito das mudanças que provocam nas relações entre as pessoas e na sociedade de modo global. Entre os profissionais de psicologia existe uma preocupação relativa aos aspectos relacionados à subjetividade e às alterações nas relações interpessoais. Considerando o interesse na investigação desses questionamentos foi adotada a perspectiva histórico-cultural, que tem como foco central a experiência mediada por instrumentos e signos, entendendo que essa experiência mediada pode ser importante à compreensão do modo como esses meios digitais estão sendo utilizados. Foram abordados ainda, tópicos relativos às mudanças que novas tecnologias utilizadas para contatos sociais podem trazer ao desenvolvimento psicológico. No que se referiu às formas de contato pesquisadas (face a face, por voz e por escrito) foi abordada a questão dos materiais verbais, para-verbais e não verbais. O presente estudo teve como objetivo descrever e analisar adolescentes, com diferentes níveis de habilidades sociais, em contatos face a face, por voz e por escrito. O estudo foi realizado com adolescentes, entre 14 e 18 anos, que cursavam Ensino Médio em escolas particulares. A primeira etapa do estudo envolveu a aplicação do Inventário de Habilidade Sociais para Adolescentes (IHSA), de Del Prette e Del Prette, em 60 participantes. De acordo com os escores de dificuldade em habilidades sociais obtidos por cada participante neste inventário, parte deles foi convidada para uma entrevista sobre as formas de contato social que utilizavam. A segunda etapa foi realizada com nove adolescentes; quatro deles com classificação de baixa dificuldade, dois com classificação média e três com classificação de alta dificuldade em habilidades sociais. Os resultados dessa etapa foram categorizados e analisados, em termos da frequência das categorias para o conjunto dos nove participantes e da comparação entre as falas de três participantes com alta dificuldade em e três dos participantes com baixa dificuldade em habilidades sociais. Os resultados dessa etapa mostraram algumas tendências gerais destacadas nas falas dos participantes no uso das três modalidades, como exemplos: predomínio de contatos com amigos e de contatos realizados em casa, predomínio de entretenimento/lazer em conteúdos abordados e avaliação positiva do próprio desempenho nesses contatos. Foram identificadas ainda, algumas tendências específicas ao uso de determinada modalidade, como foi o caso de

menor frequência e duração dos contatos por voz com relação aos demais, mais relatos de contatos para informar sobre própria localização nos contatos por voz do que nos demais e mais relatos de contatos com população em geral nos contatos por escrito do que nos demais. A análise por subgrupos (BD – baixa dificuldade e AD – alta dificuldade) mostrou algumas tendências de respostas comuns aos dois subgrupos e pouca diferença entre eles. De um modo geral, identificou-se que os participantes realizavam os contatos face a face e por escrito com motivação, frequentemente, por longos períodos e diversidade de conteúdos abordados. Os contatos por voz foram descritos como pouco motivadores, rápidos, esporádicos e para abordar temas específicos. Cabe destacar que as tecnologias utilizadas para contatos sociais continuarão a evoluir, sendo importante o estudo constante das alterações que o uso dessas tecnologias ainda pode trazer a cada pessoa e à sociedade como um todo.

Palavras-chave: relações sociais, adolescência, habilidades sociais, contexto histórico.

Áreas de conhecimento: saúde, educação, comunicação.

ABSTRACT

Digital media are in continuous and intense development over the past few years leading researchers from different fields of study to question about the changes it causes in people relationships and society in general. Psychology professionals have relative concern about subjective aspects in communication and modifications on social relationships. Considering the interest to research these questions it has been adopted the perspective of historical-cultural theory that focuses the experience mediated by instruments and signs, which means that this mediated experience can be important to the comprehension about the way these digital medias have been used. There are some topics related to the changes that new technologies made specifically for social network can bring to the individual psychological development. With reference to the modalities of social contact of this research (face to face, by voice and written communication), it has been approached verbal, para-verbal and non-verbal materials. The present study aims to describe and analyze adolescents, considering different levels on social skills, in their face to face, spoken and written communication. This study consists of adolescents between 14 and 18 years old at high school of private schools. The first step on this research consisted on the application of the Social Skills Inventory for adolescents (SSI) of Del Prette and Del Prette on 60 participants. According to the scores of social skills deficit obtained for each participant, some of them have been invited for an interview about their preferential modalities of social contact. The second step was done with nine adolescents; four of them classified in a group of low difficulty, two in average, and three in a high difficulty group on social skills. The results from this second step were categorized and analyzed in terms of frequency of each category for these nine participants and afterward there is a comparison between the interview of those three participants with high difficulty and those three participants with low difficulty on social skills. The results in this step pointed some general tendencies when using the modalities of social interaction, for example: the prevalence of choosing friends as a social contact and those social contacts occurs at home, leisure and entertainment as their frequent talk and positive assessment about their own performance in those social contacts. It has been identified some specific tendencies to use a determined modality of social contact, as showed by the low frequency and duration of social contact by voice if compared to the other modalities, higher

frequency of social interaction by voice motivated to inform their location instead of using other modalities and the prevalence of reports in which social contact with people in general occurs by written digital media instead of other modalities. The analysis by groups (BD/LD – low difficulty, AD/HD – high difficulty) showed some common tendencies in these two groups and small differences between them. In general, participants are motivated about face to face and written contact, they also do it for long periods of time and they discuss a big variety of contents. Contacts by voice were described as little motivators, faster, sporadic and a tool for a specific talk. It must be pointed out it will always be developed new technologies as tools for social interactions, and constant studies are necessary to determine the modifications that these technologies can bring to people and society as a whole.

Keywords: social relationship, adolescence, social skills, historical context.

Areas of knowledge: health, education, communication.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. Caracterização dos adolescentes participantes da primeira etapa (IHSA) por ano escolar, idade e gênero.....	48
TABELA 2. Caracterização dos adolescentes participantes da segunda etapa (entrevista) por escore de “dificuldade” no IHSA, idade, gênero e ano escolar.....	49
TABELA 3. Caracterização dos adolescentes que se recusaram a participar da entrevista, por escore no IHSA (“dificuldade”), idade, gênero e ano escolar.....	51
TABELA 4. Interpretação dos percentis de escores de “frequência” e “dificuldade” do IHSA, segundo Del Prette e Del Prette, 2009, p.22.....	53
TABELA 5. Valores brutos e percentuais dos escores de “frequência” e “dificuldade”, de acordo com a posição percentil dos escores do IHSA.....	55
TABELA 6. Descritiva estatística para idade, “dificuldade” e “frequência” dos adolescentes respondentes do IHSA.....	56
TABELA 7. Frequência e porcentagem de categorias relacionadas aos eixos temáticos: interlocutor, local, frequência, duração e períodos do ano, por modalidade de contato (N=9).....	59
TABELA 8. Frequência e porcentagem de categorias relacionadas aos eixos temáticos: conteúdos abordados e avaliação do próprio desempenho, por modalidade de contato (N=9).....	61
TABELA 9. Frequência e porcentagem de categorias relacionadas aos eixos temáticos: incentivos, restrições, aspectos favoráveis (prós), aspectos desfavoráveis (contras) ao uso das modalidades, percepção de facilidades e percepção de dificuldades, por modalidade de contatos (N=9).....	64
TABELA 10. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação ao eixo temático “Conteúdos abordados”, por modalidade de contato (N=6).....	68
TABELA 11. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação aos eixos temáticos “Incentivos para os contatos” e “Restrições aos contatos”, por modalidade de contato (N=6).....	70

TABELA 12. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação ao eixo temático “Aspectos a favor (prós)”, por modalidade de contato (N=6).....	72
TABELA 13. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação ao eixo temático “Aspectos contrários (contras) ao uso”, por modalidade de contato (N=6).....	74
TABELA 14. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação aos eixos temáticos “Percepção de facilidades” e “Percepção de dificuldades”, por modalidade de contato (N=6).....	76
TABELA 15. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação ao eixo temático “Autoavaliação de desempenho”.....	78

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A. Autorização para realização da pesquisa.....	91
APÊNDICE B. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (1ª etapa – instituição).....	91
APÊNDICE C. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (2ª etapa – instituição).....	93
APÊNDICE D. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (1ª etapa – participantes).....	97
APÊNDICE E. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (2ª etapa – participantes).....	99
APÊNDICE F. Transcrição das entrevistas.....	101
APÊNDICE G.....	133
TABELA G16. Categorias, subcategorias e critérios para o eixo temático “Interlocutor”.....	133
TABELA G17. Categorias, subcategorias e critérios para o eixo temático “Locais dos contatos”.....	134
TABELA G18. Categorias, subcategorias e critérios para o eixo temático “Frequência dos contatos”.....	135
TABELA G19. Categorias e critérios para o eixo temático “Duração dos contatos”.....	135
TABELA G20. Categorias e critérios para o eixo temático “Períodos do ano dos contatos”.....	136
TABELA G21. Categorias e critérios para o eixo temático “Conteúdos abordados”.....	137
TABELA G22. Categorias e critérios para o eixo temático “Incentivos ao uso das modalidades de contato”.....	138
TABELA G23. Categorias e critérios para o eixo temático “Restrições ao uso das modalidades de contato”.....	138
TABELA G24. Categorias e critérios para o eixo temático “Aspectos a favor (prós) do uso”.....	139
TABELA G25. Categorias e critérios para o eixo temático “Aspectos contrários (contras) ao uso”.....	140
TABELA G26. Categorias e critérios para o eixo temático “Percepção de facilidades nos contatos”.....	141

TABELA G27. Categorias e critérios para o eixo temático “Percepção de dificuldades nos contatos”.....	142
TABELA G28. Categorias e critérios para o eixo temático “Avaliação do próprio desempenho”	143
APÊNDICE H.....	145
TABELA H29. Análise dos escores de “dificuldade” e “frequência” no IHSA, em relação ao gênero dos adolescentes.....	145
TABELA H30. Correlação de Spearman e do Teste de Correlação relativas às variáveis de “dificuldade” e “frequência” no IHSA em adolescentes de diferentes idades.....	145
TABELA H31. Teste Kruskal-Wallis aplicado às variáveis indicadoras de “dificuldade” e “frequência” no IHSA, em relação à escola dos adolescentes.....	146
TABELA H32. Teste Kruskal-Wallis aplicado às variáveis indicadoras de “dificuldade” e “frequência” no IHSA, em relação à série escolar (do Ensino Médio) dos adolescentes.....	147
APÊNDICE I.....	149
TABELA I33. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Interlocutor”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	149
TABELA I34. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Locais dos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	150
TABELA I35. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Frequência dos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	151
TABELA I36. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Duração dos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	152
TABELA I37. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Períodos do ano destinados aos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	152
TABELA I38. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Conteúdos abordados”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	153
TABELA I39. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Incentivos para os contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	154

TABELA I40. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Restrições para os contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	154
TABELA I41. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Aspectos a favor (prós) dos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	155
TABELA I42. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Aspectos a contrários (contras) aos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	156
TABELA I43. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Facilidades percebidas nos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	157
TABELA I44. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Dificuldades percebidas nos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	158
TABELA I45. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Autoavaliação de desempenho”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).....	158

SUMÁRIO

PÁG.

Resumo.....	xiii
Abstract.....	xv
Lista de Tabelas.....	xviii
Lista de Apêndices.....	xix
Apresentação.....	25
1. Introdução.....	27
1.1. Desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural.....	27
1.2. Formas de contato entre as pessoas.....	28
1.2.1. Contato face a face.....	28
1.2.2. Contato por voz.....	32
1.2.3. Contatos por meio da escrita.....	35
1.3. Adolescência.....	38
1.4. Desenvolvimento de habilidades sociais.....	42
2. Justificativa do presente estudo.....	45
2.1. Objetivos.....	45
2.1.1. Objetivo Geral.....	45
2.1.2. Objetivos Específicos.....	45
3. Metodologia.....	47
3.1. Aspectos éticos.....	47
3.2. Participantes.....	47
3.3. Instrumentos e materiais.....	49
3.4. Procedimentos de coleta de dados.....	50
3.5. Procedimentos de análise de dados.....	52
4. Resultados.....	55
5. Discussão.....	81
6. Considerações Finais.....	85
7. Referências bibliográficas.....	87
8. Apêndices.....	91

APRESENTAÇÃO

A minha atuação profissional é voltada para o público adolescente, tanto em atendimentos e supervisão de casos clínicos, quanto como docente para cursos de pós-graduação em disciplinas relativas a essa faixa etária. Parte do que me entusiasma no trabalho com essa faixa etária é a forma como desenvolvem padrões de atitudes e comportamentos. Percebo que esses padrões, ao mesmo tempo, marcam a participação de cada adolescente em seu grupo, bem como as diferenças entre os grupos. Percebo, ainda, que esses padrões parecem se relacionar com a forma como ocorre o desenvolvimento das funções psicológicas desses adolescentes. Desse modo, procuro pesquisar e também orientar casos clínicos e monografias de conclusão de cursos de graduação, que me possibilitem o aprofundamento no estudo dessa relação entre desenvolvimento de funções psicológicas e padrões de comportamentos e atitudes dos adolescentes. Nesse contexto, tenho buscado compreender, de forma mais detalhada, como se dão as relações sociais, por meio de diferentes formas de contato.

Uma das questões que tem me interessado é o questionamento atual de que a abrangência das modalidades de comunicação existentes atualmente poderia trazer alterações nas relações interpessoais. Essas alterações poderiam envolver novos formatos, possibilidades, e talvez, novos problemas. Desse modo, a ideia deste estudo partiu da minha observação e interação com o público adolescente, de forma a buscar entender melhor as formas de contato utilizadas por adolescentes, desde as mais tradicionais até as realizadas por meio de recursos tecnológicos.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Desenvolvimento humano na perspectiva histórico-cultural

O presente estudo é orientado pela perspectiva histórico-cultural. Esta foi iniciada por Vygotsky (1), que propõe o conceito de “função mediadora”, segundo a qual o desenvolvimento de processos psicológicos superiores no ser humano se dá a partir da mediação por instrumentos e por signos. Vygotsky (1) atribui à função mediadora um lugar central em sua teoria, com papel relevante na constituição dos processos mentais superiores (percepção consciente, atenção voluntária, memória lógica, linguagem e pensamento verbal e conceitual).

Vygotsky (1) destaca uma diferença essencial entre instrumentos e signos. Afirma que “a função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado *externamente*; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos”. (p.72). Dessa forma, na utilização de instrumentos, a atividade humana externa se dirige para o controle e domínio da natureza. No que se refere aos signos, Vygotsky (1) os concebe como “um meio de atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado *internamente*”. (p.73). Vygotsky (1) trata também de uma ligação entre as atividades mediadas por instrumentos e signos. O autor ressalta a influência recíproca entre alterações provocadas na natureza (por instrumentos) e alterações provocadas no próprio homem (por signos). Afirma que não se deve pensar em desenvolvimento humano como um desdobramento organicamente determinado, no que se refere a atividades ou a funções psicológicas e propõe como alternativa a noção de “atividade mediada”. Para o autor: “Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica *superior*, ou *comportamento superior* com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica” (p 73).

Góes (2), autora contemporânea que adota a perspectiva de Vygotsky, destaca o papel do contexto social no desenvolvimento individual. Afirma que o espaço interativo é o contexto da constituição do sujeito, de seus conhecimentos e formas de ação. Devido a isso, afirma que o esforço para compreender a constituição de um sujeito deve abordar o papel do outro no espaço de ação desse sujeito.

Outro autor contemporâneo que discute a teoria de Vygotsky é Pino (3). Ele afirma que um importante subconjunto de produções humanas é o das produções resultantes da atividade mental do homem sobre os objetos simbólicos (ideias), com o uso de meios *simbólicos* (tipos diferentes de linguagem), cuja exteriorização (comunicação com os demais) se faz por intermédio de formas

materiais de expressão: fala, escrita, sons, formas gráficas, etc, que permitem o estabelecimento das relações sociais. Por meio dessas relações, as coisas que rodeiam a criança e as suas próprias ações começam a adquirir significação para a criança, a partir da significação que primeiro tiveram para o “Outro”. Para o autor, “na medida em que as ações da criança vão recebendo a *significação* que lhe dá o Outro – nos termos propostos pela tradição cultural do seu meio social – ela vai incorporando a cultura que a constitui como um ser cultural, ou seja, como um ser humano” (p. 66).

Essas formulações destacam a importância da mediação por instrumentos e signos para a constituição dos sujeitos. No decorrer da história do homem, instrumentos e signos vêm sofrendo modificações e seus impactos na constituição dos sujeitos devem ser constantemente reavaliados. Nas últimas décadas, constatou-se ampliação significativa na elaboração e disseminação de instrumentos de alta tecnologia que possibilitam novas formas de contato entre as pessoas (no que se refere a equipamentos, destaque para computadores pessoais e telefones celulares com múltiplas funções, e, quanto ao acesso a informações, a criação e amplificação dos recursos proporcionados pela internet).

1.2. Formas de contato entre as pessoas

O momento atual, com o desenvolvimento intenso de tecnologias de comunicação, vem trazendo uma expansão das formas de estabelecimento de relações sociais. As pessoas têm hoje a possibilidade de se comunicar por meios digitais, além de manterem as formas tradicionais de comunicação face a face. No que se refere aos meios digitais, alguns possibilitam o contato por voz, outros por escrito, e outros ainda, por meio dessas duas modalidades. Alguns meios digitais possibilitam, além do contato por voz e/ou por escrito, a visualização do interlocutor por meio de uma câmera.

Com relação às mudanças no cotidiano das pessoas com essas novas tecnologias de comunicação e seus desenvolvimentos, Nicolaci-da-Costa (4) afirma que as pessoas sabem que as novas tecnologias mudam hábitos e comportamentos. Essa percepção é facilitada pelos relatos contidos em diferentes materiais, sobre formas de comunicação utilizadas em diversas épocas, em livros, vídeos, relatos de viagens e outros, relativos aos modos de agir de determinada cultura. Dessa forma, ao obter informações sobre como eram os hábitos e comportamentos de determinada cultura antes de uma tecnologia nova surgir, pode-se considerar as mudanças que

ocorreram após seu surgimento. Apesar dessas percepções, no que se refere a hábitos e comportamentos, Nicolaci-da-Costa (4) ressalta que as pessoas nem sempre têm consciência das relações entre as novas tecnologias e as profundas modificações na subjetividade delas decorrentes. Destaca que algumas dessas modificações ocorrem sem que os indivíduos as percebam.

As diferentes tecnologias possibilitam diferentes modalidades de contato, que têm diferentes características e trazem diferentes consequências para as relações interpessoais. Nesse sentido, essas modalidades podem ser agrupadas em três possibilidades: contato face a face, por voz e por escrito.

1.2.1. Contato face a face

Uma modalidade de contato que existe desde os primórdios da vida do homem é a realizada face a face, estando diante da pessoa com quem se fala e observando seus sinais faciais e corporais. Kerbrat-Orecchioni (5), linguista que atua na análise da conversação, conceitua as conversações como construções coletivas, não somente feitas de palavras, mas também de signos de natureza variada. Classifica a conversação em termos de diferentes tipos de materiais: verbais, para-verbais e não verbais. Define o material verbal como o “conjunto das unidades que derivam da língua” (p. 36). O material para-verbal se refere às unidades transmitidas pelo canal auditivo, que acompanham as unidades propriamente linguísticas. Inclui, entre outros, pausas, entonação e particularidades da pronúncia. Os materiais não verbais são diferenciados dos demais por serem transmitidos por canal visual e se dividem em signos estáticos (aparência física dos participantes e acessórios acrescentados a essa), cinéticos lentos (distâncias, atitudes e posturas) e cinéticos rápidos (olhares, mímicas e gestos). De acordo com essas definições, pode-se perceber que o contato face a face permite a exposição aos três tipos de materiais: os verbais, os para-verbais e os não verbais.

Há mais de 30 anos, Davis (6) realizou um levantamento relativo às principais pesquisas realizadas na época sobre comunicação não verbal. Para tanto, entrevistou estudiosos e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, como psicologia, antropologia, psiquiatria e comunicação. Serão destacados alguns aspectos dessas pesquisas relatadas por Davis (6):

a) A classificação de expressões faciais em sete emoções básicas (alegria, surpresa, medo, raiva, tristeza, nojo e desprezo). Segundo Davis (6), o pesquisador Ekman lhe relatou que seus estudos com Friesen demonstravam que essas expressões, mesmo obedecendo às “regras

demonstrativas” de cada cultura, estão presentes em todas as sociedades humanas. O que Ekman denomina “regras demonstrativas” são as regras de adequação que cada cultura possui para as formas de expressão utilizadas por seus indivíduos. Exemplifica com a cultura italiana, na qual a gestualidade é altamente expressiva. Nessa cultura, essa forma de expressão não é percebida como exagerada, como seria em outras culturas.

b) A gestualidade na comunicação não verbal. Davis (6) relatou os estudos de Efron, que pesquisou imigrantes italianos e judeus, residentes em Nova York, com o objetivo de refutar os cientistas nazistas que afirmavam que as diferenças gestuais eram heranças raciais. Destacou ter comprovado em suas pesquisas que estilo gestual não é herança racial, tendo observado que, dentre esses italianos e judeus pesquisados, os que mantinham laços de tradição com a comunidade étnica conservavam seu estilo gestual, mas os que haviam assimilado a cultura americana, já começavam a modificar seus estilos gestuais.

c) O movimento corporal na comunicação não-verbal. Segundo Davis (6), o pesquisador Kendon lhe relatou ter feito uma análise detalhada da gesticulação de um homem. Este era filmado enquanto falava informalmente com um grupo de onze pessoas. Nesse estudo, Kendon verificou que cada parte do discurso era acompanhada por um esquema de movimento corporal, de maneira que a movimentação corporal se alterava de forma sincrônica com o ritmo da fala.

d) A relação entre corpo e discurso. Davis (6) entrevistou Condon, que comentou sobre estudos que revelam que o corpo realiza uma “dança” (articulação de movimentos e fala) que segue o discurso, tanto para o emissor quanto para o receptor da mensagem. Havendo a fala, paralelamente as mãos e os dedos se movem, os olhos piscam e todos os demais movimentos do corpo coincidem com esse compasso. Observou ainda, que esse ritmo se interrompe em determinadas doenças e danos cerebrais, como, por exemplo, esquizofrenia, autismo e epilepsia branda.

e) A importância do olfato e do tato na comunicação. Davis (6) traz resultados de pesquisa que destacam a impossibilidade de bloquearmos o olfato durante nossos contatos face a face. Nessas pesquisas, foi identificada a existência de culturas “anti-odor”, nas quais as pessoas buscam diversas formas de encobrir o odor natural, e culturas nas quais o odor natural é altamente valorizado no estabelecimento de relações entre as pessoas. Sobre o tato, os estudos destacam que todo o ser humano está em contato com o mundo externo através da pele e que

desde bebê começamos a explorar o mundo pelo tato, o que contribui para a identificação de onde termina nosso corpo e começa o mundo exterior.

Desse modo, os estudos descritos por Davis (6) demonstram que diversos aspectos estão envolvidos na comunicação não verbal, envolvendo os diferentes órgãos dos sentidos. Cabe lembrar que Kerbrat-Orecchioni (5) define os materiais não verbais como sendo transmitidos pelo canal visual e os para-verbais, pelo canal auditivo, uma vez que seu foco é a análise da conversação. Davis (6), nos contatos com diferentes pesquisadores e com diferentes enfoques de trabalho, ressalta, também, o tato e o olfato na comunicação não-verbal.

A importância dos materiais não verbais na comunicação vem sendo enfatizada em estudos contemporâneos. Silva et al. (7) realizaram um estudo com um grupo de enfermeiras pós-graduandas, visando refletir sobre a importância deste tema. As participantes responderam por escrito à seguinte questão: “O que sabe sobre linguagem corporal?”. As respostas foram caracterizadas em termos de conceito, função, importância, significado e formas de manifestação da linguagem corporal. Após essa categorização, Silva et al. (7) consideraram possível evidenciar a linguagem corporal como “uma forma complexa de interação interpessoal, da qual temos pouca consciência, ocorrendo por vezes à margem do nosso controle. Tem como função expressar sentimentos, emoções, reações e transmitir mensagens. Manifesta-se de forma natural, intuitiva e continuamente, mas é influenciada pelo contexto e pelas diferentes culturas”. (p.57).

Para Araujo, Silva e Puggina (8), a harmonia da comunicação verbal e não verbal qualifica o relacionamento interpessoal. Esses autores destacam a linguagem não verbal como sendo o reflexo do estado emocional dos indivíduos. Afirmam que essa linguagem é subjetiva e não pode ser dissimulada. Para os autores (8), a comunicação não verbal “qualifica a interação humana, imprimindo emoções, sentimentos, adjetivos e um contexto que permite ao indivíduo perceber e compreender não apenas o que significam as palavras, mas também o que o emissor da mensagem sente”. (p. 420)

O conjunto de investigações identifica aspectos relevantes no contato face a face, que permite não só o acesso à fala do interlocutor, mas, também, às expressões faciais, olhares, posturas, movimentos, grau de proximidade e outros indicadores do estado subjetivo, emoções e disposição para contato dos participantes de uma interação social.

1.2.2. Contato por voz

Segundo Mesquita (9), o período pós-revolução industrial trouxe ampliação das possibilidades de contato, com as “invenções de máquinas capazes de produzir, armazenar e difundir linguagens como: a fotografia, o rádio, o cinema, os meios de impressões gráficas, entre outras” (p. 157). Uma das modalidades de contato surgida do desenvolvimento tecnológico é a que permite a conversa por voz à distância, sem a visualização do interlocutor. Essa forma foi inicialmente introduzida com o surgimento do telefone. Segundo Teixeira (10), diferentes pessoas trabalharam simultaneamente no projeto do qual resultou o telefone, e Graham Bell teve o registro da patente em 1876. Nicolaci-da-Costa (11) descreve que essa modalidade caracteriza o primeiro tipo de comunicação virtual em tempo real, mediado por uma tecnologia interativa, possibilitando contatos à distância entre dois interlocutores conhecidos ou desconhecidos por meio do contato de voz.

Para Marcuschi (12) a conversação telefônica representa um canal linguístico de contato, durante o qual todos os problemas devem ser resolvidos verbal e explicitamente, (...) “é uma das poucas conversações das quais pode se obter o início, o desenvolvimento e a conclusão integralmente” (p.54). Enfatiza, ainda, que é uma forma de comunicação que segue certas condições básicas: geralmente o primeiro a falar é quem recebe a ligação; geralmente, quem realizou a ligação propõe o tópico a ser abordado e existe um momento considerado mais adequado para a introdução do tópico, que é logo após os cumprimentos, podendo, no entanto, surgir perguntas rituais (sobre família e negócios, por exemplo) entre os cumprimentos e a introdução do tópico. Há, também, o momento da conclusão, com formulações que indicam, com clareza, a disposição para concluir a conversação.

Retomando as distinções trazidas por Kerbrat-Orecchioni (5), observa-se que, no contato por voz, possibilitado pelo telefone, ficam disponíveis os materiais verbais da comunicação. Além desses, materiais para-verbais também podem ser captados, como, por exemplo, diferentes entonações, pausas da fala, silêncios, alterações do ritmo respiratório e velocidade da fala. Com relação aos materiais não verbais, não há a possibilidade de percepção dos mesmos, considerando a ausência do contato visual e da possibilidade de percepção de aspectos olfativos, proximidade física e toque. Dessa forma, o contato por voz (possibilitado pelo telefone propriamente dito ou por outros meios eletrônicos e digitais), se comparado à modalidade de contato face a face,

permite a apreensão dos elementos verbais e para-verbais da comunicação, mas não permite a apreensão dos elementos não verbais.

No que se refere ao contato por voz por meio do telefone, destaca-se que, em períodos iniciais desta modalidade de contato, o alto custo não possibilitava o acesso a todos e possivelmente era um fator que não motivava as pessoas para conversas longas, destinadas à socialização, como atualmente boa parte das pessoas tem a possibilidade de realizar. Para Nicolaci-da-Costa (11) a difusão inicial do telefone atingiu uma população muito restrita. Com o baixar do custo e o aumento do número de linhas telefônicas, houve uma expansão da utilização desta modalidade de contato, inclusive para fins de sociabilidade e relações interpessoais. Ao haver essa expansão, as críticas começaram a surgir, dado um receio de que essa nova possibilidade de relacionamento trouxesse uma ruptura para as relações familiares com amigos e conhecidos, bem como redução do contato físico. Para a autora, essas críticas foram precipitadas: o uso do telefone não acarretou as consequências temidas e ampliou as possibilidades de contato, o que deveria ser mais enfatizado na literatura.

Com o desenvolvimento das tecnologias de telecomunicação, surgiu, no final do século XX, o telefone celular, com características não existentes na telefonia fixa, como a mobilidade e a possibilidade de envio de mensagens escritas. Nicolaci-da-Costa (13) pesquisou o uso dessa modalidade com jovens de 18 a 25 anos, com um “intuito particular: o de procurar apreender como se dá a passagem da modernidade para a pós-modernidade do ponto de vista micro (ou individual). Seu objetivo (do estudo) é o de identificar e trazer à tona algumas transformações psicológicas que estão ocorrendo como consequência das turbulentas mudanças ora em curso”. (p. 83). O estudo focou as transformações relativas ao uso de celulares. O público escolhido para a pesquisa deve-se ao fato de a literatura recente, segundo Nicolaci-da-Costa (13), apontar que os jovens de centros urbanos brasileiros estão entre os que mais fazem uso de celulares no mundo. Recrutou para o estudo 20 participantes, sendo 18 deles estudantes do Ensino Médio ou Superior, todos com tempo de uso de celulares entre 2 e 9 anos. Foram realizadas entrevistas individuais com cada um desses sujeitos, baseadas em um roteiro que contemplava os objetivos da pesquisa. Os itens do roteiro eram desmembrados em outras perguntas durante a entrevista. Essas entrevistas foram transcritas e analisadas, em duas etapas: inter-sujeitos e intra-sujeitos (análise das respostas de cada sujeito, procurando identificar conflitos de opiniões, inconsistências entre respostas e sentimentos contraditórios).

Na apresentação e discussão dos resultados do estudo, Nicolaci-da-Costa (13) mostrou que houve uma preocupação inicial com as tarifas para o uso de celular, o que não permanece, pois na opinião dos participantes, as operadoras têm proporcionado tarifas interessantes. Mostrou ainda, que o discurso dos participantes possui características da prática pós-moderna, como por exemplo, a diluição e a fusão de significados. Dentre eles, “emergência”, “urgência” e “necessidade”, surgiram nas entrevistas com significados diferentes, de acordo com pontos de vista desses participantes e de seus pais. Para os pais, que geralmente pagam a conta dos celulares, a redução de tarifas não foi suficiente para reduzir os custos. Já para os filhos, a amplitude do que é urgente e/ou necessário é ampla, fazendo que se utilizem bastante do celular. Essa amplitude de assuntos considerados urgentes e/ou necessários engloba as conversas por celular com a finalidade de socialização. Dessa forma, Nicolaci-da-Costa (13) concluiu que esses jovens pressupõem que o seu desejo de contato com os demais deve ser imediatamente satisfeito, trazendo à tona uma característica da pós-modernidade: o imediatismo. Entende-se, então, que os jovens consideram a possibilidade de contato imediato como uma urgência e os pais discordam. Com relação aos pais, existe a hipótese de que saber onde, em que horários, como e com quem estão seus filhos, seja considerado urgente.

Nicolacci-da-Costa (14) também se interessou em saber como as mães fazem uso de celulares. Realizou então, uma pesquisa com mães de jovens na faixa etária dos entrevistados na pesquisa anterior. Foram entrevistadas 20 mães que mantêm contato telefônico constante com seus filhos. A entrevista partia de um roteiro, que poderia ser desmembrado no decorrer de cada entrevista. As entrevistas foram transcritas e analisadas inter-sujeitos e intra-sujeitos. A análise dos resultados indicou que, para todas as mães, a principal função do celular é a de controlar seus filhos. No entanto, percebem diferenças entre esse controle e o que os seus pais exerciam sobre elas. Na discussão desse tema, Nicolacci-da-Costa (14) descreve que teorias contemporâneas sobre controle e vigilância apontam de fato para uma substituição de um controle coercitivo para o “ter conhecimento” do que acontece. Para ela, essa nova forma de controle é característica da Era da Informação.

O contato por voz à distância foi possibilitado inicialmente pela telefonia fixa e tempos depois, o surgimento do celular possibilitou uma ampliação do uso dessa forma de contato. Com relação aos materiais de comunicação conceituados por Kerbrat-Orecchioni (5), a comunicação por voz (telefonia fixa e celular) permite o acesso ao material verbal e para-verbal, este último

representado, entre outros, pela entonação, pausas e velocidade da fala. Os materiais não verbais não são captados por essa modalidade de contato.

1.2.3. Contatos por meio da escrita

Segundo Carvalho e Manoel (15), a invenção da escrita ocorreu no terceiro milênio antes de Cristo. De forma geral, as primeiras manifestações geralmente reconhecidas de escrita são a escrita cuneiforme dos assírios e babilônios e os hieróglifos do Egito. No que se refere aos assuntos abordados pela comunicação escrita, são exemplos, os textos religiosos, as leis, os registros de bens, os textos artísticos e os registros do conhecimento formal e científico. Essa modalidade de contato é usada também como forma de comunicação direta entre as pessoas, permitindo contatos à distância, com obtenção de resposta do destinatário, o que pode ser feito por cartas e similares.

A partir do século XIX, foi possível a transmissão, em tempo real, da palavra escrita, inicialmente por meio do telégrafo, com a codificação e transmissão da palavra escrita por todo o globo terrestre. Outros desenvolvimentos tecnológicos mais recentes (séc. XX) permitiram que a palavra escrita passasse a ser transmitida por diferentes meios eletrônicos, incluindo o Telex, o computador (inicialmente de grande porte, depois o PC) e, a partir da existência deste equipamento, a internet. Com o advento da internet e da telefonia celular a resposta em contatos por escrito passou a ser obtida de forma muito mais rápida e ampla. Atualmente, diversos são os equipamentos utilizados nesses contatos: computador, *tablet*, telefone celular, entre outros, sendo importante destacar, que muitos deles, como o computador e o celular também podem ser utilizados para os contatos por voz. Diversas também são as opções de comunicação nesta modalidade: e-mail, *MSN Messenger (instant messaging program* – programa de mensagens instantâneas), *SMS (short message service* - serviço de mensagens curtas), entre outros. Esses equipamentos e opções permitem a transmissão da escrita e a manutenção de diálogos, em tempo real, entre duas ou mais pessoas, e, mesmo, entre grupos de pessoas em diferentes partes do mundo.

Os avanços tecnológicos, que passaram a possibilitar o contato por voz à distância e o contato por escrito em tempo real, têm sido discutidos por diferentes autores. Para Castells (16), cada cultura é mediada e determinada por sua comunicação. Afirma que todos os sistemas de crenças e códigos que foram produzidos historicamente nas diferentes culturas estão passando por

transformações fundamentais pelo novo sistema das tecnologias de informação¹, e ainda se transformarão mais com o passar do tempo. Castells (16) enfatiza a possibilidade de transformações culturais pelas tecnologias de informação, afirmando que elas: “não são simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos. Usuários e criadores podem tornar-se a mesma coisa. Dessa forma, os usuários podem assumir o controle da tecnologia como no caso da internet”. (p.69). Ressalta ainda, que essa integração entre “mentes e máquinas” altera todo o modo como vivemos. Afirma que a partir da observação de “mudanças extraordinárias em nossas máquinas e conhecimentos sobre a vida com a ajuda de tais máquinas e conhecimentos, está havendo uma transformação tecnológica mais profunda: a das categorias segundo as quais pensamos todos os processos”. (p. 111).

Nicolaci-da-Costa (11) aborda a internet, afirmando que ela “introduziu possibilidades antes impensáveis no centenário contexto das telecomunicações via telefone” (p. 53), como poder ter acesso a qualquer tipo de informação e entrar em contato com qualquer outro usuário. Nicolaci-da-Costa (17) ressalta que a internet “é um espaço de vida alternativo, no qual a escrita é o meio privilegiado de comunicação e de experimentação de novas formas de ser. O sujeito contemporâneo escreve – ou melhor, tecla – para se comunicar, escreve para construir personagens, escreve para informar, escreve para construir relacionamentos, escreve para registrar pensamentos, escreve para dar sentido às suas experiências múltiplas e diversificadas etc.” (p. 81). Destaca ainda que o sujeito contemporâneo pode assinar o que escreve ou ficar anônimo.

Uma possibilidade relativamente recente de contato, possibilitada pelo advento da internet, foi a criação das chamadas redes sociais. Essas redes são definidas por Pinheiro (18) como “ferramentas *on-line* que os usuários utilizam para compartilhar opiniões, ideias, experiências, gostos, hábitos, amigos”. (p. 47).

Segundo Nicolaci-da-Costa (11), esta utilização da internet como ferramenta para a socialização é marcada por reações negativas radicais. Dedicou um estudo para o questionamento dessas reações, confrontando as ideias sociológicas de Bauman, com resultados de pesquisas internacionais e nacionais. Sua posição é a de que é importante conhecer profundamente os meios que constroem a subjetividade contemporânea, antes de criticá-los radicalmente, como se

¹ Castells inclui no termo “tecnologias de informação”: o conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (hardware e software), telecomunicações/rádiodifusão e optoeletrônica.

qualquer mudança fosse negativa. Nicolaci-da-Costa (17) afirma: “do momento em que partimos do pressuposto de que o social (suas estruturas, instituições, dinâmica, processos, tecnologias) constrói o psicológico, temos que conhecer as características desse social para que possamos investigar suas consequências psicológicas”. (p.74).

Com relação à internet, Nicolaci-da-Costa (17) defende que esta tecnologia faz parte do conjunto de tecnologias que está tornando possível a emergência de uma nova “era”, que tem como principais características, “a integração, a globalização, a relativização, o imediatismo, a agilidade, a derrubada de fronteiras, a extraterritorialidade, o nomadismo etc” (p.74-75). Afirma que uma das fortes consequências da internet é a emergência de uma nova “configuração psíquica”, que traz impactos profundos em praticamente todos os setores da vida social e pessoal dos indivíduos. Considera que os impactos diretos são gerados pela interação dos usuários com a rede de computadores ou por meio dela. E aborda os impactos indiretos como aqueles que incidem tanto sobre os usuários da rede quanto sobre os que podem não ser usuários, pois ambos sofrem as alterações introduzidas pela internet no mercado de trabalho, no acesso à informação, na educação e outros setores. Dentre as modificações trazidas por essa tecnologia, Nicolaci-da-Costa (4) descreve: “a geração de novos espaços de vida, as alterações, de amplo alcance nos estilos de agir, de viver e de ser dos homens e mulheres que lhes foram contemporâneos e a proliferação de vocábulos que expressam novos interesses, novas necessidades, novas formas de vida, novos relacionamentos, novos conflitos, etc.” (p. 195).

No que se refere à proliferação de vocábulos, um comentário frequente é referente a uma linguagem muito própria utilizada para conversas por escrito pela internet e por torpedos em celulares. Zolnerkevic (19) relata que físicos e linguistas que pesquisaram a evolução do vocabulário de comunidades *on-line* chegaram ao resultado de que a disseminação de palavras pelos usuários aumenta a frequência do uso dessas palavras. Outro resultado desses estudos indicou que as pessoas de determinado grupo de uma rede social se esforçam para escrever de acordo com as peculiaridades desse grupo, como forma de se posicionarem socialmente.

Quanto à frequência do uso, os dados indicam que o Brasil, segundo o IBOPE-2013 (20) tem 53,5 milhões de usuários ativos de internet, sendo que aproximadamente 86% desses utiliza algum tipo de rede social. Esse total de usuários de rede sociais vem seguindo uma tendência constante de crescimento. O IBOPE (20) informa que, exclusivamente com relação ao *twitter*, os

usuários totalizavam 31,6 milhões de pessoas em 2009, saltando para 33,7 em 2010. Em 2011 já atingia 37,9 milhões de usuários.

No que se refere ao contato por escrito no mundo atual, constata-se grande ampliação e sofisticação tecnológica dos instrumentos que o viabilizam. Dentre estes, os que possibilitam o contato por internet tem alta adesão dos usuários, observando-se também, um destaque na literatura recente para essa forma de contato, em relação às demais formas de contato por escrito, tanto em pesquisas na área de Humanas, quanto em levantamentos que quantificam o número de usuários.

Em termos da classificação de Kerbrat-Orecchioni (5), o contato por escrito permite a apreensão dos materiais verbais. Entretanto, com uma ampliação do conceito, pode-se considerar que é possível a apreensão parcial de materiais para-verbais, se estes forem entendidos como passíveis de apreensão por outros canais, além do auditivo. Considera-se que no contato por escrito podem ser considerados como equivalentes aos materiais para-verbais: a utilização de pontuação, variações no tamanho da fonte, ilustrações, entre outros. Os materiais não verbais, em princípio, não podem ser apreendidos nessa modalidade de comunicação, embora também possam ser parcialmente representados por formas alternativas, tais como ilustrações, cores e texturas do texto e do fundo, entre outros.

O estudo do impacto das diferentes formas de contato entre pessoas na sociedade contemporânea é relevante para todas as faixas etárias, mas especialmente interessante na adolescência, período de aquisições e modificações importantes, no que se refere ao processo de desenvolvimento.

1.3. Adolescência

O Dicionário Houaiss, versão *online*², traz duas acepções para o termo “adolescência”, a saber: “1 - fase do desenvolvimento humano caracterizada pela passagem à juventude e que começa após a puberdade, 2 - fase, momento de alguma coisa que se caracteriza pelo viço, pelo frescor; juventude, mocidade”. Traz, também, a definição de puberdade como “período de transição entre a infância e a adolescência, no qual ocorre o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários e a aceleração do crescimento, levando ao início das funções reprodutivas”.

²Dicionário Houaiss, <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=adolesc%25C3%25Ancia> e <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=puberdade>, consulta no dia 17-01-2014.

Para a Organização Mundial da Saúde (21), a adolescência abrange a faixa etária de 10 a 19 anos e representa uma das importantes transições de ciclos da vida. Os determinantes biológicos desta transição são considerados universais, e envolvem, centralmente, o início da puberdade. A definição e a duração de algumas modificações biológicas e de outros aspectos característicos da adolescência podem variar de acordo com as culturas e as condições socioeconômicas. Dentre esses aspectos, são destacados: maturação física e sexual, iniciativa para a independência econômica e social, desenvolvimento de identidade, aquisição de competências necessárias para os relacionamentos e para os papéis adultos e a capacidade de raciocínio abstrato. A Organização Mundial da Saúde (21) destaca ainda que mudanças no cenário global influenciam direta ou indiretamente o desenvolvimento da adolescência, tais como: início mais precoce da puberdade, idade mais tardia para o casamento, a urbanização, a comunicação global e mudanças de atitudes e comportamentos sexuais.

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (22) define que até os 12 anos incompletos a pessoa é considerada como criança, e a adolescência é determinada como a faixa etária que abrange as idades entre 12 e 18 anos.

Trassi e Malvasi (23), em revisão de literatura, lembram que diversos autores apresentam a noção de que a adolescência se inicia com a puberdade, definindo-a como marcada por importantes mudanças no corpo infantil e pela intensificação na constituição da subjetividade.

Um dos autores que abordou a questão foi Freud, ao apresentar os estágios de desenvolvimento psicosssexual, e dar destaque ao período genital, correspondente à adolescência. A partir das ideias de Freud, e com maior ênfase em aspectos psicossociais, Erikson (24), propôs que em cada etapa da vida, a pessoa se vê diante de desafios a serem superados. O primeiro estágio, por exemplo, é apresentado pela dicotomia confiança *versus* desconfiança, e a superação é representada pela virtude da esperança. No que se refere ao período da adolescência, Erikson (24) considera que se trata do desafio entre a busca de identidade *versus* a confusão de papéis, e cuja superação se dá pela virtude da fidelidade, relativa à coerência em relação à identidade que se busca construir. O autor destaca que esse estágio é marcado, em termos biológicos, por uma “revolução fisiológica” de maturação genital e, em termos psicológicos, pela incerteza com relação aos papéis adultos. Diante dessa incerteza de papéis, os adolescentes “parecem muito preocupados com as tentativas mais ou menos excêntricas de estabelecimento de uma subcultura adolescente e com o que parece ser mais uma final do que uma transitória, ou, de fato, inicial

formação de identidade”. (p. 129). Desse modo, para Erikson (24) a construção da identidade é uma ideia central na concepção da adolescência. Afirma que os adolescentes se mostram preocupados com o que possam parecer perante os demais, em comparação com o que eles próprios julgam ser. Coloca também a preocupação dos adolescentes com a questão de como associar os papéis e aptidões cultivados em etapas anteriores do desenvolvimento aos protótipos ideais de seu momento atual. Lembra, ainda, que os adolescentes se preocupam em poder agir por sua livre escolha, sem serem obrigados a atuar em atividades que seriam vergonhosas aos seus olhos ou aos olhos de seus pares. Essa livre escolha é buscada também em formas de expressão. Para Erikson (24), os adolescentes apresentam resistência aos modelos sociais que tentam lhes impor modelos rígidos de conduta. Outra questão que Erikson (24) coloca a respeito da adolescência é que nesta fase os indivíduos são mais aptos na exploração das tendências tecnológicas em expansão, identificando-se com os novos papéis de competência e invenção.

Ainda na perspectiva psicanalítica, Aberastury e Knobel (25) apontam para o fundamento psicobiológico que atribui características universais à adolescência. Afirmam que na puberdade ocorrem mudanças físicas em três níveis: sexual (produção de óvulos e espermatozoides maduros), desenvolvimento de características primárias sexuais (pênis, testículos, útero e vagina) e desenvolvimento de características sexuais secundárias (maturação de mama, modificação da cintura escapular e da cintura pélvica, crescimento de pelos pubianos e alterações na voz). A essas mudanças físicas, Aberastury e Knobel (25) afirmam que se somam mudanças fisiológicas, em termos de crescimento e alterações de peso e proporção de corpo. Descrevem ainda, modificações no esquema corporal, de modo que a representação mental que o indivíduo tem de seu próprio corpo também se modifica. A partir das mudanças em nível psicobiológico, os autores destacam que na adolescência, os valores do ambiente social são apropriados pelo indivíduo, que vai gradualmente formando um sentido de identidade. Assim, para o estabelecimento da identidade adulta, o adolescente, de um lado, se apoia nas etapas anteriores de desenvolvimento, especialmente no que se refere às relações iniciais com os pais e, com base nos elementos biofísicos em desenvolvimento, vai verificando a realidade que o meio social lhe oferece. Esse ciclo, para Aberastury e Knobel (25), só é possível mediante o abandono (luto, nas palavras dos autores) da identidade infantil e construção de identidade própria.

Sob a perspectiva histórico-cultural, Trassi e Malvasi (23) consideram o conceito de adolescência bastante relativo, destacando que o mesmo apresenta variações em diferentes

momentos da história da humanidade e em diferentes contextos sociais. Afirmam que, em algumas culturas, nem existe um conceito para definir essa etapa que chamamos de adolescência, embora existam termos para se referir à puberdade. Para Trassi e Malvasi (23), existe um grau de generalização das características psicossociais relacionadas à adolescência que é questionável, dadas as diferenças nos ambientes de crescimento e desenvolvimento, em termos psicossociais, econômicos e culturais. Os autores (23) consideram determinadas alterações orgânicas como fatos comprovados, que ocorrem ao longo do desenvolvimento, mas não as compreendem como definidoras, *per se*, do desenvolvimento psicológico. Segundo eles,

“Essas alterações biológicas poderão ser maximizadas ou minimizadas em seus efeitos de conduta, dependendo dos ritos sociais que cercam essa passagem (por exemplo, o controle da conduta social), ou dos aspectos singulares da biografia do adolescente (como a ruptura precoce de vínculos familiares), ou de determinada condição de vida objetiva; a pobreza, por exemplo, poderá implicar que esse aspecto biológico deixe de ser significativo porque, independentemente dele, o sujeito deverá ingressar no mundo de trabalho como provedor de renda familiar – função destinada ao adulto em nossa sociedade” (p.25).

Na mesma perspectiva, Bock (26) também apresenta questionamentos à concepção de determinados aspectos como naturais do desenvolvimento. Para essa autora (26), diferentes teóricos da Psicologia contribuíram para uma naturalização da adolescência, ao descreverem algumas características como “naturais” dessa fase do desenvolvimento. Bock (26) questiona, por exemplo, a questão das mudanças corporais. Destaca que elas realmente ocorrem nesta faixa etária, mas considera que essa ocorrência não define a adolescência como um fenômeno natural, e sim social, posto que as marcas corporais são significadas socialmente. Dessa forma, ao explicar sobre o desenvolvimento dos seios na menina e da massa muscular no menino, destaca que esses processos de fato acontecem em determinada fase da adolescência. No entanto, as formas de ver, sentir e atribuir significado a esses processos são determinadas pelo contexto histórico, sofrendo modificações ao longo do tempo. Bock (26) também questiona características psicológicas atribuídas à adolescência, como a confusão de papéis e a dificuldade em estabelecer uma identidade própria. Para a autora, essas características fazem com que o adolescente seja visto com desconfiança, e suas ações, como imaturas, levando a uma desvalorização do

adolescente perante o mundo adulto. Considera, ainda, que essa forma de compreender a adolescência oculta todo o processo social constitutivo desta fase.

Ainda sob a perspectiva histórico-cultural, Ozella (27) concebe o homem como um ser com características forjadas pelo tempo, sociedade e relações, e que, ao construir sua realidade, também se constrói. O autor (27) concebe a adolescência com base nessa mesma ideia de construção social, afirmando que a adolescência é um fato que passou a fazer parte da cultura enquanto significado, tendo sido construída historicamente.

Bock (26) compartilha dessa ideia e destaca que esse significado atribuído culturalmente à adolescência não é imutável. À medida que a ciência estuda e conceitua a adolescência, a sociedade vai resignificando esse momento e esperando que os adolescentes sigam determinadas condutas, de forma coerente com os diferentes contextos sociais. Dessa forma, a adolescência é social e histórica, podendo existir ou não, pode ser mais evidenciada em determinados grupos do que em outros e ter muitas possibilidades de expressão.

Dentre essas diferenças, destacam-se aspectos que são típicos de sociedades urbanas, com acesso à tecnologia, e em que a maioria dos adolescentes, especialmente os de classe média e alta, têm como tarefa central o estudo. Em relação a esses jovens, Trassi e Malvasi (23), afirmam que as novas gerações vivenciam uma realidade na qual “tudo pode acontecer ao mesmo tempo” (p.53) e que essa sensação de aceleração do tempo se deve à superabundância de fatos e informações, típica das novas tecnologias.

1.4. Desenvolvimento de habilidades sociais

Dentre os aspectos relevantes para o desenvolvimento humano, tem sido destacado, recentemente, o desenvolvimento de habilidades sociais, vistas como relevantes para o desempenho na escola e, futuramente, no mundo do trabalho. Del Prette e Del Prette (28) destacam que os comportamentos que ocorrem nas interações sociais podem ser agrupados em habilidade sociais ou antissociais. Com relação às habilidades sociais, Del Prette e Del Prette (28) assim denominam as diferentes classes de comportamentos sociais, que, estando disponíveis no repertório de uma pessoa, contribuem para a qualidade e efetividade de suas interações com os demais. E definem que os comportamentos antissociais são referentes à agressividade, e podem ser tanto verbais quanto físicos, destacando que os verbais incluem ameaças, xingamentos e ironias, percebendo-se que podem ser sutis.

Para Del Prette e Del Prette (29), dois aspectos devem ser considerados na caracterização das habilidades sociais: suas funções e suas formas de resposta. Concebem a ideia de que as diferentes combinações entre as características funcionais e formais de determinadas respostas sociais caracterizam um amplo conjunto de habilidades sociais, que podem ser classificadas como: “de comunicação, de assertividade, empáticas, de solução de problemas, dentre outras. Cada uma dessas classes é geralmente composta por subclasses, como, por exemplo, perguntar, responder, concordar, discordar, instruir, questionar”. (p.518).

No que se refere à importância das habilidades sociais, Del Prette e Del Prette (30) destacam que o desenvolvimento de um bom repertório dessas habilidades pode proteger o indivíduo de problemas sociais (como desemprego, problemas escolares e de comportamento) ou distúrbios psicológicos. Afirmam que essa proteção ocorre porque as pessoas competentes no que se refere às habilidades sociais desenvolvem relações mais produtivas e duradouras, melhor saúde física e mental e maior satisfação e motivação pessoal.

Com relação à infância e adolescência, Prette e Prette (30) destacam que déficits em habilidades sociais nessas etapas do desenvolvimento podem comprometer fases posteriores do ciclo vital. Descrevem, ainda, a existência de evidências de que esses déficits se relacionam a problemas psicológicos, como: condutas antissociais, desajuste escolar, suicídio, problemas de relacionamento e depressão.

Considerando essas possíveis consequências de déficits em habilidades sociais, não somente na infância e adolescência, mas em todas as etapas da vida, Del Prette e Del Prette (31) evidenciam a necessidade de instrumentos de avaliação dessas habilidades, que possibilitem o planejamento e o aperfeiçoamento de procedimentos de intervenções. Dentre outros instrumentos, os autores criaram o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA), a ser descrito mais detalhadamente na seção de Metodologia do presente trabalho. A aplicação do IHSA poderá permitir uma caracterização de diferentes aspectos do desenvolvimento social em adolescentes de nosso país e contribuir para a compreensão de um processo do desenvolvimento que está sujeito a múltiplas influências de origem orgânica e cultural, em constante interação.

2. JUSTIFICATIVA DO PRESENTE ESTUDO

Frente ao cenário de ampliação de formas de contato, coloca-se uma questão em relação ao uso dos novos meios de comunicação, especialmente no que se refere aos adolescentes. Trata-se do questionamento sobre o quanto e de que forma esses novos meios estão sendo utilizados pelos adolescentes. Considerou-se relevante investigar o uso dos diferentes meios de contato, por adolescentes com diferentes níveis de habilidades sociais. Foram levadas em conta diferentes modalidades de contato social, a saber: contato face a face, por voz e por escrito, buscando-se identificar e descrever o que os adolescentes relatam sobre as diferenças entre essas formas de interação.

2.1. OBJETIVOS

2.1.1. Objetivo Geral

Descrever e analisar como adolescentes de 14 a 18 anos, com diferentes níveis de habilidades sociais, utilizam diferentes modalidades de contato social, a saber: face a face, por voz e por escrito.

2.1.2. Objetivos Específicos

- a) Identificar e analisar habilidades sociais apresentadas por uma amostra de adolescentes na faixa etária de 14 a 18 anos.
- b) Identificar e analisar o uso de modalidades de contato social (face a face, por voz e por escrito) em adolescentes na faixa etária de 14 a 18 anos, com diferentes níveis de habilidades sociais.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho compreende duas etapas, que correspondem aos dois objetivos específicos anteriormente explicitados. A primeira etapa constou da aplicação do IHSA em 60 participantes, e a segunda, da entrevista com nove dentre esses participantes, selecionados a partir de seu escore no IHSA.

Trata-se de pesquisa descritiva, definida por Gil (32) como aquela que se destina à “descrição das características de determinada população” (p. 27), e que também pode ter a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis.

3.1 Aspectos éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Unicamp (parecer 62823/2012).

Cada escola que permitiu a realização da pesquisa assinou um Termo de Autorização (modelo no Apêndice A).

Foram elaborados Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) na seguinte conformidade: a) Para cada etapa, o representante de cada escola assinou um TCLE (modelos nos Apêndices B e C). b) Os alunos (no caso dos estudantes com 18 anos completos) ou os responsáveis (no caso dos estudantes que ainda não tinham 18 anos completos) assinaram um TCLE para cada etapa (modelos nos Apêndices D e E).

3.2. Participantes

Primeira etapa

Os participantes foram selecionados em três escolas particulares do município de São Paulo (zonas Leste e Sudeste). Todas as escolas tinham o ciclo completo de ensino, do berçário ao Ensino Médio. O padrão socioeconômico dos alunos era caracterizado como de classe média. Os participantes dessa etapa foram 60, caracterizados na Tabela 1.

Tabela 1: Caracterização dos adolescentes participantes da primeira etapa (IHSA) por ano escolar, idade e gênero.

Ano no Ensino Médio	14 anos		15 anos		16 anos		17 anos		18 anos		Total
	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	
1°	2	2	13	7	0	3	1	1	0	0	29
2°	0	0	0	0	3	4	1	0	1	2	11
3°	0	0	0	0	1	1	6	9	1	2	20
Subtotal	2	2	13	7	4	8	8	10	2	4	60
Total	4		20		12		18		6		60

Observa-se na Tabela 1 que a maior parte dos participantes estava na faixa entre 15 e 17 anos, com maior total para a idade de 15 anos, seguida pelos participantes com 17 anos. De 14 e 18 anos participaram poucos alunos. No total, observou-se similaridade na quantidade de participantes dos gêneros masculino (29) e feminino (31). No que se referiu ao ano cursado no Ensino Médio, observou-se um predomínio de participantes no 1° ano, seguidos pelos de 3° ano, sendo menor a quantidade de participantes do 2° ano.

Segunda etapa

Foram selecionados nove dos participantes da primeira etapa (descrição detalhada na seleção no item Procedimentos de coleta de dados) para participação na segunda etapa, com caracterização apresentada na Tabela 2.

Tabela 2: Caracterização dos adolescentes participantes da segunda etapa (entrevista) por escore de dificuldade no IHSA, idade, gênero e ano escolar.

Escore de dificuldade no IHSA	Participante	Idade	Gênero	Ano escolar
Baixa	M1	15	Masc.	1°.
	F2	15	Fem.	1°.
	M3	14	Masc.	1°.
	F4	15	Fem.	1°.
Média	F5	16	Fem.	2°.
	F6	15	Fem.	1°.
	M7	16	Masc.	1°.
Alta	M8	14	Masc.	1°.
	F9	15	Fem.	1°.

Legenda da Tabela 2:

- M na frente do número do participante indica sexo masculino.
- F na frente do número da participante indica sexo feminino.

O exame da Tabela 2 mostrou que os participantes tinham idades entre 14 e 16 anos, com predomínio da idade de 15 anos. Em questão de gênero, a quantidade foi semelhante (5 do gênero feminino e 4 do gênero masculino). Com relação ao ano escolar, o predomínio foi de alunos do primeiro ano do Ensino Médio, havendo um único participante do segundo ano.

3.3. Instrumentos e materiais

Primeira etapa

Na primeira etapa do estudo foi utilizado o Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA), desenvolvido por Del Prette e Del Prette (31). Este inventário é um instrumento de autorrelato, padronizado, para avaliação de habilidades sociais em adolescentes, destinado à população de 12 a 17 anos. Os adolescentes respondem sobre a frequência e a dificuldade com as quais reagem a diferentes situações relativas às interações sociais. Essas situações, segundo Del Prette e Del Prette (31), foram por eles elaboradas de modo a contemplar diferentes interlocutores e contextos. Dentre os diferentes interlocutores, alguns exemplos são: familiares, colegas, amigos e pessoas de autoridade. Com relação aos diferentes contextos, são exemplos situações que envolvem relações familiares, escolares, de lazer e de trabalho. Del Prette

e Del Prette (31) destacam que a interpretação desses dados possibilita a avaliação do repertório de habilidades sociais dos adolescentes nos indicadores de “dificuldade” e “frequência” (terminologia dos autores). A avaliação possibilita tanto a interpretação dos escores de “dificuldade” e “frequência” para análise das habilidades sociais dos adolescentes de um modo geral, quanto a interpretação desses escores em termos de classes de habilidades sociais, a saber: autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, fazer amizades, solução de problemas interpessoais e habilidades sociais acadêmicas. Essas classes são específicas do IHSA, sendo distintas das avaliadas nos outros instrumentos criados pelos autores para outras faixas etárias, que também avaliam classes distintas de habilidades sociais entre si.

Segunda etapa

A segunda etapa do estudo constou de uma entrevista aplicada de forma parcialmente estruturada a cada um dos nove participantes. Segundo Gil (32), a entrevista parcialmente estruturada é orientada por pontos de interesse, que o entrevistador vai explorando durante o curso da entrevista. No presente estudo, os pontos de interesse foram arrolados em um roteiro de questões, relativas ao uso das diferentes modalidades de contato adotadas pelos entrevistados (face a face, por voz e por escrito). Os itens do Roteiro de Entrevista incluíram: interlocutor; local, frequência, duração e períodos do ano dos contatos; conteúdos abordados; incentivos e restrições, aspectos a favor (prós) e aspectos contrários (contras) ao uso ao uso das diferentes modalidades; percepção de facilidades e de dificuldades e avaliação do próprio desempenho.

Nas entrevistas, foram utilizados gravador (áudio), papel e caneta para anotação das respostas.

3.4. Procedimentos de coleta de dados

Primeira etapa

A aplicação do IHSA foi realizada de forma coletiva³, formando-se grupos em cada uma das escolas, que cederam salas para a aplicação do inventário.

Para aplicação, foram utilizados Cadernos de Registro, fornecidos juntamente com o IHSA, que contêm cabeçalho, instruções para a realização do inventário, questões e alternativas de

³ A pesquisadora realizou a aplicação, tendo a habilitação devida para realizá-la e o teste está aprovado pelo CFP (Conselho Federal de Psicologia).

respostas a serem assinaladas. O material de correção deste instrumento é um *software*, fornecido pela editora do teste, de uso exclusivo dos psicólogos.

Segunda etapa

Seleção de participantes para a segunda etapa:

A partir dos escores de “dificuldade” no IHSA, foram convidados os participantes que obtiveram os seguintes percentis: baixa dificuldade (percentil 0 a 25), média dificuldade (percentil 45 a 55) e alta dificuldade (percentil 75 a 100) em habilidades sociais. No total foram convidados 41 participantes: 20 com percentil indicador de baixa dificuldade em habilidades sociais (abrangendo o total de participantes com essa classificação), 11 com indicação de média dificuldade e 10 com indicação de alta dificuldade (abrangendo o total de participantes com essa classificação). Destes, quatro não foram localizados, sendo: um participante com classificação correspondente a baixa dificuldade, um com classificação correspondente a média dificuldade e dois com classificação correspondente a alta dificuldade.

Tabela 3: Caracterização dos adolescentes que se recusaram a participar da entrevista, por escore no IHSA (“dificuldade”), idade, gênero e ano escolar.

Escore de dificuldade no IHSA	Idade		Gênero		Ano escolar			Total
	14-15 anos	16-18 anos	F	M	1°.	2°.	3°.	
Baixa	06	09	07	08	06	02	07	15
Média	01	07	03	05	03	00	05	8
Alta	01	04	02	03	03	01	01	5
Total	08	20	12	16	12	03	13	28

A análise dos dados da Tabela 3 mostrou que 28 participantes se recusaram a participar da entrevista, estando 15 deles na classificação de baixa “dificuldade” em habilidades sociais, oito na de média “dificuldade” e cinco na de alta “dificuldade”. Lembrando que o total de participantes localizados foi 37, verifica-se uma recusa de 76%. Considerando a proporção por nível de habilidades sociais, identificou-se que: 79% dos convidados com escores na faixa de baixa “dificuldade” em habilidades sociais recusaram a participação, assim como 80% dos

convidados com escores na faixa de média “dificuldade” e 62,5% dos convidados com escores na faixa de alta “dificuldade”.

Realização das entrevistas da segunda etapa:

As entrevistas foram realizadas individualmente, em salas cedidas pelas escolas. Com relação às questões, todos os itens do roteiro referentes a uma determinada modalidade de contato foram abordados, antes de passar para a próxima modalidade, na sequência: “face a face”, “por voz” e “por escrito”. Eventualmente, perguntas de esclarecimento foram feitas fora da ordem do roteiro.

3.5. Procedimentos de análise de dados

Primeira etapa

A análise de dados da primeira etapa teve início com a correção informatizada do IHSA, levando à obtenção de percentis relativos aos escores de “dificuldade” e “frequência” em habilidades sociais dos participantes.

A Tabela 4 reproduz as informações sobre interpretação dos percentis, de acordo com Del Prette e Del Prette (31).

Tabela 4: Interpretação dos percentis de escores de “frequência” e “dificuldade” do IHSA, segundo Del Prette e Del Prette, 2009, p.22.

Classificação por percentis de escores	Interpretação dos percentis de frequência	Interpretação dos percentis de dificuldade
1-25	Repertório abaixo da média inferior em habilidades sociais.	Baixo custo de resposta ou
26-35	Repertório médio inferior em habilidades sociais, com resultados abaixo em grande parte dos itens.	ansiedade na emissão das habilidades.
36-65	Bom repertório de habilidades sociais, com resultados dentro da média na maioria dos itens ou equilíbrio entre recursos e déficits nesses itens.	Médio custo de resposta ou ansiedade na emissão das habilidades.
66-75	Repertório elaborado de habilidades sociais, com resultados acima para a maior parte dos itens.	Alto custo de resposta ou ansiedade na emissão das habilidades.
76-100	Repertório altamente elaborado de habilidades sociais, com resultados acima da média para praticamente todos os itens.	

A análise dos dados envolveu a descrição estatística dos resultados dos participantes no IHSA. Foi utilizado o teste não paramétrico Mann-Whitney para comparação do efeito do gênero no resultado médio de “dificuldade” e “frequência” no IHSA e os testes de Correlação de Spearman e de Correlação para verificação das correlações relativas às variáveis de dificuldade e frequência no IHSA em participantes de diferentes idades. Foi também usado o teste Kruskal-Wallis para as variáveis indicadoras de “dificuldade” e “frequência” no IHSA em relação à escola dos participantes e em relação ao ano escolar dos participantes.

Segunda etapa

A segunda etapa envolveu a análise de conteúdo das entrevistas, definida por Bardin (33) como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”. (p. 48).

Como primeira tarefa, as entrevistas foram transcritas (Apêndice F). Os itens do Roteiro de Entrevista foram considerados eixos temáticos e, a partir da leitura das transcrições, foram elaboradas categorias e subcategorias de análise para cada um desses eixos. As tabelas de G16 a G28 (Apêndice G) apresentam os eixos temáticos, categorias e subcategorias adotados na análise, bem como os critérios para classificação das falas dos entrevistados. É importante ressaltar que as categorias não eram mutuamente exclusivas para alguns dos eixos temáticos, a saber: Interlocutor, Local dos contatos, Conteúdos abordados, Incentivos ao uso, Restrições ao uso, Aspectos a favor (prós) do uso, Aspectos contrários (contras) ao uso, Percepção de facilidades e Percepção de dificuldades. Dessa forma, para esses eixos temáticos, a contagem de categorias poderia ter totais superiores ao número de participantes. Para outros eixos temáticos, as categorias eram mutuamente exclusivas, a saber: Frequência dos contatos, Duração dos contatos, Períodos do ano dos contatos e Avaliação do próprio desempenho.

4. RESULTADOS

Primeira etapa

A apuração dos resultados do IHSA possibilitou a classificação das habilidades sociais dos participantes, em termos dos percentis dos escores de “dificuldade” e “frequência”, conforme apresentação na Tabela 5.

Tabela 5. Valores brutos e percentuais dos escores de “frequência” e “dificuldade”, de acordo com a posição percentil dos escores do IHSA.

Classificação por percentis de escores	Frequência		Dificuldade	
	N	%	N	%
1-25	09	15,0	20	33,3
26-35	07	11,7	07	11,7
36-65	23	38,3	18	30,0
66-75	05	8,3	05	8,3
76-100	16	26,7	10	16,7
Total	60	100,0	60	100,0

Os dados da Tabela 18, interpretados com base em Del Prette e Del Prette (Tabela 4) mostraram que, no que se refere à “frequência”, a maioria dos resultados (73,3%) envolveu percentis nas faixas de 36-65 (bom repertório de habilidades sociais), 66-75 (repertório elaborado de habilidades sociais) e 76-100 (repertório altamente elaborado de habilidades sociais). Com relação à “dificuldade”, a maioria (75%) dos resultados envolveu percentis nas faixas de 36-65 (médio custo de resposta ou ansiedade em habilidades sociais), 1 a 35 (baixo custo de resposta ou ansiedade em habilidades sociais). Dessa forma, observou-se que a maioria dos participantes se considera com um bom repertório de habilidades sociais e com pouca dificuldade na expressão de reações indicadoras dessas habilidades.

A descritiva estatística dos dados gerais do IHSA é apresentada na tabela 6.

Tabela 6: Descritiva estatística para idade, “dificuldade” e “frequência” dos adolescentes respondentes do IHSA.

	N	Média	DP	Mediana	CV	Q1	Q3	Min	Max	IC
Idade	60	16,03	1,15	16	7%	15	17	14	18	0,29
Dificuldade	60	43,52	29,92	40	62%	20	66,25	1	97	6,81
Frequência	60	57,28	25,50	60	45%	35	80	1	99	6,45

Legenda da tabela 6

N: total de participantes / DP: Desvio Padrão / CV: coeficiente de variação / Q1 e Q3: primeiro e terceiro quartil / Min: Mínima / Max: Máxima / IC: intervalo de confiança.

Os dados da Tabela 6 mostraram que, com relação à idade, a amostra está adequada em todos os índices. A média e a mediana estão próximas e o desvio padrão é aproximado também. Os demais índices indicam que, com relação às idades, as respostas não apresentam variabilidade.

Com referência à “dificuldade” e “frequência”, os dados apresentados relativos à média e à mediana também estão aproximados, porém, com alto desvio padrão, que juntamente com o CV (coeficiente de variação) indicam razoável variação nesses parâmetros (“dificuldade” e “frequência”). Os valores de Q1 (primeiro quartil) e Q3 (terceiro quartil), assim como, de mínima e máxima apresentam alta dispersão, o que também indica variação nos parâmetros de “dificuldade” e “frequência”. Com relação ao IC (intervalo de confiança), observam-se valores que são maiores do que o indicado para idade. No caso da idade, esse índice indica claramente convergência da amostra, o que não ocorre na avaliação da “dificuldade” e da “frequência”. Essas variações indicam que a amostra não é homogênea, no entanto, está próxima ao modelo de padronização dos autores, conforme será exposto.

Com relação ao grupo amostral da padronização do instrumento, Prette e Prette (31) destacam que referente à dificuldade, os valores da média e da mediana foram próximos e o valor da mediana foi aproximado tanto em sua distância com o primeiro quartil, quanto com o terceiro. Unicamente a análise de distância entre o máximo e o terceiro quartil indicou alta dispersão da amostra.

No que se refere à frequência, no grupo amostral da padronização do instrumento, os dados foram similares aos de dificuldade. Média e mediana foram próximas, assim como a distância

entre a mediana e os Q1 e Q3. A distância entre o máximo e o terceiro quartil e o mínimo e o primeiro quartil indicou alta dispersão da amostra. Del Prette e Del Prette (31) argumentam⁴ que de acordo com o tamanho da amostra os valores obtidos em frequência ainda indicam uma boa distribuição simétrica.

Para a amostra deste estudo foram realizadas também outras comparações. Foram comparados os efeitos da idade, escola, gênero e ano escolar, ao resultado médio de “dificuldade” e “frequência” no IHSA. Nenhuma diferença estatística significativa foi encontrada. As tabelas com esses dados (H29 a H32) estão no Apêndice H.

Em síntese, com relação à primeira etapa do trabalho, a análise estatística mostrou que a amostra foi homogênea na variável idade. Com relação à “dificuldade” e “frequência” a amostra foi heterogênea, com indicadores de alta variabilidade nas respostas dos participantes. Foi verificado que a variabilidade nas respostas de “dificuldade” e “frequência” não se relacionava às variáveis de gênero, idade, série escolar e escola dos participantes, tendo-se identificado a ausência de diferenças estatísticas significantes nessas quatro variáveis. A análise também identificou uma correlação negativa entre dificuldade e frequência nos escores dos participantes: quanto mais alto foi o escore de dificuldade, menor o de frequência e vice-versa. Os dados também permitiram a identificação de que as respostas da maioria dos participantes foram classificadas entre faixas de média a pouca dificuldade em habilidades sociais e de média a alta frequência de reações representativas de habilidades sociais.

Segunda etapa

Para a análise dos resultados da segunda etapa do estudo, foi realizada a análise de conteúdo a partir das transcrições das entrevistas. Foi realizada a categorização das respostas relativas à utilização das modalidades “face a face”, “por voz” e “por escrito” pelos participantes.

Foram realizados dois tipos de análise: a) frequência e porcentagem de categorias em relação a cada eixo temático, considerando as respostas dos nove participantes e b) comparação entre participantes com alta e baixa dificuldade em habilidades sociais com análise da ocorrência de categorias por três participantes com classificação na faixa de baixa “dificuldade” em habilidades

⁴ Del Prette e Del Prette³¹ fazem essa afirmação baseados em estatísticos que acompanharam a padronização do teste. Essas fontes não foram utilizadas no presente estudo.

sociais e três participantes com classificação na faixa de alta “dificuldade” em habilidades sociais.

a) frequência e porcentagem de categorias em relação a cada eixo temático, considerando as respostas dos nove participantes.

Foram apresentados os percentuais de cada subcategoria (ou “categoria”, nas tabelas sem subcategoria) nas tabelas de I33 a I45 do Apêndice I. Os percentuais iguais ou superiores a 15% foram indicados em negrito, para facilitar a visualização dos resultados.

Em alguns casos, mais de uma fala de um entrevistado era classificável na mesma subcategoria (ou categoria) de determinada tabela de classificação. Nesse caso, foi computada uma resposta, independentemente do número de falas classificáveis na mesma subcategoria (ou categoria, nas tabelas sem subcategoria). Ex: em resposta para a modalidade de contato “face a face”, eixo temático “conteúdo” (Tabela G17), se o participante respondeu “festas, passeios, cinema”, esta fala foi classificada na categoria “entretenimento/lazer” e foi computada uma única resposta (LAZ). Cabe ressaltar que esse tipo de ocorrência (mais de uma fala classificável na mesma categoria) foi bastante raro.

Os resultados da análise de frequência por categoria estão apresentados nas tabelas de 7 a 9, com indicação dos percentuais mais altos para cada categoria, por modalidade de contato.

Tabela 7. Frequência e porcentagem de categorias relacionadas aos eixos temáticos: interlocutor, local, frequência, duração e períodos do ano, por modalidade de contato (N=9).

Eixo temático	Face a face	Por voz	Por escrito
Interlocutor	-pessoas da família (pai e mãe: 18,3%; geral: 42%) -colegas (21,1%) -amigos (21,1%) -outros (15,8%)	-pessoas da família (pai e mãe: 25%; geral: 45%) -amigos (35%) -colegas e namorado (15%) -outros (5%)	-pessoas da família (pai e mãe: 13,7%; geral: 18,2%) - amigos (36,4%) -população em geral (22,9%) -colegas e namorado (13,5%) -outros (9%)
Local do contato	-própria casa (25,8%) -escola regular (32,2%) -locais de esporte/entretenimento (29,3%) - outros (12,7%)	- própria casa (54,5%) - em trânsito e inespecífico/qualquer lugar (36,2%) - escola regular (9,3%)	- própria casa (30,8%) - em trânsito (15,4%) - inespecífico/qualquer lugar (38,4%) - outros (15,4%)
Frequência do contato	-uso constante (diária: 88,9%; total 100%)	-uso constante (preferencialmente em dias úteis: 44,5%; geral:77,8%) - uso esporádico na semana (22,2%)	- diária (100%)
Duração do contato	- maior parte do dia (100%)	- até uma hora por dia (50%) - maior parte do dia (33,3%) - outros (11,1%)	- mais de uma hora por dia (25%) - maior parte do dia (62,5%) - outros (12,5%)
Períodos do ano	- uso estável ao longo do ano (100%)	- uso estável ao longo do ano (56%) -uso predominantemente em período letivo (44%)	- uso estável ao longo do ano (62,5%) - uso estável ao longo do ano, com exceção de períodos de prova (25%) - outros (12,5%)

Os dados da tabela 7 mostraram que, na modalidade “face a face”, os participantes destacaram contatos dirigidos para pessoas da família, colegas e amigos. Esses contatos ocorriam principalmente na casa dos participantes, na escola e em locais de lazer frequentados por eles. Quanto à frequência, duração e períodos do ano de realização desses contatos face a face, a tendência geral foi de contatos diários, na maior parte do dia e sem alterações ao longo do ano.

Na modalidade “por voz” as falas indicaram contatos dirigidos principalmente às pessoas da família e amigos e realizados principalmente em casa, e também em trânsito. Foi destacado o uso dessa modalidade preferencialmente em dias úteis, até de uma hora por dia, estável ao longo do ano para pouco mais da metade dos respondentes e com predominância no período letivo para os demais.

Na modalidade “por escrito” as falas destacaram contatos com amigos e população em geral, e, também, com as pessoas da família. Eram realizados principalmente em locais diversificados (“qualquer lugar”) e em casa, correspondendo, provavelmente, ao uso do celular (função “mensagem” ou uso de internet, fora de casa) e uso do computador ou celular com internet em casa. Quanto à frequência, duração e períodos do ano de realização desses contatos por escrito, a tendência geral foi de contatos diários, na maior parte do dia e sem alterações ao longo do ano.

Comparando essas tendências gerais descritas para cada modalidade, verificou-se que os contatos com amigos foram destacados nas três modalidades. Nos contatos face a face e por voz foram destacados os contatos com família (predomínio de “pais e mães”) e nos contatos por escrito, foram destacados os contatos com amigos e população em geral. O participante M8 relacionou a ausência de contato por escrito com as pessoas da família a diferença entre gerações, relatando que as pessoas da família dele exigiam contatos face a face ou por telefone, exceto sua mãe, que utilizava celular para contatos verbais e escritos. A participante F9 relatou perceber que as pessoas com mais idade desligam em alguns momentos o celular e afirmou que as pessoas de sua idade não fazem isso, estando sempre com o celular ligado. Nas diversas respostas classificadas como População em geral (contatos por escrito), a maioria dos participantes identificou a quais pessoas se referiam. As respostas envolveram contatos com pessoas conhecidas pessoalmente e com desconhecidos.

Dentre os locais de contato, a casa foi indicada para as três modalidades. O uso em qualquer lugar ou em trânsito foi indicado para o contato por voz e por escrito. Para o contato face a face, foram também indicados como locais a escola e os locais de entretenimento/lazer. O uso das três

modalidades foi relatado como diário pela maioria. O contato por voz foi indicado por dois participantes como esporádico. No dia, esses contatos foram descritos como envolvendo a maior parte do tempo para as modalidades face a face e por escrito, e em torno de uma hora por dia para os contatos por voz. O uso foi relatado como estável ao longo do ano para as diferentes modalidades, tendo sido destacado como exceção por dois participantes o período de provas, com redução do uso da modalidade por escrito.

Tabela 8. Frequência e porcentagem de categorias relacionadas aos eixos temáticos: conteúdos abordados e avaliação do próprio desempenho, por modalidade de contato (N=9).

Eixo temático	Face a face	Por voz	Por escrito
Conteúdos abordados	- família (14,5%)	- informação sobre a própria localização (26,3%)	- escola regular (11,1%)
	- escola regular (19%)	- entretenimento/lazer (21%)	- entretenimento/lazer (27,7%)
	- entretenimento/lazer e atividades físicas/esportivas (28,5%)	- entretenimento/lazer (21%)	- pessoas e relacionamentos (22,2%)
	- verbalizações inespecíficas/genéricas (19%)	- recados (15,8%)	- notícias e acontecimentos (16,7%)
	- relacionamento amoroso (9,5%)	- família (10,5%)	- outros (22,3%)
Avaliação do próprio desempenho no uso das modalidades	- notícias e acontecimentos (9,5%)	- escola (10,5%)	
	- outros (19%)	- pessoas e relacionamentos (10,5%)	
	- apropriado (88,9%)	- apropriado (66,7%)	- apropriado (88,9%)
	- não apropriado (11,1%)	- não apropriado (33,3%)	- não apropriado (11,1%)

Os dados da tabela 8 mostraram que os conteúdos destacados pelos participantes na modalidade “face a face” foram diversificados, tendo sido citados temas relativos a entretenimento/lazer e atividades físicas (28,5%), seguidos por escola, família, relacionamento amoroso e notícias. Para a categoria Entretenimento/lazer as falas foram variadas, incluindo o

contato para agendamento de eventos, conversas durante esses eventos e comentários sobre festas, filmes, séries e música.

Quanto ao desempenho pessoal na modalidade “face a face”, a maioria dos participantes considerou ter um desempenho adequado.

Na modalidade “por voz”, os conteúdos mais abordados também foram diversificados, com predomínio de informação sobre a própria localização, seguidos de entretenimento/lazer, recados, e, em menor grau, família, escola e pessoas e relacionamentos. No caso de entretenimento/lazer, os participantes destacaram o contato para agendamento de eventos de entretenimento e lazer.

A tendência geral na avaliação do próprio desempenho nesta modalidade (“por voz”) foi menos uniforme, uma vez que 66,7% dos participantes o consideraram apropriado e 33,3%, inapropriados. Um deles relacionou o baixo desempenho ao fato de não gostar dessa modalidade e os demais apresentaram percepção de que seria importante socialmente o aperfeiçoamento de habilidades nessa modalidade de contato. Suas falas foram:

“Acho que me saio mais ou menos. Quando eu não estou vendo a pessoa, fico meio sem papo. Meu pai e minha irmã que falam bem, porque eles são advogados. E eu tenho que aprender, porque eu quero ser advogado também”. (Participante M3).

“Um pouco ruim. Eu queria ser melhor falando. Porque eu queria fazer um estágio e deixei de procurar, porque sei que vou ter que falar no telefone e tenho vergonha”. (Participante F5).

Na modalidade “por escrito” houve predomínio de falas classificadas na categoria Entretenimento/lazer, seguida por Pessoas e relacionamentos e Notícias e acontecimentos. Quanto à categoria Entretenimento/lazer, as falas estavam relacionadas ao agendamento de eventos e ao comentário sobre esses eventos e a outros temas como filmes e música. Dois participantes também citaram brincadeiras:

“Brincadeiras. Tipo, você não tem nada pra fazer e fica brincando”. (Participante M7).

“Tudo, brincadeiras, pessoas”. (Participante M8).

O desempenho pessoal nessa modalidade foi considerado apropriado pela maioria.

De modo geral, observou-se que, em relação aos conteúdos, o tema entretenimento/lazer esteve presente nas respostas das três modalidades de contato. Para os contatos face a face, também foi destacado o tema escola, para os contatos por voz, os informes sobre a própria localização, e para os contatos por escrito, o tema pessoas e relacionamentos. Quanto ao

desempenho pessoal, este foi avaliado como adequado pela grande maioria dos participantes para as modalidades face a face e por escrito, e por um número menor para a modalidade por voz.

Tabela 9. Frequência e porcentagem de categorias relacionadas aos eixos temáticos: incentivos, restrições, aspectos favoráveis (prós), aspectos desfavoráveis (contras) ao uso das modalidades, percepção de facilidades e percepção de dificuldades, por modalidade de contatos (N=9).

Eixo temático	Face a face	Por voz	Por escrito
Incentivos ao uso	- nenhum (88,9%) - outros (11,1%)	-nenhum (77,8%) -baixo custo (22,2%)	- nenhum (88,9%) - outros (11,1%)
Restrições ao uso da modalidade	- nenhuma (56%) - restrições sociais (44%)	- nenhuma (66,7%) - restrições sociais (22,2%) - baixo custo (11,1%)	- nenhuma (56%) - restrições sociais (44%)
Aspectos favoráveis (prós) ao uso da modalidade	- nenhum (11,1%) - indicadores da veracidade do conteúdo veiculado e visualização do interlocutor (44,4%) - abrangência ou rapidez de possibilidades de contato (22,2%) - vantagem comparativa (11,1%) - outros (11,1%)	- nenhum (66,7%) - abrangência ou rapidez de possibilidades de contato (33,3%)	- nenhum (9,1%) - abrangência ou rapidez de possibilidades de contato (45,4%) - vantagem comparativa (36,4%) - outros (9,1%)
Aspectos desfavoráveis (contras) ao uso da modalidade	- nenhum (77,8%) - pouco tempo para elaborar resposta e desvantagem comparativa (22,2%)	- nenhum (77,8%) - carência de indicadores de veracidade do conteúdo veiculado e desvantagem comparativa (22,2%)	- nenhum (25%) - carência de indicadores de veracidade do conteúdo veiculado (16,7%) - desvantagem comparativa e riscos (41,7%) - outros (16,6%)
Percepção de facilidade-no uso da modalidade	- nenhuma (20%) - conforto no contato com pessoas próximas (50%) - conforto generalizado e em comparação com outras modalidades(30%)	- nenhuma (22,2%) - conforto no contato com pessoas (próximas ou não) (55,6%) - conforto especificado ou generalizado (22,2%)	- nenhuma (30%) - conforto especificado ou generalizado e em comparação com outras modalidades (60%) - outros (10%)
Percepção de dificuldades no uso da modalidade	- nenhuma (36,4%) - desconforto com pessoas não próximas (45,4%) - desconforto generalizado e em comparação com outras modalidades (18,2%)	- nenhuma (40%) - desconforto no contato com pessoas não próximas (20%) - desconforto especificado ou generalizado (40%)	- nenhuma (75%) - desconforto generalizado e no contato com pessoas que não são próximas (25%)

Os dados da Tabela 39 mostraram que, com relação à modalidade “face a face”, alguns participantes mencionaram restrições sociais, como, por exemplo, não poderem conversar em determinadas ocasiões. Um exemplo foi a fala do participante 03:

“A única restrição é na escola, que os professores não deixam conversar na aula”.

Participante M3.

As respostas sobre aspectos favoráveis (prós) dessa modalidade evidenciaram importância atribuída aos indicadores de veracidade da fala, à visualização do interlocutor e as qualidades relacionadas à proximidade do contato, indicando a valorização de materiais não verbais nesses contatos. Como exemplos:

“A vantagem é que está mais perto da pessoa e até é mais fácil de saber se é verdade ou não, aquilo que falam”. Participante F4.

“Ah! Eu gosto porque você percebe principalmente quando a pessoa tá mentindo. Eu pelo menos, já logo me toco”. Participante M8.

Sobre os aspectos desfavoráveis, a maioria dos participantes não identificou nenhum.

Quanto à percepção de facilidades e dificuldades, o conforto no contato com pessoas próximas foi destacado por boa parte dos entrevistados, assim como o desconforto com pessoas que não são próximas.

Com relação à modalidade “por voz”, o baixo custo foi apresentado por alguns participantes como incentivo. Restrições sociais foram citadas por alguns participantes, relacionadas à regulação do uso pela família. O participante M1 relatou que sua mãe não gosta que ele fique falando com a namorada ao telefone até tarde e que ele também não gosta porque fica cansado para o dia seguinte. O participante 08 afirmou que não gosta de telefone, mas também não tem realmente como utilizá-lo porque a avó (que reside na mesma casa) fica “o dia todo” no telefone.

Em termos dos aspectos favoráveis ao uso, foi destacada a rapidez dos contatos. Quanto aos aspectos desfavoráveis, houve por parte de poucos a menção à carência de indicadores de veracidade do conteúdo.

No que se refere à percepção de facilidade no uso, foi apontado o conforto no contato com pessoas próximas e conforto geral na modalidade. Entre as dificuldades foram destacados o desconforto no contato com pessoas não próximas e desconforto relativo a não gostarem dessa modalidade de contato.

Para a modalidade “por escrito” não foram explicitados incentivos e, como restrições, foram mencionados impedimentos/restrições sociais, em geral descritos como censura dos pais ao tempo utilizado para essa modalidade, determinação dos pais ou dos próprios participantes quanto à necessidade de priorizar o estudo, e censura dos pais ao uso em certos momentos da rotina familiar – ex: refeições.

Como aspectos favoráveis ao uso foram mencionados a abrangência e a rapidez das possibilidades de contatos com diferentes pessoas, incluindo personalidades públicas. Foram também mencionadas vantagens dessa modalidade em comparação com outras (ex: mais tempo para pensar antes de responder, maior praticidade em relação ao contato por voz). Como desvantagem comparativa foi descrito o maior gasto de tempo com esta modalidade em relação às demais. Também foram mencionados a carência de indicadores de veracidade do conteúdo (2 participantes) e os riscos no uso da modalidade (2 participantes).

Em relação à percepção de facilidades, foi destacado o conforto de um modo geral nessa modalidade e maior conforto em comparação com o uso das outras modalidades. Nenhuma dificuldade foi destacada.

De modo geral, foram poucos os relatos voltados para o incentivo ao uso de cada modalidade. Foram apontados impedimentos e restrições, que foram especificados para o contato face a face como proibição de conversas em determinadas situações e para os contatos por voz e por escrito, como regulação dos pais em relação ao uso. No caso da modalidade por escrito, alguns participantes relataram que eles mesmos também buscavam regulação, para não prejudicar outras atividades. Quanto aos aspectos favoráveis, para todas as modalidades, foram destacados aspectos relacionados à abrangência/qualidade do contato, envolvendo proximidade (face a face), rapidez (voz) e abrangência (por escrito). Para a modalidade “face a face”, foram também destacadas a possibilidade de verificação da veracidade da fala e a visualização do interlocutor. Aspectos contrários foram apresentados para a modalidade “por escrito”, envolvendo desvantagens e riscos em comparação com outras modalidades e questões relacionadas à carência de indicadores de veracidade do conteúdo veiculado. Essa carência de indicadores de veracidade também foi apresentada em relação aos contatos por voz. Em relação à percepção de facilidades, foram mencionadas para as três modalidades aspectos relacionados à sensação de conforto durante os contatos, com diferenças de nuances nos diferentes tipos de contato (pessoas próximas para o face a face, pessoas em geral por voz e conforto em relação a outras modalidades para os

contatos por escrito). Quanto às dificuldades, foi mencionado para o face a face e para o contato por voz o desconforto no contato com pessoas não próximas.

De um modo geral, os dados das tabelas 7, 8 e 9 mostraram algumas tendências nos contatos com relação às três modalidades: predominância de amigos como interlocutores e de contatos realizados em casa, contatos diários e na maior parte do dia (o contato por voz foi o único a ser descrito pela maioria dos participantes como tendo duração de aproximadamente uma hora por dia), predominância de periodicidade dos contatos estável ao longo do ano, entretenimento/lazer fazendo parte dos conteúdos abordados, avaliação do desempenho como apropriado, algumas restrições sociais ao uso das modalidades, abrangência e/ou rapidez dos contatos e conforto nos contatos. Os dados dessas tabelas também mostraram algumas especificidades no uso de determinadas modalidades, como por exemplo, os informes sobre localização eram realizados essencialmente nos contatos por voz, contatos com a população em geral eram realizados essencialmente nos contatos por escrito e nas observações sobre os contatos face a face foi destacada maior possibilidade do que nos demais de identificar a veracidade do conteúdo expresso.

b) comparação entre participantes com alta e baixa dificuldade em habilidades sociais

Para essa segunda análise, as respostas examinadas foram as de três dos participantes que obtiveram escores representativos de baixa dificuldade em habilidades sociais (BD) no IHSA e as respostas dos três participantes que obtiveram escores representativos de alta dificuldade em habilidades sociais (AD) no IHSA. Os participantes BD foram, F2 e F4 (todos no primeiro ano do Ensino Médio e com 15 anos de idade) e os participantes AD foram M7, M8 e F9 (todos no primeiro ano do Ensino Médio e com respectivamente 16, 14 e 15 anos de idade). Foram escolhidos os eixos temáticos relativos à apreciação e avaliação pessoal do uso das modalidades de contato, a saber: Conteúdos abordados, Incentivos e Restrições ao uso, Aspectos favoráveis (prós) e desfavoráveis (contras) ao uso, Facilidades e Dificuldades percebidas e Avaliação do Próprio Desempenho.

As tabelas de 10 a 15 apresentaram as ocorrências de respostas de cada categoria desses eixos temáticos por participantes BD e AD. As modalidades foram apresentadas da seguinte forma: FF (“face a face”), V (“por voz”) e E (“por escrito”).

Tabela 10. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação ao eixo temático “Conteúdos abordados”, por modalidade de contato (N=6).

Categorias	Modalidades	BD	AD
Família	FF	-	<i>Em casa, sobre o dia a dia, como cada um está, se está tudo bem. - M7</i> <i>Eu converso muito (...) na escola sobre as coisas de casa. No teatro eu falo muito sobre (...), a escola. - M8</i>
	V	<i>Ah, a gente fala, tipo, de alguma coisa que aconteceu (...), na família. - M1</i>	<i>Acho que mais com meu pai. Porque ele está trabalhando e eu ligo pra ele pra saber como ele está. - M7</i>
Escola regular	FF	<i>Na escola, geralmente é nota, prova. - M1</i> <i>Alguma coisa que está acontecendo na escola. - F4</i>	<i>Eu converso muito sobre a escola quando estou em casa (...). No teatro eu falo muito sobre a escola. - M8</i>
	V	<i>Ah, a gente fala tipo de alguma coisa que aconteceu na escola. - M1</i>	<i>A gente combina e fica estudando por umas 3 horas no skipe. - M8 (esclareceu que os contatos eram sem utilização de câmera).</i>
	E	<i>Às vezes, sobre matéria da escola, se tem lição, se tem prova. - F4</i>	-
Atividades: extra-curriculares, de lazer e físicas	FF	<i>Combinar alguma coisa de sair, de algo que a gente vai fazer. - M1</i> <i>Com meus amigos, é mais sobre música. - F4</i>	<i>A gente fala bastante sobre futebol, esporte, festas. - M7</i>
	V	<i>Sei lá, algum plano, um passeio, por aí. - M1</i>	<i>Raramente quando quero combinar alguma coisa, ligo pra pessoa. - M8</i>
Informes e recados	V	<i>Pra minha mãe, é sempre onde eu estou. - F2</i> <i>Pra dar um recado de que eu vou ficar em algum lugar ou sair. P4</i>	<i>Eu estou sempre avisando onde estou. -M7</i> <i>Mais pra dar algum recado. - F9</i>
	FF	-	<i>Com os amigos, sobre meninas. - M7</i>
Relacionamentos	V	-	<i>Tem essas coisas de atender ao telefone e perguntar se está tudo bem. - M8</i>
	E	<i>Só pra conversar também. - F4</i>	<i>(...) pessoas. - M8</i>
	FF	<i>Com meus pais, já é coisa de notícia. - M1</i> <i>Até coisas que saem no jornal. - F4</i>	-
Notícia/acontecimento	E	<i>Eventos mundiais. Tipo, a mudança do papa, lá. - M1</i>	<i>(...) ou vê alguma coisa interessante e puxa um assunto. - M7</i> <i>Até sobre política, às vezes. Agora que têm essas greves, a gente comenta. - M8</i>

Legenda da Tabela 10:

FF – face a face / V – por voz / E – por escrito.

O exame das falas transcritas e categorizadas na Tabela 10 indicam algumas diferenças entre os participantes BD e AD. Os participantes AD ressaltaram falas categorizadas tema família, especialmente na modalidade “face a face”, enquanto um participante BD afirmou falar sobre família ao telefone com sua namorada.

Com relação à Escola regular, dois participantes BD apresentaram falas assim categorizadas na modalidade “face a face” e cada um deles mencionou a escola nas modalidades “por voz” e “por escrito”. No subgrupo AD um único participante mencionou este tema, nas modalidades “face a face” e “por voz”, tendo destacado que a modalidade “por voz” é utilizada para o estudo com amigos. Essa resposta foi a única menção nos dois subgrupos ao tópico “estudar em grupo”. As demais falas referentes à Escola regular envolveram os tópicos: provas, lições e coisas que aconteciam na escola.

Falas categorizadas como atividades físicas e de lazer foram apresentadas nas três modalidades, pelos dois subgrupos de participantes. Informes sobre localização e recados foram destacados pelos dois subgrupos, exclusivamente na modalidade “por voz”. As categorias relacionadas a relacionamentos e às pessoas representaram falas de um único participante BD, na modalidade “por escrito” e dos participantes AD nas três modalidades.

Sobre Notícias e acontecimentos, o subgrupo BD mencionou esse tipo de conteúdo nas modalidades “face a face” e “por escrito” e os participantes AD destacaram esse conteúdo na modalidade “por escrito”.

De forma geral, foram constatadas mais semelhanças que diferenças entre os participantes BD e AD, com pequena diferença em relação à menção à família e aos relacionamentos, um pouco mais frequente para os participantes AD, e à escola, um pouco mais presente para os participantes BD.

Tabela 11. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação aos eixos temáticos “Incentivos para os contatos” e “Restrições aos contatos”, por modalidade de contato (N=6).

Eixos temáticos	Categorias	Modalidades	BD	AD
Incentivos	Baixo custo	E	-	<i>Olha: incentivo, eu acho que é barato. - M8</i>
	Uso pelo grupo social	FF	-	<i>Eu tenho muita amiga que fala bastante e eu, desde pequena, falo muito. - F9</i>
Restrições	Restrições sociais	FF	-	<i>Restrição tem, porque meu pai é super protetor. Ele não gosta que eu vá à casa das minhas tias. Ele fala que elas falam um monte de “baboseira” nas minhas orelhas. - M8</i>
		V	<i>Geralmente a minha mãe não gosta que eu fique conversando até muito tarde, por isso a gente conversa menos à noite (...). Eu também não gosto de ficar até tarde. - M1 (referente às conversas com a namorada).</i>	<i>Restrição é que a minha avó fica tanto no telefone, que mesmo que eu quisesse, não teria como usar, porque ela fica o dia inteiro. - M8</i>
		E	<i>De semana, o horário, mas só. P1</i>	-
			<i>Quando tem prova não dá tempo mesmo. Aí eu não entro na internet, ou entro pouco. - F2</i>	

Legenda da Tabela 11:

FF – face a face / V – por voz / E – por escrito.

O exame das falas transcritas e categorizadas na Tabela 41 mostrou que os participantes BD não mencionaram incentivos para o uso em nenhuma das três modalidades. Com relação ao subgrupo AD, a participante F9 destacou uso social pelo grupo como incentivo para a modalidade face a face e o participante M8 destacou o baixo custo, para a modalidade por escrito.

Quanto às restrições, as falas classificadas na categoria Impedimentos/restrições sociais foram apresentadas por participantes dos dois subgrupos (BD e AD). Esse destaque foi dado por um participante BD na modalidade “por voz” e por dois participantes BD na modalidade “por

escrito”. Quanto aos participantes AD, essa categoria foi representada pelas falas do participante M8 nas modalidades “face a face” e “por voz”.

De forma geral, observou-se que somente o subgrupo AD mencionou algum incentivo ao uso das modalidades “face a face” e “por escrito”. No que se refere às restrições, participantes dos dois subgrupos comentaram sobre questões referentes aos impedimentos sociais.

Tabela 12. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação ao eixo temático “Aspectos a favor (prós)”, por modalidade de contato (N=6).

Cate- gorias	Mo- dali- dades	BD	AD
Indica- dores de veracida de/visua- lização	FF	<i>Pessoalmente dá pra ver se a pessoa está mentindo, ou algo assim. M1 A vantagem é que está mais perto da pessoa e até é mais fácil de saber se é verdade ou não, aquilo que falam. - F4</i>	<i>Eu gosto porque você percebe principalmente quando a pessoa tá mentindo. Eu pelo menos, já logo me toco. - M8 Acho que as coisas se resolvem melhor conversando face a face. Você vê a pessoa. - F9</i>
Abran- gência/ Rapidez nos contatos	FF V E	<i>(...), mas você está com a pessoa, o contato fica mais próximo. - F2 Eu acho que é até mais prático, porque, às vezes, você não tem tempo de encontrar a pessoa. - F4 É bem ampla (internet), você pode melhorar a sua cultura. (...) se sentir bem em qualquer ambiente. - M1 O envio de torpedo, porque, às vezes, você sabe que a pessoa está num lugar que não vai poder atender o telefone. Daí você manda uma mensagem, que fica mais fácil. - F2</i>	<i>- Às vezes eu posso estar fazendo uma coisa e me comunicando ao mesmo tempo. E, também, não precisa estar junto. - M7 Tem a vantagem de ser prático para combinar algumas coisas. - F9 A vantagem é que a qualquer hora você encontra uma pessoa disponível. - M7 Prós, é que é rápido; você manda e pronto. - F9</i>
Vanta- gem compara- tiva (tempo)	FF V E	<i>- - Tem mais tempo pra pensar no que vai escrever. - F2 Acho que é mais prático do que ligar. - F4</i>	<i>Eu acho que é até mais prático. Às vezes você não tem tempo de encontrar a pessoa. - M7 - Às vezes você não tem possibilidade de falar no face a face como eu gosto. Então, a internet é o que eu acho mais concisa. Outra vantagem da internet é que quando você cansou da pessoa, não precisa ficar dando muita satisfação. É muito mais fácil de encerrar o assunto. - M8</i>

Legenda da Tabela 12: FF – face a face / V – por voz / E – por escrito.

O exame das falas transcritas e categorizadas na tabela 12 destacaram aspectos relacionados à visualização do interlocutor e à veracidade dos diálogos, mencionados tanto por participantes BD quanto por AD.

A categoria Abrangência, e/ou rapidez dos contatos representou as falas de diferentes participantes BD e AD para as diferentes modalidades (com exceção da modalidade “face a face”, com uma categorização de um participante BD). Observou-se que na maioria das falas, houve menção à praticidade e, na fala de alguns participantes BD, também a menção à abrangência possibilitada pela modalidade “por escrito”.

A categoria Vantagem comparativa esteve presente na classificação das falas de dois participantes BD e um AD para a modalidade “por escrito”. Outro participante AD mencionou vantagem comparativa da modalidade “por voz” em relação à modalidade “face a face”.

De forma geral, não foram observadas diferenças entre os participantes BD e AD, tendo ambos ressaltados indicadores de veracidade para a modalidade “face a face” e aspectos relacionados às possibilidades de contato proporcionadas pelas diferentes modalidades.

Tabela 13. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação ao eixo temático “Aspectos contrários (contras) ao uso”, por modalidade de contato (N=6).

Cate- gorias	Mo- dali- dades	BD	AD
Carência indica- dores de veracida de/não visua- lização	V	<i>Eu acho que é você não ter certeza se a pessoa está falando sério mesmo. - P4</i>	-
	E	<i>Por mensagem, eu acho que às vezes a pessoa pode estar sendo falsa com você e você não sabe. - M1</i>	<i>Contra, é que você não vê a pessoa. - F9</i>
Desvan- tagem compara- tiva (tempo)	FF	<i>Eu acho que é ter que falar na hora, sem pensar bem, porque a pessoa te falou uma coisa e você tem que dar uma resposta. - F2</i>	-
	E	<i>Só acho ruim quem deixa de sair pra ficar no computador, ou fica muito tempo. - F2</i>	<i>É mais que você perde um pouco sim do contato. - M8</i>
Falhas técnicas	E	-	<i>Quando minha internet cai, que aí você tá falando e de repente cai - M8</i>
Riscos	E	-	<i>“Ah! Uma grande desvantagem dessa comunicação é a da escrita. Como você nunca vai escrever normal perde totalmente a escrita. - M8</i>

Legenda da Tabela 13: FF – face a face / V – por voz / E – por escrito.

O exame das falas transcritas e categorizadas na tabela 13 trouxeram indicadores complementares aos da tabela 12, relacionados à preocupação com a ausência de indicadores de veracidade nas modalidades “por voz” (um participante BD) e “por escrito” (um participante BD e um AD).

Desvantagens comparativas foram apresentadas em relação às modalidades “face a face” (um participante BD) e “por escrito” (um participante BD e um AD). Nesse último caso, ambos destacaram que usar por bastante tempo o computador pode reduzir a participação da pessoa em outras atividades.

As categorias Falhas técnicas e Riscos estiveram representadas na classificação das falas de uma participante AD, em relação à modalidade “por escrito”.

De forma geral, alguns dos participantes BD e AD expressaram preocupações semelhantes, relativas à perda de indicadores de veracidade nas comunicações “por voz” e “por escrito”, e mencionaram como desvantagem da modalidade “por escrito” a possibilidade de redução de contatos pessoais pelo uso constante da escrita.

Tabela 14. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação aos eixos temáticos “Percepção de facilidades” e “Percepção de dificuldades”, por modalidade de contato (N=6).

Eixos temáticos	Categorias	Modalidades	BD	AD
Facilidades	Conforto: pessoas próximas	FF	<i>Com os amigos e pessoas que eu vejo bastante vezes, eu ajo normal. - M1</i> <i>Com quem tenho intimidade, é super tranquilo. - F2</i>	<i>(...). Mas, se eu conhecer a pessoa, já falo bastante. - F9</i>
		V	<i>Eu só falo com gente que eu conheço, então é tranquilo. - F2</i>	-
		E	<i>Com que eu conheço eu fico normal. - F2</i>	-
	Conforto: pessoas não próximas	V	-	<i>Existe uma vantagem, que é ficar mais solto com pessoas desconhecidas. - M7</i>
	Conforto: geral e comparativo	FF	-	<i>Eu tenho muita facilidade. - M8</i>
V		<i>Pra mim é como falar pessoalmente. - M1</i>	<i>Ah, quando preciso, é tranquilo. - F9</i>	
E		<i>Me sinto bem, à vontade. - M1</i>	<i>Fico tranquila. - F9</i>	
Dificuldades	Desconforto: pessoas não próximas	FF	<i>Quando estou conhecendo alguém, não fico normal. Fico meio assim, na minha. - F2</i>	<i>Assim, eu tenho um pouco de dificuldade com pessoas que eu não conheço. - M7</i> <i>Se for alguém que não conheço, eu fico mais tímida. - F9</i>
		E	<i>Com quem eu não conheço, é mais fácil do que cara a cara, mas ainda assim, não é tão normal como é com as pessoas que eu conheço. - F2</i>	-
	Conforto: geral e comparativo	FF	<i>Eu acho que tem algumas coisas que são mais difíceis de falar desse jeito. - M1</i>	-
		V	<i>Eu não gosto de falar no telefone. - F4</i>	<i>É que eu não gosto mesmo. - M8</i> <i>Eu faço pouco, porque não gosto mesmo. - F9</i>
		E	-	<i>Eu tenho uma dificuldade: escrever. - M7</i>

Legenda da Tabela 14: FF – face a face / V – por voz / E – por escrito.

O exame das falas transcritas e categorizadas na tabela 14 mostraram que, no que se refere às facilidades percebidas, o conforto no contato com pessoas próximas foi comentado para as três modalidades entre os participantes BD, e para o “face a face” por um participante AD.

O conforto no contato com pessoas não próximas foi mencionado por um participante AD, em relação aos contatos “por voz”.

Algumas falas de participantes BD e AD foram classificadas na categoria conforto em geral/comparativo, para as diferentes modalidades (exceto “face a face” para BD).

Com relação às dificuldades percebidas, os dados da Tabela 44 mostraram que várias falas foram categorizadas como desconforto no contato com pessoas não próximas, nas modalidades “face a face” (BD e AD) e “por escrito” (BD).

Várias falas foram categorizadas de acordo com a categoria Desconforto generalizado, abrangendo falas de participantes BD (modalidades “face a face” e “por voz”) e AD (modalidades “por voz” e “por escrito”).

De forma geral, foram constatadas semelhanças entre os participantes BD e AD, com mais falas classificadas como conforto com pessoas próximas por participantes BD. Alguns participantes BD e AD fizeram comentários relativos a desconforto no contato com pessoas não próximas e de forma geral, para a modalidade “face a face”, “por voz” e “por escrito” (menos frequente que as demais modalidades).

Tabela 15. Falas de participantes BD e AD, categorizadas em relação ao eixo temático “Autoavaliação de desempenho”.

Cate- gorias	Mo- dali- dades	BD	AD
Desem- penho apropri- ado	FF	<i>Acho que eu me saio bem. - M1</i> <i>Acho bom. - F2</i> <i>Eu acho que eu me saio bem. - F4</i>	<i>Acho que me saio bem, falo com todo mundo. Não vejo nada que me prejudique. - M7</i> <i>Ótimo, porque eu falo mesmo. - M8</i> <i>Sei lá. Normal. - F9</i>
	V	<i>Acho que eu me saio bem. - M1</i> <i>Normal também. - F2</i> <i>Eu consigo falar normal. - F4</i>	<i>Acho que eu me saio bem. - M7</i> <i>Normal. - F9</i>
	E	<i>Acho que eu me saio bem. - M1</i> <i>Normal também. - F2</i> <i>Ah! Eu consigo conversar tranquila, sem problema nenhum. - F4</i>	<i>Acho muito bom, porque, como eu uso frequentemente, eu vou melhorando. Treino até um pouco da escrita, mesmo sem querer. - M7</i> <i>Chega a ser bom. Não vou falar ótimo, porque muitas vezes eu tenho preguiça de escrever alguma coisa muito longa, então desisto. Mas é bom. - M8</i> <i>Normal também. - F9</i>
Desem- penho não apro- priado	V	-	<i>Eu me saio bem. Não, é regular.</i> <i>Digamos que é regular, porque como eu não gosto, falta motivação. M8</i>

Legenda da Tabela 14: FF – face a face / V – por voz / E – por escrito.

O exame das falas transcritas e categorizadas na tabela 15 mostraram que tanto os participantes BD quanto os AD consideravam seus desempenhos adequados nas três modalidades (“face a face”, “por voz” e “por escrito”). Apenas um participante AD afirmou considerar seu desempenho inapropriado na modalidade “por voz”.

As tabelas 10 a 15 mostraram mais semelhanças do que diferenças nas respostas dos dois subgrupos (BD e AD). Os dois subgrupos identificaram restrições sociais no uso das três modalidades, preocupação com relação a não visualização do interlocutor nos contatos por voz e por escrito e avaliação do próprio desempenho como apropriado. Como diferenças, verificou-se que os participantes BD relataram mais conversas sobre escola do que os AD, e estes, mais conversas sobre família e relacionamentos do que os BD. Os participantes BD fizeram maior

número de referências de que se sentiam confortáveis no contato com pessoas próximas do que os participantes AD.

5. Discussão

Os resultados obtidos mostraram que os nove participantes da segunda etapa utilizavam com alta frequência e duração, os novos instrumentos tecnológicos para contatos sociais, bem como as ferramentas que esses instrumentos possibilitavam (Exemplos: internet e aplicativos de mensagens, como por exemplo, o “*what’s app*”). Em suas falas demonstraram que consideravam que o uso dessas tecnologias lhes possibilitava abrangência e rapidez nos contatos. O contato face a face foi descrito também como sendo realizado com alta frequência e duração, com algumas falas destacando sua ocorrência em paralelo a ocorrência de contatos por escrito.

As falas dos participantes indicaram que eles estavam envolvidos na maior parte do tempo em contatos face a face e por escrito e que mantinham determinados hábitos relacionados aos contatos escritos. Mencionaram estar sempre conectados, fazendo diversas coisas ao mesmo tempo, se comunicando bastante por escrito e combinando eventos de lazer ao mesmo tempo com diversas pessoas. Desse modo, observou-se que as novas tecnologias trouxeram novas possibilidades de interações sociais para esses adolescentes. Eles, por sua vez, buscavam formas de se manterem constantemente conectados, contribuindo para o aperfeiçoamento dessas tecnologias. Desse modo, observa-se a experiência mediada postulada por Vygotsky (1). Por essa experiência, novos instrumentos permitem novos tipos de relação entre as pessoas, e conseqüentemente a criação e utilização de novos signos.

Observou-se que essas novas tecnologias trouxeram ampliação das possibilidades de contato (como rapidez nos contatos à distância, contatos à distância com grupos de pessoas e possibilidade de contatos com pessoas desconhecidas), sem que o contato face a face sofresse uma desvalorização para os participantes. As suas falas indicaram que esse contato (face a face) era realizado em alta frequência e duração, e que as possibilidades de visualização do interlocutor e de ter mais indicadores (do que nos contatos por voz e por escrito) da veracidade do conteúdo exposto foram valorizadas por eles. Desse modo, os participantes pareceram ter consciência do papel dos diferentes materiais presentes no contato face a face: verbais, para-verbais e não verbais, conforme conceituação de Kerbrat- Orehionni (5).

No que se refere às desvantagens da não visualização do interlocutor nos contatos por escrito, dois participantes (F5 e M8) a associaram a um maior risco das pessoas serem enganadas. A participante F5 mencionou claramente algumas situações que podem ocorrer nos “espaços virtuais”:

“E o contra, são os perigos da internet, que as pessoas mentem, tem o lance da pedofilia, dos sites de cyberbullying. Esses sites eu acho bem complicado, porque a pessoa não pode fazer o bullying na escola, porque vai ser expulsa, mas aí ela cria essas páginas e a pessoa zoada pode até se matar, se não for autossuficiente. As pessoas enganam pra pegar as outras. Tem que ter cuidado com o que fala e com o que vê também, pra não pegar vírus no computador. Eu tomo muito cuidado. Não passo endereço, onde estudo, nada disso. E, pra conhecer alguém, só se for em eventos públicos. Nunca marco encontro pela internet.” F5.

A preocupação exposta por esses participantes parece pertinente, ficando uma reflexão do quanto essa questão dos riscos não deveria ser priorizada nas discussões sobre relações mediadas por instrumentos que permitem acesso à internet. Um estudo realizado por Tognetta e Bozza (34), com 63 adolescentes de 14 anos, estudantes de colégios públicos em Campinas, revelou que 40% deles já foram vítimas de intimidações por meio de rede sociais, 16% já intimidaram outras pessoas e 44%, conheciam alguém que já tenha sido vítima de intimidações. Os que já foram vitimados dessa forma descreveram sentimentos de raiva, revolta e injustiça. Esses dados mostram que formas de humilhação e violência estão se aprimorando no contexto dos chamados ciberespaços. Dessa forma, surgiu o questionamento a respeito dos demais participantes que não mencionaram esses riscos: teriam dado ênfase a outros aspectos, ou estariam desatentos a esses riscos? O fato dos participantes terem mencionado contatos por escrito sobre as atividades de lazer, pessoas e relacionamentos torna essa reflexão ainda mais importante, pois se não agiam com mecanismos de segurança ao abordar esses temas nos contatos por internet, suas vidas ficariam expostas no sentido de qualquer pessoa ter acesso às pessoas com as quais eles se relacionavam e aos locais que frequentavam.

Os contatos por voz foram descritos em menor frequência e duração mais curtas do que os contatos face a face e por escrito. Alguns participantes referiam não se sentirem motivados e/ou não gostarem dessa modalidade de contato. Apesar dessas descrições, relataram constantes contatos dessa forma com os pais, para informar sobre suas localizações e horários. Alguns afirmaram que os pais ligam frequentemente para terem esses dados. Desse modo, verifica-se a questão posta por Nicolaci-da-Costa (14) a respeito de uma forma de controle, característica da era da informação, mais pautada no conhecimento do que está acontecendo do que em um controle coercitivo.

No que se refere especificamente aos contatos escritos, os participantes definiram que estavam sempre conectados, mantendo contatos entre si rapidamente, inclusive quando queriam escrever algo para diversas pessoas terem acesso ao mesmo tempo. Esses contatos eram realizados tanto em casa, quanto em qualquer lugar que estivessem, de acordo com o uso de celulares para contatos por escrito.

Essas possibilidades (mobilidade e imediatismo nos contatos, com uma ou várias pessoas e rapidez na recepção de respostas) que foram descritas sinalizam algumas das características de uma nova era que, segundo Nicolaci-da-Costa (17), está emergindo com o uso de novas tecnologias: “a integração, a globalização, a relativização, o imediatismo, a agilidade, a derrubada de fronteiras, a extraterritorialidade, o nomadismo etc” (p.74-75).

Com relação aos incentivos e restrições, observou-se que questões relativas ao custo das modalidades “por voz” e “por escrito” foram pouco mencionadas pelos participantes em geral. Fica a reflexão de que eles ainda não tinham realmente preocupação com esse tema, por serem adolescentes de classe média, que ainda não estavam inseridos no mercado de trabalho, contando então, com seus pais, financeiramente.

Considerando as teorias sobre adolescência expostas neste estudo, identificou-se nos participantes a questão de buscarem construir suas identidades, conforme conceitos propostos por Erikson (24) e Aberastury e Knobel (25). Foram identificadas também, semelhanças nas formas de contato adotadas por eles, destacando a influência de questões culturais na forma como vivenciavam a adolescência, conforme pressupostos de Trassi e Malvasi (23), Bock (26) e Ozella (27). A incorporação da tecnologia (aspecto influenciado pela cultura) a seus cotidianos possivelmente era um dos aspectos que interferia na construção da identidade desses adolescentes, que, como já exposto, possuíam características de acordo o surgimento de uma “nova era”, proposto por Nicolaci-da-Costa (17).

O grupo de participantes, independente de seus níveis de habilidades sociais, respondeu de forma bastante similar. Diferenças entre BD e AD foram identificadas no caso das facilidades e dificuldades percebidas. Foi tendência entre os participantes do subgrupo BD a indicação de facilidade no contato com pessoas próximas na modalidade “face a face”. Os participantes AD destacaram menos que os BD essa facilidade na modalidade “face a face” e destacaram mais do que os BD desconforto com pessoas que não são próximas nesta modalidade.

Dessa forma, fica a possibilidade de que predominava nos participantes BD a sensação de conforto com pessoas próximas nos contatos face a face, sem se sentirem desconfortáveis nos contatos com pessoas que não são próximas. Para os participantes AD ocorreu o inverso; eles não destacaram facilidade com pessoas próximas e teve predomínio de falas entre eles que destacaram dificuldade com pessoas que não são próximas.

Considerando esses dados e lembrando que os dois subgrupos destacaram que conversam “face a face” todos os dias e na maior parte do dia, retoma-se para a afirmação de Del Prette e Del Prette de que “certas reações, mesmo em alta frequência podem ocorrer com alto custo para o adolescente”. (p.33). Observou-se pela análise por categorias que os participantes AD não se expressavam menos do que os demais e nem sobre menor quantidade de conteúdos, de um modo geral. No entanto, as suas falas relativas as percepções de facilidades e dificuldades indicaram maior dificuldade do que os participantes BD na realização dos contatos.

Os participantes BD também apresentaram tendência de respostas para a categoria Impedimentos/restrições sociais ao uso na modalidade “por escrito”. Essas restrições foram referentes à organização do tempo em função de outras atividades, especialmente o estudo. Esses participantes não se mostraram contrários a essas restrições e a participante F2 afirmou iniciativa própria na redução de contatos por escrito em períodos de prova.

Em síntese, esses dados apontaram para um uso maior das modalidades “face a face” e “por escrito”, se comparados à modalidade “por voz”, que de um modo geral foi preterida pelos participantes. Os dados também indicaram que os participantes em geral valorizavam as possibilidades de contato à distância, imediato e com grupos de pessoas que o contato por escrito lhes permitia. O contato face a face também foi valorizado pela possibilidade de identificação da veracidade do conteúdo veiculado, especialmente entre os participantes BD. Esses, também se definiram mais à vontade no contato face a face com pessoas de diferentes graus de proximidade do que os participantes AD. Desse modo, observou-se que os participantes BD e AD tiveram mais semelhanças nas tendências de respostas do que diferenças, o que indicou um uso similar das modalidades de comunicação, com diferenças mais marcadas em como se sentiam nesses contatos do que no quanto ou no como os realizavam.

6. Considerações Finais

Com as respostas dos participantes da segunda etapa, identificaram-se categorias de frequência com dados semelhantes no uso das modalidades “face a face” e “por escrito”. Desse modo, não ficou destacado um predomínio de nenhuma dessas duas modalidades. Alguns participantes descreveram que costumavam conversar ao mesmo tempo face a face e por escrito.

Na modalidade “face a face” foi destacada a importância da apreensão de materiais não verbais de comunicação, remetendo às colocações de alguns dos autores utilizados nesse estudo: Kerbrat-Orecchioni (5), Davis (6), Silva et al (7) e Araujo e Silva e Puggina (8).

Com relação aos contatos por escrito, foram destacadas a abrangência e a rapidez desses contatos, bem como, a possibilidade de realizá-los com diversas pessoas ao mesmo tempo, conhecidas ou não pessoalmente. Essas possibilidades valorizadas pelos participantes corroboram a ideia de Nicolaci-da-Costa (17) de que a internet faz parte do grupo de tecnologias que tem contribuído para a formação de uma nova “configuração psíquica”. Os sujeitos dessa nova configuração apresentam características como: serem multitarefeiros (realizam diversas atividades ao mesmo tempo), serem ágeis o tempo todo, mesmo quando seus corpos não estão em movimento, habitarem vários espaços por meio da escrita, estarem em constante processo de definição e redefinição de fronteiras das esferas públicas e privadas e não conhecerem muitos limites para seus desejos.

Com esses dados ficou evidente a valorização que eles atribuíam à abrangência de possibilidades dos contatos por escrito, mas não demonstraram menos interesse nos contatos face a face, valorizando-o também, especialmente com relação à captação de materiais não verbais. Retomando, então, ao questionamento inicial a respeito das consequências que o desenvolvimento tecnológico voltado para contatos e socialização poderia ter sobre o desenvolvimento psicológico dos adolescentes destacaram-se neste estudo algumas considerações. Verificou-se que os adolescentes entrevistados indicaram formas de ação que antes (dessas tecnologias) seriam impensáveis e impossíveis. Indicaram ainda, que essas possibilidades eram vistas por eles como vantajosas, mas que os momentos de lazer nos quais encontravam com os amigos e o contato visual que a comunicação face a face lhes oferecia também eram vistos como aspectos importantes para eles. Desse modo, o que se identificou nas entrevistas com esses adolescentes foi que eles se mantinham sempre conectados e em contato por diferentes meios digitais e que esse contato possuía algumas características comentadas por

todos ou pela maioria (como rapidez de retornos nas respostas, contato com diversas pessoas ao mesmo tempo e contatos em qualquer lugar que estejam). No entanto, nenhum deles se descreveu e/ou se demonstrou retraído no contato face a face. Mesmo os que destacaram algumas dificuldades nesse contato, o realizam na maior parte de seus dias, assim como os demais. Dessa forma, percebe-se que a adesão às novas modalidades de contato parece ter-lhes trazido novas formas de ação, mas sem a consequência de minimizar seus contatos face a face.

Esses resultados, conforme já evidenciado, não esgotam o questionamento sobre as consequências do uso dessas novas tecnologias ao desenvolvimento dos adolescentes na atualidade. No entanto, algumas mudanças relativas às possibilidades que essas tecnologias vêm trazendo foram evidenciadas pelos participantes desse estudo, assim como a indicação de que essa faixa etária está envolvida constantemente e por longos períodos com contatos realizados por meio dessas tecnologias, sendo importante para todos os que lidam com adolescentes um repensar de posturas, considerando as adaptações devidas a essa nova realidade. Desse modo, acredita-se na importância de mais estudos ao longo do tempo sobre as formas utilizadas para contatos sociais e o desenvolvimento psicológico, pois a tendência tecnológica é de ampliação e evolução. Acredita-se que esses avanços tecnológicos trarão novas possibilidades às pessoas, que podem alterar mais suas formas de pensamento, ação e de se relacionarem entre si.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Vygotsky, L. S. A formação social da mente. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche; revisão Monica Stahel. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- (2) Góes, M. C. R. Os modos de participação do outro nos processos de significação do sujeito. *Temas em Psicologia*. 1993, no. 01, p. 01-05.
- (3) Pino, A. As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Editora Cortez, 2005. 1ª. Edição.
- (4) Nicolaci-da-Costa, A. M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia & Sociedade* (on line). Porto Alegre. Mai/Aug 2002, vol. 18, no. 2, p. 193-202.
- (5) Kerbrat-Orecchioni. Análise da conversação: princípios e métodos. Trad. Carlos Piovezani Filho. São Paulo. Parábola Editorial, 2006.
- (6) Davis, F. Comunicação não-verbal. Trad. Antonio Dimas; direção de edição de Fanny Abramovich). São Paulo: Editora Summus, 1979.
- (7) Silva, L. M. G., Brasil, V. V., Guimarães, H. C. Q. C. P., Savonitti, B. H. R. A. e Silva, M. J. P. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. *Rev. latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, 2000, v. 8, n. 4, p. 52- 58.
- (8) Araújo M.M.T., Silva M.J.P., Puggina A.C.G. A comunicação não-verbal enquanto fator iatrogênico. *Rev. Esc. Enferm. USP*. 2007; 41(3):419-25.
- (9) Mesquita, R. M. Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, 1997, vol.11, no. 02, p. 155-163.
- (10) Teixeira, M. M. Da comunicação humana a comunicação em rede: uma pluralidade de convergências. *Revista Temática*. Disponível em www.insite.pro.br. 2012, ano 08, no. 02.
- (11) Nicolaci-da-Costa, A. M. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia & Sociedade* (on line). Porto Alegre. Mai/Ago 2005a, vol. 17, no. 2, p. 50-57.
- (12) Marcuschi, L. A. Análise da conversação. 6ª edição. São Paulo: Ática, 2007.
- (13) Nicolaci-da-Costa, A. M. Impactos Psicológicos do Uso de Celulares: Uma Pesquisa Exploratória com Jovens Brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2004. V. 20, n. 2, p. 165-174.

- (14) Nicolaci-da-Costa, A. M. Celulares: a emergência de um novo tipo de controle materno. *Psicologia & Sociedade* (on line). Porto Alegre. Set/Dez 2006, vol. 18, no. 3, p. 88-96
- (15) Carvalho, Y. M. e Manoel, E. J. O livro como indicador da produção intelectual na grande área da saúde. *Revista Brasileira Cienc.* 2007. *Esporte*, v. 19, no. 1, p. 61-73.
- (16) Castells, M. A sociedade em rede. Trad. Roneide Venancio Majer; atualização para a 6ª edição: Jussara Simões. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012.
- (17) Nicolaci-da-Costa, A. M. Primeiros contornos de uma “nova configuração psíquica”. *Cad. Cedes. Campinas.* Jan./Abr 2005b, vol 25, no. 65, p. 71-85.
- (18) Pinheiro, M. A. Subjetivação e consumo em sites de relacionamento. In: Fuser, B. e Júnior, C. P. (organizadores). *Comunicação e tecnologias.* Rio de Janeiro: E-papers, 2009. p. 47-62.
- (19) Zolnerkevic, I. A vida das palavras. *Revista pesquisa FAPESP.* São Paulo, 2011, edição 185, p. 44-47.
- (20) IBOPE. (Acesso em 21 de Outubro de 2013). Disponível em <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/Numero-de-usuarios-de-redes-sociais-ultrapassa-46-milhoes-de-brasileiros.aspx>.
- (21) World Health Organization. Maternal, newborn, child and adolescent health. (acesso em 16 de Outubro de 2013). Disponível em: http://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/adolescence/dev/en/.
- (22) Estatuto da Criança e do Adolescente. Campinas, SP: 2012.
- (23) Trassi, M. L. e Malvasi, P. A. Violentamente Pacíficos: desconstruindo a associação da juventude e violência. Editora Cortez, 2010.
- (24) Erikson, E. Identidade, juventude e crise. Trad. Álvaro Cabral. 2ª. edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- (25) Aberastury e Knobel. El síndrome de La adolescência normal. Um enfoque psicanalítico. Capítulo 2. Editora Paidós. Buenos Aires. 1977.
- (26) Bock, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. *Caderno Cedes, Campinas.* 2004, vol.24, no.62, p. 26-43.

- (27) Ozella, S. e col. *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- (28) Del Prette, Z.A.P., & Del Prette, A. *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- (29) Del Prette, Z.A.P., & Del Prette, A. Um sistema de categoria de habilidades sociais educativas. *Paidéia*. 2008, v. 18, n^o. 41, p. 517-130.
- (30) Del Prette, Z.A.P., & Del Prette, A. *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes. 2005.
- (31) Del Prette, Z. A. P. e Del Prette, A. *Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes (IHSA-Del-Prette): manual de aplicação, apuração e interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. 1^a edição.
- (32) Gil, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5^a. Edição. São Paulo. Editora Atlas S.A., 2010.
- (33) Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.
- (34) Tognetta, L.R.P. e Bozza, T.C.L. *Cyberbullyin: Um estudo sobre a incidência do desrespeito no ciberespaço e suas relações com as representações que os adolescentes têm de si*. *Nuances: estudos sobre educação*. Set./dez. 2012. v. 23, n. 24, p. 164-180.

8. APÊNDICES

APÊNDICE A

Autorização para Realização da Pesquisa

Concedo autorização para a mestrande Viviane Aires de Aguirre Mearraoui realizar a pesquisa “Relações sociais entre jovens: do face a face às redes sociais”⁵ nesta instituição (nome da escola), realizando sua coleta de dados no primeiro semestre de 2013.

A pesquisadora realizará em um primeiro momento o esclarecimento do projeto aos alunos e seus responsáveis, posteriormente a aplicação de um inventário de autorrelato com a temática “habilidades sociais” e finalmente, o convite para que alguns desses alunos (de acordo com os resultados dos inventários) participem de uma entrevista.

É de meu conhecimento que a pesquisadora enviará o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e somente mediante essa autorização assinada, as atividades de pesquisa serão iniciadas.

Carimbo da instituição

assinatura do responsável

Doc. do responsável:

São Paulo, 16 de Agosto de 2012

⁵ O título do trabalho sofreu alteração, conforme sugestão da banca presente na qualificação. Desse modo, este e outros documentos assinados antes do início da coleta de dados não estão com o título atual do trabalho.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (INSTITUIÇÃO)

TÍTULO DO PROJETO: Relações sociais entre jovens: do face a face às redes sociais.

Sua instituição está sendo convidada a participar do estudo “Relações sociais entre jovens: do face a face às redes sociais” a ser realizado pela pesquisadora Viviane Aires de Aguirre Mearraoui. Os avanços na área da saúde ocorrem através de estudos como este, por isso a participação de seu filho é importante.

O objetivo deste estudo é estudar habilidades sociais e formas de comunicação utilizadas pelos alunos (por exemplo, uso de internet), que serão convidados ao preenchimento de um questionário no qual vão relatar suas percepções em relação a suas habilidades sociais (por exemplo, apresentar-se, iniciar conversação). Alguns alunos serão selecionados para uma segunda etapa. Nesta, será feita uma entrevista sobre as formas de contatos sociais utilizadas por eles. Essa entrevista será gravada, para posterior análise. Os dados do estudo serão apresentados somente em contexto acadêmico, assegurando-se o sigilo e a preservação da identidade dos sujeitos e da instituição. Após o término da análise, no prazo máximo de 3 anos, as gravações em áudio serão inutilizadas.

Estaremos à disposição para quaisquer esclarecimentos: Prof. Dra. Cecília Guarnieri Batista (tel: 32518805), Psicóloga Viviane Aires de Aguirre Mearraoui (tel: 5061-7348) ou no comitê de Ética Médica em Pesquisa da FCM – UNICAMP (tel: 35218936).

Estando o responsável pela instituição ciente dos procedimentos e não restando quaisquer dúvidas a respeito do que foi lido e explicado, firma seu consentimento livre e esclarecido de concordância em participar da pesquisa assinando o presente termo de compromisso em três vias.

Campinas, dede 2009

Assinatura do representante da instituição.....

Prova documental (tipo).....

Psicóloga Viviane Aires de A. Mearraoui
Pesquisadora responsável

Prof. Dra. Cecília Guranieri Batista
Orientadora

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (INSTITUIÇÃO)

TÍTULO DO PROJETO: Relações sociais entre jovens: do face a face às redes sociais.

Sua instituição está sendo convidada a participar da segunda etapa do estudo “Relações sociais entre jovens: do face a face às redes sociais” a ser realizado pela pesquisadora Viviane Aires de Aguirre Mearraoui. Os avanços na área da saúde ocorrem através de estudos como este, por isso a participação de seus alunos é importante.

O objetivo deste estudo é estudar habilidades sociais e formas de comunicação utilizadas pelos alunos (por exemplo, uso de internet). Na primeira etapa, conforme autorização anterior, os alunos responderam um questionário relatando suas percepções em relação a suas habilidades sociais (por exemplo, apresentar-se, iniciar conversação). Nesta segunda etapa, alguns desses alunos, serão convidados para uma entrevista sobre as formas de contatos sociais utilizadas por eles. Essa entrevista será gravada, para posterior análise. Os dados do estudo serão apresentados somente em contexto acadêmico, assegurando-se o sigilo e a preservação da identidade dos sujeitos e da instituição. Após o término da análise, no prazo máximo de 3 anos, as gravações em áudio serão inutilizadas.

Estaremos à disposição para quaisquer esclarecimentos: Prof. Dra. Cecília Guarnieri Batista (tel: (19) 32518805), Psicóloga Viviane Aires de Aguirre Mearraoui (tel: (11) 5061-7348) ou no comitê de Ética Médica em Pesquisa da FCM – UNICAMP (tel: (19) 35218936).

Estando o responsável pela instituição ciente dos procedimentos e não restando quaisquer dúvidas a respeito do que foi lido e explicado, firma seu consentimento livre e esclarecido de concordância em participar da segunda etapa da pesquisa assinando o presente termo de compromisso em três vias.

Campinas, dede 2009

Assinatura do representante da instituição.....

Prova documental (tipo).....

Psicóloga Viviane Aires de A. Mearraoui

Prof. Dra. Cecília Guranieri Batista

Pesquisadora responsável

Orientadora

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTES)

TÍTULO DO PROJETO: Relações sociais entre jovens: do face a face às redes sociais.

Seu filho está sendo convidado a participar do estudo “Relações sociais entre jovens: do face a face às redes sociais” a ser realizado pela pesquisadora Viviane Aires de Aguirre Mearraoui. Os avanços na área da saúde ocorrem através de estudos como este, por isso a participação de seu filho é importante.

O objetivo deste estudo é estudar habilidades sociais e formas de comunicação utilizadas pelos participantes (por exemplo, uso de internet). Seu filho será convidado a preencher um questionário no qual ele vai relatar suas percepções em relação a suas habilidades sociais (por exemplo, apresentar-se, iniciar conversação). Alguns alunos serão selecionados para uma segunda etapa. Nesta, será feita uma entrevista sobre as formas de contatos sociais utilizadas por ele. Essa entrevista será gravada, para posterior análise. Os dados do estudo serão apresentados somente em contexto acadêmico, assegurando-se o sigilo e a preservação da identidade dos sujeitos e da instituição. Após o término da análise, no prazo máximo de 3 anos, as gravações em áudio serão inutilizadas.

Vocês poderão obter todas as informações que quiserem, antes, durante ou após o estudo, diretamente com a pesquisadora.

Estaremos à disposição para quaisquer esclarecimentos: Prof. Dra. Cecília Guarnieri Batista (tel: 32518805), Psicóloga Viviane Aires de Aguirre Mearraoui (tel: 5061-7348) ou no comitê de Ética Médica em Pesquisa da FCM – UNICAMP (tel: 35218936).

Estando o responsável ciente dos procedimentos e não restando quaisquer dúvidas a respeito do que foi lido e explicado, firma seu consentimento livre e esclarecido de concordância em participar da pesquisa assinando o presente termo de compromisso em três vias.

Campinas, dede 2009

Assinatura do responsável.....

Prova documental (tipo).....

Psicóloga Viviane Aires de A. Mearraoui
Pesquisadora responsável

Prof. Dra. Cecília Guranieri Batista
Orientadora

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTES)

TÍTULO DO PROJETO: Relações sociais entre jovens: do face a face às redes sociais.

Seu filho está sendo convidado a participar da segunda etapa do estudo “Relações sociais entre jovens: do face a face às redes sociais” a ser realizado pela pesquisadora Viviane Aires de Aguirre Mearraoui. Os avanços na área da saúde ocorrem através de estudos como este, por isso a participação de seu filho é importante.

O objetivo deste estudo é estudar habilidades sociais e formas de comunicação utilizadas pelos jovens (por exemplo, uso de internet). Na primeira etapa, conforme autorização anterior, seu filho respondeu um questionário relatando suas percepções em relação a suas habilidades sociais (por exemplo, apresentar-se, iniciar conversação). Nesta segunda etapa, ele está sendo convidado para uma entrevista sobre as formas de contatos sociais utilizadas por ele. Essa entrevista será gravada, para posterior análise. Os dados do estudo serão apresentados somente em contexto acadêmico, assegurando-se o sigilo e a preservação da identidade dos sujeitos e da instituição. Após o término da análise, no prazo máximo de 3 anos, as gravações em áudio serão inutilizadas.

Vocês poderão obter todas as informações que quiserem, antes, durante ou após o estudo, diretamente com a pesquisadora.

Estaremos à disposição para quaisquer esclarecimentos: Prof. Dra. Cecília Guarnieri Batista (tel: (19) 32518805), Psicóloga Viviane Aires de Aguirre Mearraoui (tel: (11) 5061-7348) ou no comitê de Ética Médica em Pesquisa da FCM – UNICAMP (tel: (19) 35218936).

Estando o responsável ciente dos procedimentos e não restando quaisquer dúvidas a respeito do que foi lido e explicado, firma seu consentimento livre e esclarecido de concordância em participar da segunda etapa da pesquisa assinando o presente termo de compromisso em três vias.

Campinas, dede 2009

Assinatura do responsável.....

Prova documental (tipo).....

Psicóloga Viviane Aires de A. Mearraoui
Pesquisadora responsável

Prof. Dra. Cecília Guranieri Batista
Orientadora

APÊNDICE F

Transcrição das Entrevistas

Entrevista 01. Gênero Masculino. Baixa dificuldade em habilidades sociais no IHSA

E: Com quais pessoas você realiza o contato face a face?

01: Com meus colegas de classe, meus pais, meu irmão e minha namorada. Eles são quem eu vejo mais cotidianamente.

E: Então esse contato face a face é feito na escola e em casa. É feito em algum outro local também?

01: Tem um curso à tarde que eu faço e a academia. No fim de semana eu saio mais, aí também.

E: E no curso e na academia? Tem outras pessoas com as quais você realiza esse contato?

01: Nem tanto, porque, no curso, é com o pessoal da minha classe. Muitos também fazem. E na academia, eu vou com um vizinho do meu prédio e fico mais com ele.

E: A frequência desse contato então seria diária?

01: Sim, diária.

E: Quanto do seu tempo diário é dedicado a ele?

01: Com os meus pais é mais ou menos, porque geralmente no café da manhã vejo minha mãe, mas, os horários do meu pai, são bem diferentes do meu. Na hora do almoço, está o meu irmão em casa. Só quando eu saio mais cedo da escola ou do curso, eu falo mais com eles.

E: E no fim de semana, muda alguma coisa nessa frequência?

01: Fim de semana eu saio mais, vou na casa de amigos, durmo, às vezes, na casa de alguém.

E: Tem alguma diferença no contato face a face em dia de semana, final de semana, ano letivo, férias?

01: Não muda muito não. Eu continuo falando com as mesmas pessoas, mantenho as amizades.

E: Quando você está numa conversa face a face, geralmente quais são os temas? Que tipo de conteúdo?

01: Ah, depende. Na escola, geralmente, é nota, prova, combinar alguma coisa de sair, de algo que a gente vai fazer. Com os meus pais, já é coisa de notícia, mais comum.

E: Você tem algum incentivo ou alguma restrição para esse contato?

01: Não. Eu tenho um jeito de conversar e não altero de acordo com a outra pessoa.

E: O que você acha de prós e contras dessa forma de se comunicar?

01: Sei lá. Eu acho que tem algumas coisas que são mais difíceis de falar desse jeito, mas, já quando você consegue, são mais verdadeiras. Já quando você não está vendo, é mais fácil de mentir, você não sabe se a pessoa está falando a verdade ou não. Já, pessoalmente, dá pra ver se a pessoa está mentindo, ou algo assim.

E: Como você se sente nesse tipo de contato?

01: Com os amigos e pessoas que eu vejo bastante vezes, eu ajo normal. Não sou tímido e tal. Mas, geralmente, quando eu sou novo num lugar, procuro ficar mais na minha, escutar mais.

E: Como você avalia o seu desempenho nesse contato.

01: Acho que eu me saio bem.

E: Agora a gente vai ver essas mesmas coisas, com relação ao contato por voz, sem a possibilidade de ver a pessoa. Com quem você utiliza esse contato?

01: Com a minha namorada só.

E: Onde que você costuma falar com ela dessa forma?

01: Em casa. Quando eu chego da escola e à noite.

E: Todos os dias?

01: Sim.

E: Fim de semana é a mesma rotina?

01: Não, no fim de semana a gente se fala só pessoalmente mesmo. Geralmente ela dorme na minha casa.

E: E quanto tempo você fica nessas conversas por telefone?

01: Aí depende. De tarde a gente fica um pouco mais, uma meia hora. Agora de noite, que eu chego mais cansado e preciso dormir cedo, a gente fica uns 10 minutos.

E: Bom, de fim de semana você já me falou que reduz, não é?

01: Sim.

E: Mas entre ano letivo e férias tem alguma diferença?

01: Nas férias a gente passa mais tempo juntos, porque não tem que acordar cedo pra ir pra escola. Mas, não muda muito. Invés de se ligar duas vezes por dia, a gente se liga só uma vez à noite, mas passa mais tempo. Então não muda muito.

E: E que tipo de conteúdo vocês falam?

01: Ah, a gente fala tipo de alguma coisa que aconteceu na escola, na família. Sei lá, algum plano, um passeio, por aí. A gente programa o fim de semana.

E: E pra essa atividade tem algum incentivo ou restrição?

01: Geralmente a minha mãe não gosta que eu fique conversando até muito tarde, por isso a gente conversa menos à noite, quando eu chego. Mas, fora isso, não. Eu também não gosto de ficar até tarde. Senão no dia seguinte fico muito sonolento.

E: O que você vê de prós e contras nessa forma de se comunicar?

01: Ah, eu acho que não tem nenhum contra. Pra mim é como falar pessoalmente, eu me sinto à vontade, tranquilo.

E: Como é que você se sente quando realiza essa comunicação?

01: Bem. Acho que eu me saio bem.

E: Tem alguma dificuldade?

01: Não, nenhuma.

E: Agora talvez seja um pouco mais amplo, porque a gente vai falar do contato por escrito, então abrange mais formas, mas vamos conversar basicamente sobre os mesmos tópicos. O contato escrito, com quem você faz?

01: Ah! Aí já é bastante gente. Por celular pra combinar alguma coisa, por exemplo, combinar com o amigo de ir pra academia. Às vezes a gente também combina por torpedo alguma coisa pra fazer depois da aula. Quando um vai dormir na casa do outro, também.

E: E você usa mais dessa forma, por exemplo: você e um amigo combinando alguma coisa, um contato mais pessoal, você e um amigo ou poucos amigos, ou você usa também para grupos maiores e não tão próximos?

01: É, também. *Facebook* e *twitter* eu entro quando tenho um pouco mais de tempo, porque quando precisa falar com muita gente é bom. Tipo, tem um churrasco, você já posta lá, todo mundo já vê. Isso no *face*.

E: Mas, então, de qualquer forma você usa mais com o seu núcleo, pra combinar algum evento e não usa muito pra postar, curtir?

01: É, geralmente é mais isso, mas, quando tem uma coisa que achei legal, eu curto também. E eu usava bastante o *twitter* pra publicar, sei lá, falar o que eu estava fazendo, dar umas opiniões, mas esse já é geral, pro mundo inteiro. E, mas, agora não uso tanto por falta de tempo. Eu entro, posto alguma coisinha e já tenho que sair pra fazer outras coisas.

E: Mas, então, é mais por falta de tempo que você diminuiu o uso?

01: É, porque eu gosto bastante. O *twitter* eu tenho desde o ano passado e tenho quase 55.000 seguidores. É legal pra caramba!

E: Quanto tempo você se dedica pra esse contato escrito.

01: A todo dia eu dou pelo menos uma fuçada em *face*, *twitter*, essas coisas, mesmo que seja rápido, só pra olhar o que tá acontecendo e sair.

E: Mas, e na comunicação por escrita de um modo geral?

01: Ah, aí é muito! Todo dia.

E: Muitas vezes ao dia?

01: É, bastante.

E: Pelo que eu estou entendendo, mais pra torpedos e combinar coisas, do que um acesso mais geral no *facebook* e no *twitter*?

01: Isso. É bem mais por torpedos.

E: Se a gente pegasse um dia: quanto tempo, mais ou menos desse dia, você acha que se dedica ao contato por escrito?

01: Mensagem como eu troco, bastante. Acho que somando tudo dá, mais ou menos, uma hora por dia. E computador, bem menos, deve ser uma meia hora. Acho o torpedos bem mais prático.

E: Tem alguma diferença dia de semana, fim de semana, férias, ano letivo?

01: Férias eu costumo usar muito, porque eu praticamente troco a noite pelo dia. Fico de madrugada no computador, aí vou dormir de manhã, acordo tarde. Aí muda toda a rotina.

E: Geralmente que conteúdos você aborda?

01: Festas, eventos mundiais. Tipo a mudança do papa lá. Aí você publica uma opinião. E entretenimento também, né? Algumas frases interessantes de reflexão. Acho que é mais isso mesmo.

E: Então pra relacionamento é mais como uma ponte para os eventos? E parece que você usa também para reflexões. É isso?

01: Isso. As coisas mais importantes são por telefone ou conversando pessoalmente.

E: Tem algum incentivo ou restrição para esse contato?

01: De semana, o horário, mas só.

E: De fim de semana já não tem essa restrição de horário?

01: Não, fim de semana é livre.

E: Prós e contras que você vê nessa comunicação.

01: Por mensagem, eu acho que às vezes a pessoa pode estar sendo falsa com você e você não sabe e, algumas coisas que você coloca na internet, pode não ter um fundamento, pode ser mentira. De resto, ela é muito boa, porque é bem ampla, você pode melhorar a sua cultura. Você pode se sentir bem em qualquer ambiente da internet.

E: Como você se sente nessa modalidade?

01: Eu tenho facilidade. Me sinto bem, à vontade.

E: E avaliação do seu desempenho?

01: Acho que eu me saio bem.

Entrevista 02. Gênero Feminino. Baixa dificuldade em habilidades sociais no IHSA.

E: Eu gostaria que você me contasse com quem você faz o contato face a face?

02: Mais com a minha família, meu namorado e com o pessoal da escola.

E: Em que locais você tem esse contato?

02: Na minha casa, na escola, quando eu vou na casa do meu namorado, mas isso não é sempre. No dia-a-dia, é mais na minha casa e na escola.

E: Com que frequência você tem esse contato face a face?

02: Todo dia.

E: Quanto tempo, em média, você acha que utiliza esse contato face a face?

02: À noite eu converso muito com meus pais e com meu namorado e, de manhã, com o pessoal da escola. À tarde eu durmo.

E: Tem alguma diferença entre dia de semana e final de semana, férias e ano letivo?

02: Só em pessoas. Tipo, no dia da semana eu vejo mais o pessoal da escola e, no fim de semana, vejo mais outras pessoas que eu tenho amizade e não estudam aqui.

E: Sobre que tipo de conteúdo você conversa no contato face a face?

02: Sobre tudo.

E: Por exemplo?

02: Depende de com quem eu falo: com meus pais e com quem tenho intimidade, falo sobre tudo mesmo.

E: Tem algum incentivo ou restrição para esse contato?

02: Não.

E: O que você acha que tem de prós e contra nessa forma de contato?

02: De contra, eu acho que é ter que falar na hora, sem pensar bem, porque a pessoa te falou uma coisa e você tem que dar uma resposta na hora. E a favor, eu gosto mais assim. Tipo, não sei explicar, mas você está com a pessoa, o contato fica mais próximo.

E: Como você sente nessa modalidade? Alguma facilidade ou dificuldade?

02: Com quem tenho intimidade, é super tranquilo. Mas, quando estou conhecendo alguém, não fico normal. Fico meio assim, na minha.

E: Como você avalia o seu desempenho nessa forma de se comunicar?

02: Acho bom.

E: Agora a gente vai falar um pouco sobre o contato por voz, sem visual e escrito. Com quem que você faz esse tipo de contato?

02: Meu namorado e minhas amigas. E com a minha mãe, que ela me liga muito.

E: Onde você realiza esse contato?

02: Mais pelo celular. Em qualquer lugar.

E: Com que frequência?

02: Todo dia.

E: Quanto tempo você fica nesse contato?

02: Com a minha família é bem rápido. Com as minhas amigas também, porque é só uma coisa ou outra que a gente fala assim. Mais demorado é com meu namorado, mas também não é muito tempo.

E: Tem alguma diferença entre férias e dia letivo, dias de semana e finais de semana?

02: Não. Pra mim, em relação a isso, é a mesma coisa.

E: Que tipo de conteúdo há nessas conversas?

02: Tudo, também. Pra minha mãe, é sempre onde eu estou, mas pro resto, falo sobre tudo.

E: Tem incentivo ou restrição pra esse contato?

02: Não, porque eu uso pouco o telefone. Nem gasto não tem.

E: Quais os prós e contras que você vê nessa forma de comunicação?

02: Nenhum.

E: Como você se sente nesse contato? Quais são suas facilidades e dificuldades?

02: Normal.

E: E o seu desempenho nessa modalidade, como você avalia?

02: Normal também, porque eu só falo com gente que eu conheço, então é tranquilo.

E: Agora a gente vai falar do contato por escrito e quero você me situe das diferenças entre e-mail, carta, *facebook*, enfim, tudo o que você utiliza em escrita e com quem.

02: As mesmas pessoas. Menos com meus pais, que é mais por telefone.

E: E onde você realiza esse contato?

02: Agora meu celular quebrou e esse aparelho, que eu estou usando por enquanto, não tem internet. Mas, geralmente, é em qualquer lugar, sempre trocando mensagens, conectada.

E: E a frequência desse contato?

02: Diária.

E: Quanto tempo por dia, mais ou menos, você fica nesse contato?

02: Varia um pouco, depende do assunto.

E: Então essa forma de comunicação no seu caso está mais vinculada a um assunto. Você não usa o *facebook* pra curtir, por exemplo?

02: Uso. Uso assim também. Mas, quando é pra conversar é mais pra algum assunto específico. Agora, por exemplo, quando eu não durmo à tarde, fico no *face* e no *twitter*.

E: Você usa essas ferramentas mais com amigos ou outras pessoas também?

02: Mais com amigos, mas já aconteceu de eu adicionar no *face* alguma pessoa que eu conheci em algum lugar, porque era amigo de alguém que eu conhecia e depois nunca mais vi. Daí, a gente começa a falar pelo *face* e algumas dessas pessoas se tornam amigas mesmo e a gente começa a sair juntas. Não acontece mais muito hoje, mas antes eu fazia bastante isso.

E: Tem alguma diferença entre fim de semana e dias de semana, férias e ano letivo?

02: Não. Mesma coisa. A única coisa é em dia de prova: tem que ficar estudando, aí eu não fico no computador. Só mando algum torpedinho se precisar.

E: Que tipo de conteúdo você aborda nessa forma de contato?

02: Tudo, também.

E: Tem alguma diferença, por exemplo: no torpedinho eu falo sobre tudo, no *facebook* já não escrevo tanto?

02: Depende. No *face*, pra todo mundo ver, eu não vou colocar coisas pessoais. Mas na mensagem do *face* ou no torpedinho, eu coloco tudo.

E: Incentivos e restrições?

02: Agora com celular quebrado, não tenho internet no celular, mas aí, chegando em casa, eu já vou pro computador. E quando tem prova, não que dá tempo mesmo. Aí eu não entro na internet,

ou entro pouco. De incentivo, tem pra envio de torpedo, porque, às vezes, você sabe que a pessoa está num lugar que não vai poder atender o telefone. Daí você manda uma mensagem, que fica mais fácil. E o *face*, você colocar lá e todo mundo vê.

E: Prós e contras que você vê nessa forma de contato.

02: Só acho ruim quem deixa de sair pra ficar no computador, ou fica muito tempo. Mas, pra mim, como eu não faço isso, é tranquilo.

E: Como você se sente? Facilidades e dificuldades?

02: Me sinto bem. Acho mais fácil do que falar olhando pra pessoa e tem mais tempo pra pensar no que vai escrever.

E: Como você avalia o seu desempenho?

02: Normal também. Com quem eu conheço, eu fico normal, e com quem eu não conheço, é mais fácil do que cara a cara, mas ainda assim, não é tão normal como é com as pessoas que eu conheço.

Entrevista 03. Gênero Masculino. Baixa dificuldade em habilidades sociais no IHSA.

E: Eu gostaria que você me contasse com quem você faz o contato face a face?

03: Minha mãe, meu pai, minhas irmãs, professores, amigos.

E: Pelo que você me falou, em termos de locais, a gente já pode pensar em casa e na escola. Tem mais algum local?

03: Vou no (nome de uma lanchonete) com meus amigos. Outros passeios, desço na área de lazer no prédio.

E: Então você tem amigos no prédio também?

03: É, a gente joga futebol. Foi lá que eu quebrei a perna. (Risos).

E: Com que frequência você tem esse contato face a face?

03: Todo dia.

E: Quanto tempo, em média, você acha que utiliza esse contato face a face?

03: A maioria do dia, toda hora.

E: Tem alguma diferença de comunicação face a face entre dia de semana e final de semana, férias e ano letivo?

03: De fim de semana, acho que eu converso mais, fico mais livre, não tem que estudar tanto. Férias então, mais ainda.

E: Sobre que tipo de conteúdo você conversa no contato face a face?

03: Futebol. Ah, e algum conteúdo que eu saiba. Com os amigos, é uma conversa mais informal, a gente fala de meninas e tal. Com os meus pais também falo sobre isso, mas de outro jeito. Com as minhas irmãs, eu brigo bastante, mas a gente se acerta e acaba conversando bastante.

E: Tem algum incentivo ou restrição para esse contato?

03: A única restrição é na escola, que os professores não deixam conversar na aula. O de física é mais rígido. Ele entra na sala e dá cinco minutos pra gente conversar e, depois, a gente não pode falar mais nada. O ruim é que quem fala depois, ele tira da aula. É que ele é novo na escola. Pelo menos, ele explica bem.

E: O que você acha que tem de prós e contras nessa forma de contato?

03: Vantagens só.

E: E quais são as vantagens.

03: Ah! Explicar eu não sei.

E: Como você sente quando está nesses contatos? Alguma facilidade ou dificuldade?

03: É fácil. Normal.

E: Como você avalia o seu desempenho nessa forma de se comunicar?

03: Acho que me saio normal.

E: Agora a gente vai falar um pouco sobre o contato por voz, sem visual e escrito. Com quem você faz esse tipo de contato?

03: Eu já não gosto muito, porque tenho uma voz horrível no telefone e, também, hoje em dia, a gente usa mais outras formas. Mas falo sim, com amigos e família.

E: Onde você realiza esse contato?

03: Mais pelo celular, em qualquer lugar.

E: Com que frequência?

03: Todos os dias.

E: Qual a duração dessas ligações?

03: Em média, uma hora, uma hora e pouco por dia.

E: Tem alguma diferença entre férias e dia letivo, dias de semana e finais de semana?

03: De final de semana é menos, porque fico mais com eles e não preciso falar muito por telefone. Em férias também, que a gente viaja juntos.

E: A gente quem? Você e sua família ou você e seus amigos?

03: Com os dois. Os amigos viajam juntos, mas sempre tem alguma família com a gente.

E: Que tipo de conteúdo há nessas conversas?

03: Com a família, é mais questão de horário, de saber onde eu estou. E com os amigos, meio que a mesma coisa. A gente marca de sair, fazer alguma coisa.

E: Tem incentivo ou restrição pra esse contato?

03: É bom, porque é celular de plano. Dá pra falar bastante sem variação no custo mensal.

E: E prós e contras que você vê nessa forma de comunicação.

03: Desvantagem é que caro, por mais que o plano da Nextel não seja caro pelo número de minutos que dá pra falar. Mesmo assim, é um custo mensal.

E: Como você se sente nesse contato? Quais são suas facilidades e dificuldades?

03: Quando é com alguém que eu conheço, fico tranquilo, mas se for alguém que não conheço tão bem, já fico mais nervoso.

E: E o seu desempenho nessa modalidade, como você avalia?

03: Acho que me saio mais ou menos. Quando eu não estou vendo a pessoa, fico meio sem papo. Meu pai e minha irmã que falam bem, porque eles são advogados. E eu tenho que aprender, porque eu quero ser advogado também.

E: Agora a gente vai falar do contato por escrito e você vai me situando das diferenças entre e-mail, carta, *facebook*, enfim, tudo o que você utiliza em escrita. Com quem?

03: Mesma coisa, amigos e família.

E: Onde você realiza esse contato?

03: Em todos os lugares. Tem internet no celular.

E: Qual a frequência desse contato?

03: Diária.

E: Quanto tempo por dia, mais ou menos, você fica nesse contato?

03: Ah, o tempo que eu não estou estudando, e nem lá em baixo no prédio, eu estou conectado ou trocando torpedo. Com minha família, a gente troca mensagem, também, pra combinar alguma coisa.

E: Você usa mais esses contatos escritos assim, para combinar algo ou com outras finalidades também?

03: Uso pra várias coisas, uso *twitter*, *face*.

E: Tem alguma diferença entre fim de semana e dias de semana, férias e ano letivo?

03: Não tem diferença. Estou sempre ligado.

E: Que tipo de conteúdo você aborda nessa forma de contato?

03: Pra combinar coisas, conversar com os amigos.

E: Então você não usa para contato com pessoas que você não conhece?

03: Até tem um ou outro no meu *face*, mas não me comunico. Só aceitei o convite de amizade.

E: Incentivos e restrições.

03: A única restrição é que, quando eu estou demorando muito, minha mãe me manda estudar, principalmente se for semana de prova, como está tendo agora.

E: Prós e contra que você vê nessa forma.

03: Contra nenhum. Acho melhor do que ficar ligando.

E: Como você se sente? Facilidades e dificuldades?

03: Nenhuma dificuldade. Acho mais fácil que falar pessoalmente. Não é que eu sou tímido, mas escrevendo é melhor ainda.

E: Como você avalia o seu desempenho?

03: Bem.

Entrevista 04. Gênero feminino. Baixa dificuldade em habilidades sociais no IHSA.

E: Nós vamos começar falando do face a face. Gostaria de saber com quais pessoas você se comunica dessa forma?

04: Meus amigos, minha família e quando eu vou a algum lugar que eu preciso me comunicar, por exemplo, fazer uma compra.

E: E família? É mais com as pessoas com quem você mora, ou em geral?

04: Mais com quem mora comigo.

E: Com quem você realiza esse tipo de contato?

04: Com meus amigos dessa escola, aqui mesmo (na escola); na outra escola que eu estudava, com os meus amigos de lá; com a minha família, em casa, e quando eu saio. Às vezes, eu vou no shopping, em algum restaurante.

E: Qual a frequência desses contatos face a face?

04: Todo dia.

E: Quanto tempo por dia, mais ou menos?

04: O dia inteiro.

E: E tem alguma diferença entre dia de semana e finais de semana, feriado e ano letivo?

04: Nas férias eu vejo menos meus amigos, porque muitos viajam, mas de fim de semana, eu vejo mais.

E: Você considera que muda a quantidade e as pessoas a quem se destinam seus contatos face a face?

04: Em questão de quantidade é sempre igual. Só mudam as pessoas.

E: Sobre que conteúdo você costuma conversar?

04: Eu acho que tudo, porque sempre tem alguma coisa diferente. Por exemplo: com a minha família, a gente comenta tudo, até coisas que saem no jornal. Agora, com meus amigos, é mais sobre música ou alguma coisa que está acontecendo na escola.

E: Você tem alguma forma de incentivo ou restrição pra esse contato?

04: Não, nem um e nem outro.

E: Você vê vantagens e desvantagens nessa forma de contato?

04: A vantagem é que está mais perto da pessoa e até é mais fácil de saber se é verdade ou não, aquilo que falam. Desvantagem, eu não vejo.

E: Você tem facilidades ou dificuldades nesse contato?

04: Não. Acho normal.

E: Como você avalia o seu desempenho nesse contato?

04: Eu acho que eu me saio bem.

E: Agora a gente vai falar sobre o contato por voz. Com quem você realiza esse contato?

04: Aí, eu já falo menos. Falo com minha mãe, minha família e meus amigos, mas bem menos, porque eu prefiro falar por mensagens. Não gosto muito de falar por telefone.

E: Em quem locais você realiza esses contatos?

04: Às vezes, eu estou aqui (na escola) e preciso falar com minha mãe, ou, às vezes, eu saio e preciso falar com alguém. Às vezes, eu estou em casa e não tenho o que fazer, aí ligo pras minhas amigas.

E: Então você usa tanto celular quanto fixo?

04: Isso. Um pouco dos dois.

E: Com quem frequência você se comunica dessa forma?

04: É meio raro. Eu só ligo quando precisa mesmo. Só de fim de semana e quando precisa mesmo. Geralmente eu mando mensagem. Só quando não respondem a mensagem, aí eu ligo.

E: Tem diferença entre fim de semana e dias de semana, ano letivo e férias?

04: De fim de semana eu ligo mais, porque eu saio mais com minhas amigas e preciso falar com alguém da minha família, ou, às vezes, eu estou em casa, não tenho nada pra fazer, aí eu ligo.

E: Então esse contato não é diário?

04: Não, não.

E: Quando você o realiza, qual a duração das conversas?

04: São curtas. É mais pra pedir pra alguém vir me buscar, avisar alguma coisa, mas de conversar mesmo, não.

E: Certo. E sobre que conteúdos você fala dessa forma?

04: Às vezes, pra dar um recado de que eu vou ficar em algum lugar ou vou sair.

E: Você tem algum incentivo ou restrição para usar essa forma de comunicação?

04: Não.

E: Você vê vantagens e desvantagens?

04: A vantagem, eu acho, que é até mais prático, porque, às vezes, você não tem tempo de encontrar a pessoa. Mas, desvantagem, eu acho que é você não ter certeza se a pessoa está falando sério mesmo, porque pelo telefone, às vezes, pode te enganar e pessoalmente não, ou é mais difícil.

E: Você tem facilidades ou dificuldades nessa forma de se comunicar?

04: Ah! Eu não gosto de falar no telefone. Eu prefiro ver a pessoa pessoalmente do que conversar.

E: Como você avalia o seu desempenho nessas conversas?

04: Eu consigo falar normal, só não gosto.

E: Agora a gente vai falar do contato escrito. Com quais pessoas você o realiza?

04: Com meus amigos, com a minha mãe e, às vezes, com alguma pessoa que eu preciso conversar alguma coisa, até que não seja meu amigo, um conhecido com quem eu preciso falar alguma coisa.

E: Onde você realiza esses contatos?

04: Em qualquer lugar.

E: Qual a frequência deles?

04: É o dia inteiro.

E: Tem diferença entre final de semana e dias da semana, férias e ano letivo, ou não muda nada?

04: Não muda nada.

E: Sobre quais conteúdos você fala por escrito?

04: Sobre tudo. Às vezes, sobre matéria da escola, se tem lição, se tem prova. Sobre alguma música, um filme. Alguma música, que eu gostei e quero falar pras minhas amigas, algum filme, que eu estou vendo e comento com elas. Às vezes, só pra conversar também, saber como elas estão.

E: Você tem algum incentivo ou restrição para esse contato?

04: Não.

E: Você vê alguma vantagem ou desvantagem desse contato?

04: Acho que é mais prático do que ligar. De desvantagem, eu acho que toma um pouco do seu tempo, mas nada que não valha à pena (Risos).

E: E quanto às facilidades e dificuldades nesses contatos?

04: Não vejo nenhuma. Pra mim, é tranquilo.

E: Como você avalia o seu desempenho nele?

04: Ah! Eu consigo conversar tranquila, sem problema nenhum.

Entrevista 05. Gênero Feminino. Média dificuldade em habilidades sociais no IHSA.

E: Eu gostaria que você me contasse com quem você faz o contato face a face?

05: Falo mais com meus melhores amigos, que tenho um grupinho na sala, e com meus pais. Minha tia também, que eu tenho mais afinidade na família. Com o pessoal da sala às vezes tem que falar. Aí, de boa, mas não falo muito.

E: Em que locais você tem esse contato?

05: Na escola e, às vezes, quando a gente sai também. Aí, quando a gente sai, sei lá, tem que falar com os caixas dos lugares, vendedores, enfim ... Mas falo mais mesmo com os amigos da escola.

E: E com que frequência você tem esse contato face a face?

05: Todo dia.

E: Quanto tempo, em média, você acha que utiliza esse contato face a face?

05: O face a face mesmo é o período da escola. Passo quase toda a aula falando. A gente pára um pouco, às vezes.

E: Tem alguma diferença entre dia de semana e final de semana, férias e ano letivo?

05: De falar assim, a gente, às vezes, se encontra nas férias, mas não é frequente, porque geralmente a gente viaja e tem que se falar mais pela internet. De fim de semana também é menos, porque a gente vai muito pra casa de parentes e não dá pra se ver tanto.

E: Sobre que tipo de conteúdo você conversa no contato face a face?

05: A gente fala de filmes, séries, música. Às vezes, fala da escola também, de como a gente odeia tudo, de como é tudo chato na escola. É por aí.

E: Tem algum incentivo ou restrição para esse contato?

05: Acho que não. Só na hora da aula que, quando uma está querendo prestar mais atenção e as outras estão falando, ela dá um toque e a turma pára um pouco, mas do mais, não tem nada.

E: O que você acha que tem de prós e contras nessa forma de contato?

05: Eu acho que se você é muito tímido você gagueja um pouco, não sabe o que falar. E se você é aberto, você fala muito e a pessoa fica meio irritada. O meio termo é difícil de achar.

E: Como você sente nessa modalidade? Alguma facilidade ou dificuldade?

05: Eu acho que eu tenho facilidade só com quem eu conheço bem, porque se eu tiver que falar com alguém que eu não conheço bem ou algum estranho eu fico mais travada.

E: Como você avalia o seu desempenho nessa forma de se comunicar?

05: Ah, eu queria ser um pouco menos tímida pra falar, porque eu quero ser atriz; então, eu tenho que perder esse medo. Mas está melhor do que nos outros anos. No ano passado, minha autoestima estava mais baixa, daí eu falava mesmo e tentava não aparecer muito em público.

E: Agora a gente vai falar um pouco sobre o contato por voz, sem visual e escrito. Com quem que você faz esse tipo de contato?

05: Mais com meus amigos também. E, como eu tenho *twitter*, eu entro muito lá e falo com gente que eu não conheço, mais ou menos da minha idade. Mas aí já vai entrar no escrito, né?

E: Isso! Onde você realiza esse contato?

05: Uso mais o fixo de casa. Não gosto muito de falar no telefone. Então, atendo quando alguém me liga ou, às vezes, atendo e é pros meus pais. Daí, se precisar, eu pego o recado. Mas, sempre conversas rápidas. De vez em quando, alguém me liga no celular e eu atendo.

E: Com que frequência?

05: No telefone, todos os dias alguém liga lá pros meus pais e, no celular, é mais nas férias e final de semana pra combinar alguma coisa.

E: Quanto tempo você fica nesse contato?

05: Com quem liga procurando meus pais, é questão de segundos e, pra combinar coisas com meus amigos, sou rápida também.

E: Talvez, então, dê menos de uma hora por dia nesse contato?

05: Ah sim! Acho que não dá nem 10 minutos por dia.

E: E tem alguma diferença entre férias e dia letivo, dias de semana e finais de semana?

05: Acho que tem. No fim de semana, como a gente sai mais, a gente fala mais. E nas férias, quando não viajamos, também.

E: Que tipo de conteúdo nessas conversas?

05: Recados pros meus pais e marcar compromissos com amigos.

E: Tem incentivo ou restrição pra esse contato?

05: Geralmente eu não ligo pra ninguém. Só atendo quando me ligam. Não gosto mesmo de falar no telefone.

E: E prós e contras que você vê nessa forma de comunicação?

05: É a mesma timidez. Tem gente que não gosta da própria voz, tipo eu, então, começa a gaguejar, não sabe o que falar, tipo assim. E tem gente que fala muito, aí, passa muito tempo no telefone, acha melhor falar sem ver a pessoa. Sei lá, vai de cada um.

E: E como você se sente nesse contato? Quais são suas facilidades e dificuldades?

05: Não tenho facilidade. Só tenho com meus pais, minha tia e melhores amigos. Agora, com quem liga que não tenho intimidade, tipo a secretária da escola de música que eu faço, é bem difícil.

E: E o seu desempenho nessa modalidade, como você avalia?

05: Um pouco ruim. Eu queria ser melhor falando. Porque eu queria fazer um estágio e deixei de procurar, porque sei que vou ter que falar no telefone e tenho vergonha.

E: Agora a gente vai falar do contato por escrito e você vai me situando das diferenças entre e-mail, carta, *facebook*, enfim, tudo o que você utiliza em escrita. Com quem?

05: Com meus amigos, com o pessoal do *twitter* que eu não conheço, com os meus ídolos também, que eu falo com eles. Às vezes eles respondem. Falo mais com essas pessoas mesmo. Uso *skipe* também, mas como não tenho *webcam*, não dá pra ver nem ouvir, é por escrito mesmo.

E: Onde você realiza esse contato?

05: É mais na minha casa mesmo, porque o meu celular não tem internet, então, não uso muito. Só às vezes pra mandar torpedos, mas comparado com a internet uso bem menos.

E: E a frequência desse contato?

05: Todos os dias. Mesmo que meus amigos não entrem, eu vejo o que as pessoas estão fazendo.

E: Quanto tempo por dia mais ou menos você fica nesse contato?

05: O dia inteiro. Quando eu estou em semana de prova, tento ficar menos no computador, mas não dá muito certo.

E: Tem alguma diferença entre fim de semana e dias de semana, férias e ano letivo?

05: Nenhuma. Uso sempre.

E: E que tipo de conteúdo você aborda nessa forma de contato?

05: Sobre tudo: garotos, música, matérias da escola que a gente pergunta. Às vezes alguém pergunta alguma coisa da minha vida, eu respondo. A gente fala sobre o namorado das outras, sobre sexo.

E: Incentivos ou restrições?

05: Eu me sinto mais a vontade falando pela internet e por mensagens. Eu também conheci umas pessoas no *twitter* que fiz amizade também. Acho que, como você tem como falar mais da sua vida, você encontra mais pessoas que se identificam com você.

E: Prós e contras que você vê nessa forma de contato.

05: O bom, é da timidez, que a pessoa pode se abrir mais. E o contra, são os perigos da internet, que as pessoas mentem, tem o lance da pedofilia, dos sites de *cyberbullying*. Esses sites eu acho bem complicado, porque a pessoa não pode fazer o *bullying* na escola, porque vai ser expulsa, mas aí ela cria essas páginas e a pessoa zoada pode até se matar, se não for autossuficiente. As pessoas enganam pra pegar as outras. Tem que ter cuidado com o que fala e com o que vê também, pra não pegar vírus no computador. Eu tomo muito cuidado. Não passo endereço, onde estudo, nada disso. E, pra conhecer alguém, só se for em eventos públicos. Nunca marco encontro pela internet.

E: Como você se sente? Facilidades e dificuldades?

05: Acho que a única dificuldade é essa com o cuidado. Mas eu me sinto bem.

E: E como você avalia o seu desempenho?

05: Eu acho que é o melhor de todos. Porque tem coisas que eu falo no *twitter*, por exemplo, que eu não falaria pessoalmente. Acho que eu enfrento mais o medo na internet.

Entrevista 06. Gênero Feminino. Média dificuldade em habilidades sociais no IHSA.

E: Eu gostaria que você me contasse com quem você faz o contato face a face?

06: Com a minha família e com minhas amigas mais próximas, as melhores amigas, com o pessoal do meu prédio, professores e empregada.

E: Pelo que você me falou em termos de locais, a gente já pode pensar em casa e na escola. Tem mais algum local?

06: Sim. De fim de semana eu saio bastante, então, também converso com o pessoal em festas e lugares que a gente vai, a gente sai pra jantar.

E: Esses passeios são mais com família ou amigos?

06: Praticamente só com amigos, porque eu moro só com a minha mãe e ela não sai muito. Um fim de semana sim, um não, eu vou para a casa do meu pai. Daí eu saio com ele, com a minha madrasta e minhas irmãs. Mas, minha mãe, eu fico bastante com ela em casa durante a semana. E, como não dá pra sair durante a semana, porque tem muita coisa da escola pra fazer, no fim de semana eu saio mais com meus amigos.

E: Além do fim de semana que você sai muito com amigos ou com seu pai, durante a semana, como se dá esse contato face a face? Ocorre menos do que nos finais de semana?

06: Não, não acontece menos não. Só muda um pouco as pessoas. Por exemplo, eu almoço de segunda à sexta com a minha avó quando chego da escola. Converso bastante com minha empregada também. Tem as pessoas do prédio, que converso todo dia com alguém, e minhas amigas mais próximas.

E: Quanto tempo, em média, você acha que utiliza esse contato face a face?

06: Com a minha mãe é bastante tempo. A gente passa algumas horas do dia juntas e sempre conversando. E quando ela não está em casa, a gente está sempre se falando por telefone. E com amigos depende do que tiver pra falar.

E: Você chega a ficar mais do que algumas horas nesse contato com amigos?

06: Não, é pelo tempo que a gente está em um passeio ou fazendo alguma atividade juntos. Pra chegar a ficar um fim de semana todo conversando ou mais tempo, é só de vez em quando, quando dorme um na casa do outro ou quando a gente viaja juntos.

E: Tem alguma diferença de comunicação face a face entre dia de semana e final de semana, férias e ano letivo?

06: De fim de semana é bem melhor, porque você está mais despreocupado, não tem tanta preocupação com a escola. De dia de semana tem que estudar, fazer lição, então, já é mais difícil. Férias também é melhor, porque a minha mãe me deixa sair bastante. Ah, e tem também meus amigos do clube. Eu frequento o (nome do clube) e faço academia também.

E: Sobre que tipo de conteúdo você conversa no contato face a face?

Com os meus amigos mais próximos, sobre tudo mesmo, problemas, coisas que acontecem. Agora, com quem não é tão próximo, eu já evito bem, não exponho minhas coisas. E, também, não é muita gente pra quem eu conto tudo. Só minha mãe e minhas melhores amigas.

E: Tem algum incentivo ou restrição para esse contato?

06: É, tem alguns lugares que minha mãe não deixa eu ir, tipo: uma balada ela não deixa. Ou até em outros lugares, se for com gente que ela não conhece bem, ela não deixa. Às vezes, também, ela tem preguiça de me levar e buscar, então eu chamo alguns amigos pra virem em casa.

E: O que você acha que tem de prós e contras nessa forma de contato?

06: Não sei. É bom pra ter uma boa relação com as pessoas. Acho que de contra, nada. A não ser que a pessoa comece a ver muito os amigos e só se preocupar com isso.

E: Como você sente quando está nesses contatos? Alguma facilidade ou dificuldade?

06: Geralmente, eu estou conversando com pessoas que eu conheço bem, mas, quando são pessoas diferentes, eu não me sinto muito a vontade, fico mais envergonhada.

E: Como você avalia o seu desempenho nessa forma de se comunicar?

06: Acho que me saio bem.

E: Agora a gente vai falar um pouco sobre o contato por voz, sem visual e escrito. Com quem que você faz esse tipo de contato?

06: Com a minha avó, bastante, porque ela é que vai me buscar na escola e a gente combina horário. Com a minha mãe também, porque sempre ela liga, e, quando eu saio, ela liga o tempo todo. Tem também duas amigas minha bem próximas e que não são do colégio, então, a gente se fala bastante por telefone. A gente se fala todos os dias.

E: E a duração dessas ligações?

06: São longas. A gente se fala todos os dias e por um bom tempo.

E: Esse tipo de contato você utiliza mais em casa ou em outros locais.

06: Mais em casa, porque eu sempre ligo do fixo. Pelo celular o contato é bem mais curto, só para algum recado.

E: Quanto tempo mais ou menos você acha que passa no telefone por semana?

06: Nossa, umas três horas por dia.

E: E tem alguma diferença entre férias e dia letivo, dias de semana e finais de semana?

06: De dia de semana eu telefono mais, porque não dá pra eu vê-las. De fim de semana, como a gente se vê mais, não precisa ficar ligando. Em férias também a gente se vê bastante, então, a gente se liga menos.

E: Que tipo de conteúdo há nessas conversas?

06: Ah, sobre tudo! Eu conto o que acontece comigo e elas, o que acontece com elas, sobre o que aconteceu com nossos amigos ...

E: Tem incentivo ou restrição pra esse contato?

06: Restrição nenhuma, até porque eu tenho net e elas também, então a gente fala de graça.

E: Prós e contras que você vê nessa forma de comunicação.

06: Ah, não sei responder. Tem de novo a questão do exagero que pode ser um contra no sentido de atrapalhar a pessoa em outras atividades.

E: E como você se sente nesse contato? Quais são suas facilidades e dificuldades?

06: Me sinto bem. Não tenho problemas.

E: E o seu desempenho nessa modalidade, como você avalia?

06: Bom. Como eu só falo com quem eu conheço bem, então me solto bem. No face a face me solto ainda mais, porque prefiro falar algumas coisas pessoalmente, mas, no telefone, também me saio bem.

E: Agora a gente vai falar do contato por escrito e você vai me situando das diferenças entre e-mail, carta, *facebook*, enfim, tudo o que você utiliza em escrita. Com quem?

06: Com todo mundo. Minha mãe, meu pai. Ele usa só e-mail. Com as minhas amigas, a gente usa muito o *WhatsApp*, que é tipo um e-mail, só que pelo celular.

E: Esse aplicativo, vocês usam para conversas a dois ou para grupos?

06: É igual o *facebook*, sabe? Só que pelo celular. Então você pode conversar com uma pessoa ou fazer um grupo e conversar com várias pessoas ao mesmo tempo.

E: Com todos conhecidos, ou dá pra falar com pessoas que não conhecemos, como no *facebook*?

06: Não, esse é só pra pessoas que você conhece.

E: E o *facebook*, você usa também?

06: Uso o *facebook*. Eu já adiciono pessoas que são amigos de amigos, mas desconhecidos nem pelo face.

E: No geral, você utiliza mais o e-mail, ou essas formas?

06: Os dois eu uso muito.

E: Onde você realiza esse contato?

06: Em casa e em lugares que dá pra usar internet pelo celular. Acho que mais nas aulas, mesmo, eu não uso, mas, nos intervalos eu respondo várias coisas pelo celular. Estou sempre usando.

E: Quanto tempo por dia mais ou menos você fica nesse contato?

06: Olha, eu só não fico quando eu estou comendo, tomando banho, dormindo ou estudando, mas o resto do tempo é todo no celular. Até quando eu estou vendo TV e, às vezes, comendo também.

E: Boa parte do dia, então?

06: É.

E: Só mesmo nas aulas que você realmente não utiliza?

06: É. Até porque minha mãe não deixa. O ano passado eu usava, mas aí eu levei um informativo e ela proibiu.

E: Informativo?

06: É. É tipo uma advertência.

E: Tem alguma diferença entre fim de semana e dias de semana, férias e ano letivo?

06: Não. Nas férias fico em outros horários, posso usar mais de madrugada e acordar mais tarde, mas estou sempre conectada. Fim de semana também é mais assim.

E: E quando você viaja?

06: Ah, aí diminui! A gente só usa o celular pra combinar alguma coisa. Aí a gente pede pros pais e se encontra no lugar.

E: Incentivos ou restrições?

06: Minha mãe não gosta que eu fique até muito tarde no celular, pra acordar disposta.

E: Prós e contras que você vê nessa forma.

06: A mesma coisa que os outros, o exagero pode ser um problema. Mas, acho que nesse caso, é ainda pior do que nos outros dois, porque se você fica muito no celular você acaba não fazendo as outras coisas direito. Comer, por exemplo; é ruim fazer isso junto com troca de mensagens pelo celular.

E: Como você se sente? Facilidades ou dificuldades?

06: Ah, eu me sinto bem.

E: E o seu desempenho?

06: É mais ou menos, porque eu tenho meio preguiça de digitar. Então eu sou meio grossa, faço um contato mais direto. A não ser quando eu tenho alguma coisa muito importante pra contar. Daí escrevo muito.

Entrevista 07. Gênero Masculino. Alta dificuldade em habilidades sociais no IHSA.

E: Eu gostaria que você me contasse com quem você faz o contato face a face?

07: Quais as pessoas que eu converso?

E: Isso.

07: Com meus familiares, o pessoal de casa e os amigos da escola e do treino.

E: O “pessoal de casa”, quem seria?

07: Meu pai, minhas duas priminhas, minha tia. E tem minha mãe. Eu não moro com ela, mas sempre vou à casa dela, tenho contato. E com meus amigos aqui da escola.

E: Você falou amigos do treino. Você treina o que?

07: Vôlei. Participo de competições.

E: Onde você realiza esses contatos?

07: Na sala de aula, na quadra, em casa. Na rua também, quando encontro alguém.

E: Geralmente você realiza esse contato todo dia? Tem alguma diferença entre férias e ano letivo, fim de semana e dias da semana?

07: Acho que assim: de fim de semana eu tenho mais contato com meus amigos do que com o pessoal de casa, porque saio mais com amigos no fim de semana. De dia de semana, é mais com pessoal de casa.

E: Quanto tempo do seu dia, em média, é dedicado pra esse contato?

07: Acho que a maioria do dia. De manhã, com o pessoal aqui da escola. À tarde, um pouco menos, porque eu fico no meu quarto e, à noite, com o pessoal do treino, que eu vejo o pessoal. Acho que o dia inteiro.

E: Que conteúdos vocês abordam?

07: Aqui na escola a gente fala bastante sobre futebol, esporte, festas. Com os amigos, sobre meninas (Risos). Em casa, sobre o dia a dia, como cada um está, se está tudo bem. E: Tem alguma coisa que te incentiva ou que te restringe a essa forma de comunicação?

07: Eu não tenho restrição, mas é que o pessoal da sala conversa bastante e eu sou mais na minha. Então, eu tenho uma convivência boa, mas não sou de ficar gritando, aloprando a aula. Então, acabo falando menos do que eles.

E: Entendi. E você vê alguma vantagem e desvantagem em conversar face a face?

07: Vejo vantagem, porque você está falando cara a cara. É mais fácil do que o telefone. Você vê a pessoa, é uma forma mais divertida.

E: Você tem alguma facilidade ou dificuldade nesse contato?

07: Assim, eu tenho um pouco de dificuldade com pessoas que eu não conheço, ainda mais com meninas. Fico meio nervoso.

E: Como você avalia o seu desempenho no contato face a face?

07: Acho que me saio bem, falo com todo mundo. Não vejo nada que me prejudique.

E: Agora a gente vai falar as mesmas coisas do contato por voz, sem ver a pessoa. Com quem você se comunica dessa forma?

07: Acho que mais com meu pai. Porque ele está trabalhando e eu ligo pra ele pra saber como ele está. Às vezes, ele também me liga pra pedir pra eu fazer alguma coisa pra ele. E com a minha mãe também.

E: Em quais locais você realiza esse contato?

07: Na rua. Às vezes, quando eu estou no ônibus, saindo de um lugar pra ir a outro.

E: Então você usa o celular?

07: Sim. Fixo nunca.

E: Com que frequência ocorrem esses contatos?

07: Todo dia.

E: Quanto tempo por dia?

07: À tarde só. De manhã eu estou na escola e à noite, no treino. Então, não dá.

E: E o tempo dessas conversas?

07: Com meu pai, o primeiro contato da tarde é mais prolongado; depois não. Com a minha mãe também é mais prolongado, porque eu pergunto da minha irmã, de como eles estão.

E: Tem alguma diferença entre férias e ano letivo, dias da semana e finais de semana?

07: Em férias eu não uso tanto, porque estou envolvido com outras coisas. A gente passa férias na casa do meu avô e tem meus primos com, mais ou menos, a minha idade. Nem ligo pra isso. De fim de semana também é menos. Eu estou sempre avisando onde estou, mas aí é rápido.

E: Que conteúdos você fala nesse contato?

07: Tipo, às vezes, pra saber se a pessoa está bem, se aconteceu alguma coisa ... pra saber como a pessoa está mesmo.

E: Tem algum incentivo ou restrição para esse contato?

07: Não, é tranquilo.

E: Você vê vantagens e desvantagens nessa forma de comunicação?

07: Existe uma vantagem, que é ficar mais solto com pessoas desconhecidas. Mas com pessoas que eu conheço, até prefiro o face a face.

E: Você tem facilidades ou dificuldades em seu comunicar dessa forma?

07: A facilidade é que, às vezes, eu posso estar fazendo uma coisa e me comunicando ao mesmo tempo. E, também, não precisa estar junto. Qualquer hora que a pessoa puder atender, dá pra falar.

E: E o seu desempenho nesses contatos, como você o avalia?

07: Acho que eu me saio bem.

E: Agora nós vamos falar da comunicação por escrito. Se tiver alguma coisa mais específica nessa modalidade você me fala. Com quais pessoas você se comunica por escrito?

07: Só com meus amigos; bastante, através de mensagem, *WhatsApp*. É bem prático, pela internet mesmo. É como se fosse um *MSN*, mas bem mais prático.

E: Onde você realiza esses contatos?

07: No ônibus, quando vou e volto da escola e, em casa, à noite. Acabo ficando o dia inteiro. Às vezes, meu pai fica até nervoso, porque eu fico conversando por mensagem na hora do almoço.

E: Tem alguma diferença entre dias da semana e finais de semana, férias e ano letivo?

07: Férias eu não sei, porque desde quando eu comecei a falar por mensagem, não teve nenhuma.

E: Então esse contato por escrito na sua vida é mais recente?

07: É, é mais recente.

E: Que conteúdo você troca por escrito?

07: Brincadeiras. Tipo, você não tem nada pra fazer e fica brincando, ou vê alguma coisa interessante e puxa um assunto.

E: Você tem algum incentivo ou restrição pra esse contato?

07: Não, também não.

E: Você vê alguma vantagem ou desvantagem?

07: Eu vejo uma desvantagem, que é escrever. Eu não gosto muito de escrever. A vantagem é que a qualquer hora você encontra uma pessoa disponível. Não precisa esperar pra falar com a pessoa. O pessoal da minha idade está disponível o tempo todo.

E: Você tem alguma facilidade ou dificuldade nessa forma de contato?

07: É. Eu tenho uma dificuldade, que é escrever. Abrevio o máximo que eu consigo. Facilidade é realmente poder falar com a pessoa toda hora, estar sempre em contato com os amigos.

E: Como você avalia o seu desempenho nessa forma de contato?

07: Acho muito bom, porque, como eu uso frequentemente, eu vou melhorando. Treino até um pouco da escrita, mesmo sem querer.

Entrevista 08. Gênero Masculino. Alta dificuldade em habilidades sociais no IHSA.

E: Nós vamos falar primeiro do face a face. Com quem você utiliza?

08: Basicamente com todo mundo que eu conheço. Na escola. Meus eventos sociais são a escola, o teatro e família. Geralmente é sempre o face a face.

E: E o teatro, você gosta muito de ir assistir ou você faz curso de teatro?

08: Faço aula a apresentação.

E: E família ou mais com quem mora na sua casa?

08: É assim: meus pais são separados. Mas eu tenho contato tanto com o meu pai como com a minha mãe. Eu moro com meu pai e passo fins de semana com a minha mãe. E os dois moram com os pais, então eu tenho contato com meus avós. Tios não, porque meus pais são filhos únicos. Tenho também contato com as irmãs das minhas avós, minhas tias-avós. As famílias sempre foram muito unidas, então, tenho contato com todos eles. Tem também as minhas bisas.

E: E basicamente em que locais você mantém esse contato face a face?

08: Escola, na aula de teatro. Com família, ou o povo vem na minha casa ou eu vou na casa do povo (RS). Na casa da minha madrinha.

E: Então qual seria a frequência desse contato?

08: Todo dia.

E: E tem alguma diferença entre dias de semana e finais de semana, ano letivo e férias.

08: Ah tem. Porque de fim de semana como eu fico mais com a minha mãe, eu fico mais em casa. Não tem a escola, o teatro, então, o face a face é mais com ela e meus avós. De semana, tem escola, teatro, vou à casa de tias, converso com primos. Nas férias, eu perco alguns contatos da escola, mas em compensação eu vou muito mais à casa das minhas tias.

E: E essa diferença é só com relação às pessoas com quem você conversa, à quantidade desses contatos ou as duas coisas?

08: Só em pessoas. Em quantidade não muda nada.

E: e quanto tempo do seu dia você fica nesses contatos?

08: Bom, de manhã, eu fico conversando com o povo da escola. De noite, eu tenho o curso de teatro. Algumas vezes por semana eu vou à casa das minhas tias à tarde. Ou seja, quase o dia todo eu estou conversando.

E: E sobre quais conteúdos você conversa face a face?

08: Eu converso muito sobre a escola quando estou em casa, na escola sobre as coisas de casa. No teatro eu falo muito sobre a escola e também falo sobre as coisas de casa. Basicamente é isso.

E: E você tem algum incentivo ou restrição para utilizar esse contato face a face?

08: Incentivo eu não preciso de nenhum, porque eu falo mais que a boca. Eu é que acabo incentivando os outros a falar. Agora restrição tem, porque meu pai é super protetor. Ele não gosta que eu vá à casa das minhas tias. Ele fala que elas falam um monte de “baboseira” nas minhas orelhas. Em questão à escola, com relação aos meus amigos, ele é até mais liberal, mas na casa das minhas tias e da minha madrinha, ele não gosta, porque ele acha que elas ficam enchendo a minha cabeça.

E: E você vê alguma vantagem, desvantagem, nessa forma de contato?

08: Ah! Eu gosto porque você percebe principalmente quando a pessoa tá mentindo. Eu pelo menos, já logo me toco. De outra maneira é mais difícil perceber.

E: E você percebe ter facilidade ou dificuldade nessa forma de se comunicar?

08: Eu tenho muita facilidade. Não sei se foi o teatro que me deixou assim, ou se eu sou extrovertido mesmo. Não sei o que foi, mas tenho muita facilidade. Eu adoro conversar.

E: como você avalia o seu desempenho nessa forma de comunicar?

08: Ótimo, porque eu falo mesmo. Mesmo com quem eu não conheço, eu não seguro minha língua. Eu falo, falo, falo. Às vezes falo mal também, porque minha língua é afiada que só ela.

E: Agora nós vamos falar as mesmas coisas, só que do contato por voz. Esse forma, com quem você utiliza?

08: Olha contato por voz, se eu realizo é com os meus amigos da escola, por skipe, só o áudio e quando precisa mesmo, porque eu odeio telefone. Minha avó usa muito. Eu detesto mesmo. Só uso quando precisa com o pessoal da escola e o foco é pra estudar. Às vezes o pessoal combina de estudar junto pelo skipe, aí eu uso. Agora, pra conversar mesmo, quando não é estudo, a gente escolhe outras formas.

E: E com quais pessoas você fala dessa forma?

08: Só com os amigos da escola mesmo.

E: E a frequência desses contatos por voz?

08: Raro. Se eu falar 10 minutos por dia é muito. Eu falo “tudo bem?” pra minha mãe e pra minha tia quando elas ligam e eu atendo, porque quando não fui eu quem atendeu, eu nem chego perto do telefone.

E: E esses casos de estudar pelo skipe que você citou. Qual a frequência deles?

08: É só quando tem prova época de prova. Aí a gente combina e fica estudando por umas 3 horas no skipe. Isso só quando tem prova no dia seguinte. Por exemplo, hoje teve prova e ontem a gente ficou das 15 às 18 estudando pelo skipe.

E: E nesse contato por voz, tem alguma diferença entre dias da semana e finais de semana, férias e ano letivo.

08: Bom, o skipe não existe na minha vida em férias e fim de semana. Pelo telefone, falo um pouco mais, mas muito rápido. Tem essas coisas de atender ao telefone e perguntar se está tudo bem e raramente quando quero combinar alguma coisa, ligo pra pessoa. Nas férias sou obrigado a usar um pouco o telefone, porque perco um pouco do face a face com algumas pessoas, mas isso não me deixa nada contente.

E: E você tem algum incentivo ou restrição para essa forma de comunicação?

08: Olha: incentivo nenhum. Eu mesmo não quero. O incentivo seria para combinar alguma coisa. Mas aí pra combinar algo pra fazer face a face. E restrição é que a minha avó fica tanto no telefone, que mesmo que eu quisesse, não teria como usar, porque ela fica o dia inteiro.

E: E você vê alguma vantagem ou desvantagem nessa forma de contato?

08: Não vejo desvantagem. É que eu não gosto mesmo. Pra mim, ouvir a voz sem ver, “não fede nem cheira”, sabe?

E: E como você avalia o seu desempenho nesses contatos?

O8: Eu me saio bem. Não, é regular. Digamos que é regular, porque como eu não gosto, falta motivação.

E: Agora nós vamos falar basicamente sobre as mesmas coisas, no contato por escrito. Com quem você o realiza?

O8: Todo mundo, todo mundo, todo mundo. Muitas vezes eu estou fazendo um paralelo. Por exemplo: eu poderia estar aqui conversando face a face com você e em paralelo, com 50.000 pessoas diferentes pelo celular. Falo com todo mundo que eu conheço.

E: E pessoas desconhecidas?

O8: Não, eu não gosto de falar com quem eu não conheço. Isso eu não falo mesmo, porque eu não sei quem é a pessoa. Então é só com quem eu conheço, menos com família, que é gente antiga, então, com eles eu sou obrigado a conversar face a face e raramente, quando não tem outra opção, por telefone.

E: Toda a família, não usa?

O8: Não, a minha mãe é mais “modernete”, tem celular chique. Com ela eu consigo falar às vezes por *facebook* e *what's app*. É bom que é prático e de graça.

E: E sobre quais conteúdos você se comunica dessa forma?

O8: Tudo, brincadeiras, pessoas. Sobre tudo, não tem o que eu não fale. Até sobre política, às vezes. Agora que têm essas greves, a gente comenta.

E: E tem alguma diferença entre o conteúdo que fica exposto pra quem quiser ver e o conteúdo restrito?

O8: Não, porque eu no *facebook* eu não me mostro muito. Então, eu falo naquelas conversas privadas, que ninguém vai ver. Porque eu sou aquela pessoa assim: eu sou extrovertido até certo ponto, mas eu tenho muito pé atrás. Então assim, eu não sei quem você é, o que pode pensar de mim. Na verdade, o que pensam de mim eu estou “pouco me lixando”, mas sei lá, pode dar encrenca. No *facebook* eu não posto certas coisas, deixo pras conversas privadas. Eu posto mais coisas que eu acho engraçadas. Aliás, eu dou muitas risadas no *facebook*.

E: E você tem algum incentivo e restrição em se comunicar dessa forma?

O8: Olha: incentivo, eu acho que é barato. Restrição é só quando minha internet cai, que aí você tá falando e de repente cai. Daí eu fico “emputecido”, eu não quero ver ninguém na minha frente. Às vezes eu to conversando com 1000 pessoas no *facebook* e a internet cai. Coitado de mim.

E: E vantagens e desvantagens?

08: Ah! Eu vejo. Eu vejo muita vantagem, porque é uma facilidade. Às vezes você não tem possibilidade de falar no face a face como eu gosto. Então, a Internet é o que eu acho mais concisa. Melhor do que por voz. Outra vantagem da internet é que quando você cansou da pessoa, não precisa ficar dando muita satisfação. É muito mais fácil encerrar o assunto. Desvantagem é mais que você perde um pouco sim do contato. Quando você fica muito bitolado, tanto nessa escrita quanto no telefone, mas no meu caso mais a escrita, você vai perder um pouco do contato face a face.

E: E como você avalia o seu desempenho nessa forma de contato?

08: Chega a ser bom. Não vou falar ótimo, porque muitas vezes eu tenho preguiça de escrever alguma coisa muito longa, então desisto. Mas é bom. Ah! Uma grande desvantagem dessa comunicação é a descrita. Como você nunca vai escrever normal perde totalmente a escrita. Como agora eu estou escrevendo mais assim, às vezes me pego escrevendo “pra”, “vc”, na escola. Isso tá me incomodando bastante, porque eu não gosto disso. É mais prático, mas perde a escrita.

Entrevista 09. Gênero Feminino. Alta dificuldade em habilidades sociais no IHSA.

E: Eu gostaria que você me contasse com quem você faz o contato face a face?

09: Com a minha família e com o pessoal da minha escola. Com meus amigos todos.

E: Pelo que você me falou, em termos de locais, a gente já pode pensar em casa e na escola. Tem mais algum local?

09: Quando a gente passeia, também.

E: Com que frequência você tem esse contato face a face?

09: Diária.

E: Quanto tempo, em média, você acha que utiliza esse contato face a face?

09: Muito tempo do meu dia. (Risos).

E: Tem alguma diferença de comunicação face a face entre dia de semana e final de semana, férias e ano letivo?

09: Não, todo dia. Eu converso muito.

E: Sobre que tipo de conteúdo você conversa no contato face a face?

09: Sobre tudo.

E: o que você considera “tudo”?

09: Tudo mesmo. Todos os assuntos.

E: Tem algum incentivo ou restrição para esse contato?

09: Eu tenho muita amiga que fala bastante e eu, desde pequena, falo muito.

E: O que você acha que tem de prós e contras nessa forma de contato?

09: Não vejo contra. Acho que as coisas se resolvem melhor conversando face a face. Você vê a pessoa. Eu, pelo menos, me sinto melhor, frente a frente com a pessoa.

E: Como você se sente nessa modalidade? Alguma facilidade ou dificuldade?

09: Depende. Se for alguém que não conheço, eu fico mais tímida. Mas, se eu conhecer a pessoa, já falo bastante.

E: Como você avalia o seu desempenho nessa forma de se comunicar?

09: Sei lá. Normal.

E: Agora a gente vai falar um pouco sobre o contato por voz, sem visual e escrito. Com quem que você faz esse tipo de contato?

09: Com a minha família e só com algumas amigas.

E: E onde você realiza esse contato?

09: Uso mais o telefone fixo em casa, porque meu celular nunca tem crédito pra ligar.

E: Com que frequência?

09: Não muita, só quando eu preciso muito.

E: Então esse contato não é diário pra você?

09: Não.

E: Chega a dar poucas horas por semana, ou menos que isso?

09: Acho que nem uma hora por semana.

E: Tem alguma diferença entre férias e dia letivo, dias de semana e finais de semana?

09: Não. É sempre pouco assim.

E: Que tipo de conteúdo há nessas conversas?

09: Mais pra dar algum recado.

E: Tem incentivo ou restrição pra esse contato?

09: Não. Eu faço pouco, porque não gosto mesmo. Nem sei por que, mas não gosto.

E: E prós e contras que você vê nessa forma de comunicação.

09: Não vejo uma grande desvantagem. Só não gosto. E tem a vantagem de ser prático para combinar algumas coisas.

E: Como você se sente nesse contato? Quais são suas facilidades e dificuldades?

09: Ah, quando preciso, é tranquilo.

E: E o seu desempenho nessa modalidade, como você avalia?

09: Normal.

E: Agora a gente vai falar do contato por escrito e você vai me situando das diferenças entre e-mail, carta, *facebook*, enfim, tudo o que você utiliza em escrita e com quem.

09: Não uso e-mail quase nunca, só quando a gente faz trabalho em grupo e eu preciso mandar alguma coisa. E pelo *face*, só com as minhas amigas. Torpedo, que eu uso muito com as minhas amigas.

E: Onde você realiza esse contato?

09: Em casa e pela rua. Faço tudo pelo celular.

E: Qual a frequência desse contato?

09: Todo dia.

E: Quanto tempo por dia, mais ou menos, você fica nesse contato?

09: Muito tempo do meu dia. O dia todo a gente fica trocando mensagem por torpedo e *face*. O pessoal da nossa idade tá sempre conectado. Não demora pra responder. Eu também fico o dia todo com o celular conectado, dando uma olhada sempre que dá.

E: Tem alguma diferença entre fim de semana e dias de semana, férias e ano letivo?

09: Não, fico o dia todo, em qualquer ocasião.

E: Que tipo de conteúdo você aborda nessa forma de contato?

09: Falo sobre tudo. Tudo, tudo, tudo.

E: Tem alguma diferença, por exemplo: no torpedo eu falo sobre tudo, no *facebook* já não escrevo tanto?

09: Não. Falo sobre tudo, em tudo.

E: Incentivos e restrições.

09: Nenhum.

E: Quais prós e contras você vê nessa forma de contato

09: Prós, é que é rápido; você manda e pronto. Contra, é que você não vê a pessoa.

E: Como você se sente? Facilidades e dificuldades?

09: Tranquila.

E: Como você avalia o seu desempenho?

09: Normal, também. (Risos.)

Apêndice G. Tabela G16. Categorias, subcategorias e critérios para o eixo temático “Interlocutor”.

Categoria	Abre- via- tura	Subcategorias ⁶	Abre- viatu- ra	Crítérios – menção a:
Pessoas da família.	PFA	Pai e mãe	PAM	Pai e/ou mãe.
		Irmãos	IRM	Irmãos.
		Família	FML	Termo “família”, usado de forma genérica na fala, sem outra especificação relativa às pessoas a quem se refere.
		Outros familiares	OFA	Outros familiares especificados, exceto pais e irmãos. Inclui, entre outros: madrasta, padrasto, primo, tia, avó.
Colegas	COL	Colegas de escola regular	CES	Colegas da escola regular, sem indicação de amizade ou contato próximo. Inclui “pessoal da escola”.
		Colegas fora da escola regular	CFE	Colegas da fora da escola regular, sem indicação de amizade ou contato próximo. Inclui “pessoal” com ou sem especificação de local (excluído o “pessoal da escola”).
		Colegas em geral	CEG	Colegas sem especificação de origem do contato, pessoas de mesma faixa etária sem indicação como “amigos”. Inclui “vizinho”, quando não especificada relação de amizade.
Amigos	AMG	Amigos da escola regular	AES	Amigos da escola regular.
		Amigos fora da escola regular	AFE	Amigos de cursos extracurriculares, de atividades físicas e esportivas, de comunidades religiosas e afins.
		Amigos em geral.	AEG	“Amigos” sem especificação de origem do contato.
Namora-do	NAM	-	-	Namorado e expressões equivalentes, como por exemplo, “ficante”.
Outras pessoas	OTP	-	-	Pessoas de diferentes faixas etárias. Exemplo: “pessoas da escola”, “pessoas do prédio”, empregada, vendedores.
População em geral	POP	-	-	Expressões como “todas as pessoas”, “todo mundo”. Inclui “amigos de amigos” e “desconhecidos”.

⁶Em todas as tabelas, a menção à pessoa com quem se faz o contato (ex: irmão, namorado, etc) é feita no singular/masculino, e deve ser estendida ao plural, e a ambos os gêneros (masculino e feminino).

Tabela G17. Categorias, subcategorias e critérios para o eixo temático “Local dos contatos”.

Categoria	Abreviatura	Subcategorias	Abreviatura	Crítérios – menção a:
Casa	CAS	Casa/apartamento que mora	em CSA	Área privativa da casa (intra-muros) ou apartamento (parte interna).
		Áreas próximas à casa ou áreas de uso comum do prédio em que mora.	ACC	Áreas de uso comum, próximas à residência: calçadas, praças, etc. Áreas de uso comum do prédio/condomínio.
Casa de outras pessoas	CAO	Casa/apartamento namorado.	de CNA	Casa do namorado (inclui área privativa e de uso comum).
		Casa/apartamento colegas e amigos.	de CCA	Área privativa ou comum da casa de colegas e amigos.
		Outras casas	OCA	Área privativa ou comum da casa de outras pessoas. Exemplos: tios, avós. Inclui casa da mãe ou do pai, quando não é moradia do respondente.
Escola	ESC	Escola regular	ECL	Área da escola regular: salas de aula, pátios, outros.
		Escolas de cursos extracurriculares	ECE	Área de escola com cursos extracurriculares: salas de aula, pátios, outros.
Esporte/entretimento	ENT	Locais de prática esportiva.	LPE	Academias, clubes e outros locais nos quais se realizam práticas esportivas.
		Locais de lazer	LAZ	Clubes (aspecto social), restaurantes, praças e parques, salão de festa, boate, danceteria, shopping, na própria cidade ou em outras cidades. Locais de lazer pouco explicitados. Inclui respostas como “quando eu saio”, “quando eu passeio”.
Espaços religiosos	REL	-	-	Área de comunidades religiosas e afins. Inclui áreas de realização de cultos e reuniões de comunidades religiosas.
Em trânsito	TRA	-	-	Nas ruas, caminhando ou usando meio de transporte público ou privado.
Inespecíficos	INE	-	-	Locais não especificados. Exemplo: “em qualquer lugar”, “em todos os lugares”.

Tabela G18. Categorias, subcategorias e critérios para o eixo temático “Frequência dos contatos”.

Cate- goria	Abre- viatu- ra	Subcategorias	Abre- viatu- ra	Crítérios – menção a:
		Uso diário ou quase diário	DIA	Uso constante, sem menção a variações para diferentes ocasiões.
Uso cons- tante	CON	Uso preferencialmente em dias úteis	DUT	Uso constante, com maior frequência em dias úteis.
		Uso preferencialmente em finais de semana	PFS	Uso constante, com maior frequência em finais de semana.
Uso espo- rádico	ESP	Uso esporádico, na semana.	ESSE	Uso esporádico semanal.
		Uso esporádico, menos de uma vez por semana.	UES	Uso esporádico, menos de uma vez por semana.

Tabela G19. Categorias e critérios para o eixo temático “Duração dos contatos”.

Categoria	Abrevia- tura	Crítérios – menção a:
Até uma hora por dia.	AUH	Contatos diários ou quase diários, que não ultrapassam uma hora por dia. Inclui contatos definidos como rápidos ou curtos.
Mais de uma hora por dia.	MUH	Contatos diários ou quase diários, nos quais o tempo excede uma hora por dia, mas não chegam a ser identificados como ocupando boa parte do dia. Inclui contatos definidos como longos ou prolongados.
A maior parte do dia.	MPD	Contatos diários ou quase diários, identificados como ocupando boa parte do dia.
Duração variável	VAR	Duração com descrição de variações. Ex: “depende do assunto”.

Tabela G20. Categorias e critérios para o eixo temático “Períodos do ano dos contatos”.

Categoria	Abrevia- tura	Critérios – menção a:
Uso estável ao longo do ano.	COM	Uso sem diferenciação entre períodos do ano.
Uso estável ao longo do ano, com exceção de períodos de provas.	EPR	Uso sem diferenciação ao longo do ano, com redução exclusivamente em períodos de prova.
Uso predominante em período letivo	PLE	Uso mais constante no período de aulas, em relação ao período de férias.
Uso predominante em período letivo, com exceção de períodos de provas.	LPR	Uso mais constante no período de aulas, com redução em períodos de prova.
Uso predominante nas férias	PFE	Uso mais constante no período de férias, em relação ao período de aulas.

Tabela G21. Categorias e critérios para o eixo temático “Conteúdos abordados”.

Subcategorias	Abrevia- -tura	Crítérios – menção a:
Família	ATF	Rotina familiar, passeios e visitas, questões de relacionamento, relacionados à família.
Escola regular.	AES	Tudo o que se refere à escola regular. Inclui: trabalhos, projetos em grupo, avaliações, exercícios, apresentações, notas, opiniões e sentimentos.
Atividades extracurriculares.	EEC	Tudo o que se refere à atividades extracurriculares. Inclui: trabalhos, projetos em grupo, avaliações, exercícios, apresentações, notas, opiniões e sentimentos.
Atividades esportivas / físicas.	AEF	a) atividades esportivas realizadas em academia e escolas específicas, b) atividades esportivas/físicas realizadas como passatempo. Inclui relatos e opiniões.
Entretenimento / lazer	LAZ	Cinema, festas, passeios, brincadeiras, jogos e outras atividades de lazer e entretenimento. Inclui relatos e opiniões.
Informação sobre a própria localização.	ISL	Informações sobre local onde se encontra, tempo previsto para duração de atividades e previsão de retorno. Inclui combinações de horários com os pais, para levar e/ou buscar o participante em algum local.
Recados	REC	Transmissão de recado alheio ou para deixar um recado.
Pessoas e relacionamentos.	PRE	Relacionamentos, encontros, sentimentos, estados de pessoas, exceto o que está incluído em “Família” ou em “Relacionamento Amoroso”.
Relacionamento amoroso	AFT	Situações de relacionamento amoroso e sexual. Exemplo: “meninos”, “meninas”, “ficar”, “namoro”, “pegar”, “sexo”.
Notícias e acontecimentos	NOT	Notícias veiculadas pela mídia (política, acontecimentos, esportes, economia, reflexões etc) – relatos e opiniões. Inclui menção a “fatos” ou “acontecimentos”, com pouca especificação sobre os mesmos.
Verbalizações inespecíficas /genéricas	GEN	Verbalizações de caráter amplo ou inespecífico. Exemplo: “todos os assuntos”, “algum conteúdo que eu saiba”.

Tabela G22. Categorias e critérios para o eixo temático “Incentivos ao uso das modalidades de contato”.

Categoria	Abrevia- tura	Crítérios – menção a:
Nenhum	NEN	Inexistência de incentivos para a utilização de determinada modalidade de contato.
Baixo custo.	BCS	Baixo custo como incentivo para a utilização de determinada modalidade.
Uso social pelo grupo.	USO	A utilização da modalidade pelo grupo ser encorajadora para o participante.

Tabela G23. Categorias e critérios para o eixo temático “Restrições ao uso das modalidades de contato”.

Categoria	Abrevia- -tura	Crítérios – menção a:
Nenhuma	NEN	Inexistência de restrições para a utilização de determinada modalidade de contato.
Alto custo.	ACS	Alto custo como restrição para a utilização de determinada modalidade.
Impedimentos/ restrições sociais ao uso	IMP	Proibição de pais, professores, etc. Falta/escassez de recursos financeiros para o uso, atividades que competem com o uso, como, por exemplo, períodos de atividade intensa na escola. Equipamento utilizado por várias pessoas.

Tabela G24. Categorias e critérios para o eixo temático “Aspectos a favor (prós) do uso”.

Categoria	Abrevia- tura	Critérios – menção a:
Nenhum	NEM	Não identificação de prós para a utilização de determinada modalidade de contato. Respostas com expressões do tipo “nenhum”.
Indicadores da veracidade do conteúdo veiculado.	VER	Presença de sinais que permitem supor a veracidade do que é expresso (ex: expressões faciais, gestos)
Visualização do interlocutor.	VIS	Visualização do interlocutor percebida como uma vantagem.
Abrangência, qualidade e/ou rapidez de possibilidades de contato.	ABR	Possibilidades de contato diversificado: contato com diversas pessoas ao mesmo tempo, contato com pessoas não conhecidas pessoalmente, amplitude conteúdo, rapidez no contato com um ou mais destinatários. Bom relacionamento com as pessoas, possibilitado por determinada modalidade.
Tempo para elaboração da resposta.	TEM	Possibilidade de reflexão; tempo para elaboração da resposta.
Vantagem comparativa	VCO	Apresentação da modalidade como melhor que outra(s).
Inespecíficos	INE	Verbalizações favoráveis à modalidade, sem especificação de argumentos.

Tabela G25. Categorias e critérios para o eixo temático “Aspectos contrários (contras) ao uso”.

Categoria	Abrevia- tura	Crítérios – menção a:
Nenhum	NEM	Não identificação de contras para a utilização de determinada modalidade de contato. Respostas com expressões do tipo “nenhum”.
Carência de indicadores da veracidade do conteúdo expresso.	INV	Ausência de sinais que permitem supor a veracidade do que é expresso. Algumas citações de perigo em virtude desse contra. Exemplo: sites de <i>cyberbullying</i> .
Não visualização do interlocutor.	NVI	Não visualização do interlocutor percebida como uma desvantagem.
Reduzida abrangência, redução na qualidade e/ou rapidez de possibilidades de contato.	RAB	Possibilidades de contato diversificado escassas ou ausentes.
Pouco tempo para elaboração de respostas.	RTE	Pouco tempo para pensar e elaborar com mais qualidade uma resposta.
Desvantagem comparativa	DCO	Apresentação da modalidade como pior que outra(s).
Falhas técnicas	FTE	Falhas no funcionamento dos equipamentos utilizados para o contato. Inclui queda de energia, falha na conexão da internet, etc.
Riscos	RSC	Riscos relacionados à <i>cyberbullying</i> , pedofilia, contato com pessoas que podem trazer prejuízos e danos. Inclui riscos relativos às alterações na qualidade da escrita, devido ao uso constante de abreviaturas.
Inespecífico	INE	Verbalizações desfavoráveis à modalidade, sem especificação de argumentos.

Tabela G26. Categorias e critérios para o eixo temático “Percepção de facilidades”.

Categoria	Abrevia- tura	Critérios – menção a:
Nenhuma	NEN	Não percepção de nenhuma facilidade na utilização de determinada modalidade de contato.
Conforto no contato com pessoas próximas.	CPP	Conforto/tranquilidade no contato com pessoas próximas (ou íntimas) e/ou com as quais mantém contato frequente.
Conforto no contato com pessoas que não são próximas.	CPD	Conforto/tranquilidade no contato com pessoas com as quais não mantém um contato próximo.
Conforto (exceto pessoas)	CGE	Conforto relacionado a formas de expressão, situações e locais de contato. Exclui CPP e CPD. Conforto sem descrição de fatores relacionados ao mesmo. Inclui verbalizações de que o participante se sente confortável com o contato por meio de determinada modalidade.
Conforto em comparação com outras modalidades	CMO	Percepção de maior facilidade na execução do contato em uma determinada modalidade em relação a outras modalidades, que podem ou não ser explicitadas na resposta.

Tabela G27. Categorias e critérios para o eixo temático “Percepção de dificuldades nos contatos”.

Categoria	Abrevia- tura	Critérios – menção a:
Nenhuma	NEN	Não percepção de nenhuma dificuldade na utilização de determinada modalidade de contato.
Desconforto no contato com pessoas próximas.	DPP	Desconforto/ansiedade no contato com pessoas próximas (ou íntimas) e/ou com as quais mantém contato frequente.
Desconforto no contato com pessoas que não são próximas.	DPD	Desconforto/ansiedade no contato com pessoas com as quais não mantém um contato próximo.
Desconforto especificado (exceto intimidade/distância) ou generalizado	DGE	Desconforto relacionado a formas de expressão, situações e locais de contato. Exclui DPP e DPD. Desconforto sem descrição de fatores relacionados ao mesmo. Inclui verbalizações de que o participante não gosta ou detecta dificuldades de contato por meio de determinada modalidade.
Desconforto em comparação com outras modalidades	DMO	Percepção de maior dificuldade na execução do contato em uma determinada modalidade em relação a outras modalidades, que podem ou não ser explicitadas na resposta.

Tabela G28. Categorias e critérios para o eixo temático “Avaliação do próprio desempenho”.

Categoria	Abrevia- tura	Critérios – menção a:
Desempenho avaliado como apropriado às demandas sociais.	APR	Bom desempenho. Exemplo: “bom”, muito bom, ótimo, “me saio bem”, “normal”. Inclui indicadores de desenvoltura, entre outros, que indicam percepção de competência no desempenho.
Desempenho avaliado como não apropriado para as demandas sociais.	NAP	Desempenho abaixo do esperado. Exemplo: “preciso melhorar”, “não me saio muito bem”, “ruim”, entre outros.

Apêndice H

Tabela H29: Análise dos escores de “dificuldade” e “frequência” no IHSA, em relação ao gênero dos adolescentes.

	Descritiva	N	Média	DP	Mediana	CV	Min	Max	IC	
Dificuldade	Gênero	Feminino	29	42,41	27,22	40	64%	3	97	9,91
		Masculino	31	44,55	27,04	40	61%	1	95	9,52
	P-valor*			0,778						
Frequência	Gênero	Feminino	29	55,97	28,97	60	52%	1	97	0,917
		Masculino	31	58,52	22,19	60	38%	10	99	7,81
	P-valor*			0,917						

*teste Mann-Whitney

Legenda da tabela H29.

N: total de participantes / DP: Desvio Padrão / CV: coeficiente de variação / Q1 e Q3: primeiro e terceiro quartil / Min: Mínima / Max: Máxima / IC: intervalo de confiança.

Tabela H30: Correlação de Spearman e do Teste de Correlação relativas às variáveis de “dificuldade” e “frequência” no IHSA em adolescentes de diferentes idades.

		Idade	P. Dificuldade
Dificuldade	P.	Corr	-0,18
		P-valor*	0,169
Frequência	P.	Corr	0,057
		P-valor*	<0,001

*Correlação de Spearman por postos e Teste de Correlação.

Legenda da tabela H30.

N: total de participantes / DP: Desvio Padrão / CV: coeficiente de variação / Q1 e Q3: primeiro e terceiro quartil / Min: Mínima / Max: Máxima / IC: intervalo de confiança.

Tabela H31: Teste Kruskal-Wallis aplicado às variáveis indicadoras de “dificuldade” e “frequência” no IHSA, em relação à escola dos adolescentes.

	Descritiva	N	Média	DP	Mediana	CV	Min	Max	IC
Dificuldade	Escola A	23	42,65	23,27	40	55%	1	80	9,51
	Escola B	6	23,33	11,25	27,5	48%	5	35	9,01
	Escola C	31	48,06	30,06	45	63%	3	97	10,58
	P-valor*				0,128				
Frequência	Escola A	23	65,39	24,05	65	37%	20	99	9,83
	Escola B	6	49,33	31,70	62,5	64%	1	80	25,36
	Escola C	31	52,81	24,57	60	47%	10	97	8,65
	P-valor*				0,144				

*Teste Kruskal-Wallis.

Legenda da tabela H31.

N: total de participantes / DP: Desvio Padrão / CV: coeficiente de variação / Q1 e Q3: primeiro e terceiro quartil / Min: Mínima / Max: Máxima / IC: intervalo de confiança.

Tabela H32: Teste Kruskal-Wallis aplicado às variáveis indicadoras das “dificuldades” e “frequência” no IHSA, em relação à série escolar (do Ensino Médio) dos adolescente.

		Descritiva	N	Média	DP	Mediana	CV	Min	Max	IC
Dificuldade	Série escolar	1ª. Série	29	47	27,12	45	58%	3	85	9,87
		2ª. Série	10	46,70	24,04	37,5	51%	20	97	14,90
		3ª. Série	21	37,19	27,98	30	75%	1	95	11,97
P-valor*					0,368					
Frequência	Série escolar	1ª. Série	29	54,55	27,76	60	51%	10	97	10,10
		2ª. Série	10	69,50	12,35	67,5	18%	55	90	7,65
		3ª. Série	21	55,24	26,10	60	47%	1	99	11,16
P-valor*					0,374					

*Teste Kruskal-Wallis.

Legenda da tabela H32.

N: total de participantes / DP: Desvio Padrão / CV: coeficiente de variação / Q1 e Q3: primeiro e terceiro quartil / Min: Mínima / Max: Máxima / IC: intervalo de confiança.

Apêndice I

Tabela I33. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Interlocutor”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).

Interlocutores	Subcategorias	Modalidades de contato		
		Face a face (F=38) f(%)	Por voz (F=20) f(%)	Por escrito (F=22) f(%)
Pessoas da família	Pai e mãe	7(18,3)	05(25,0)	03(13,7)
	Irmãos	3(7,9)	0	0
	“Família”	2(5,3)	2(10,0)	01(4,5)
	Outros familiares	4(10,5)	2(10,0)	0
	Subtotal	16(42,0)	9(45,0)	4(18,2)
Colegas	Colegas de escola regular	5(13,1)	1(5,0)	02(9,0)
	Colegas fora da escola regular	2(5,3)	0	0
	Colegas em geral	1(2,7)	0	0
	Subtotal	8(21,1)	1(5,0)	2(9,0)
Amigos	Amigos da escola regular	3(7,9)	2(10,0)	1(4,5)
	Amigos fora da escola regular	1(2,7)	1(5,0)	3(13,7)
	Amigos em geral	4(10,5)	4(20,0)	4(18,2)
	Subtotal	08(21,1)	7(35,0)	8(36,4)
Namorado		2(5,3)	2(10,0)	1(4,5)
Outras pessoas		4(10,5)	1(5,0)	2(9,0)
População em geral		0	0	05(22,9)
Total		38(100,0)	20(100,0)	22(100,0)

Tabela I34. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Locais dos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).

Locais de contatos	Subcategorias	Modalidades de contato		
		Face a face	Por voz	Por escrito
		(F=31) f(%)	(F=11) f(%)	(F=13) f(%)
Casa	Casa/apartamento em que mora	7(22,7)	6(54,5)	4(30,8)
	Áreas próximas a casa ou de uso comum no prédio em que mora	1(3,1)	0	0
	Subtotal	8(25,8)	6(54,5)	4(30,8)
Casa de outras pessoas	Casa/apartamento de namorado	1(3,2)	0	0
	Casa/apartamento de colegas e amigos	0	0	0
	Outras casas	2(6,4)	0	0
	Subtotal	3(9,5)	0	0
Escola	Escola Regular	8(25,8)	1(9,3)	1(7,7)
	Escolas de cursos extracurriculares.	2(6,4)	0	0
	Subtotal	10(32,2)	1(9,3)	1(7,7)
Esporte/ Entretenimento	Locais de prática esportiva	3(9,5)	0	1(7,7)
	Locais de lazer	6(19,8)	0	0
	Subtotal	9(29,3)	0	1(7,7)
Espaços de comunidades religiosas e afins		0	0	0
Em trânsito		1(3,2)	2(18,1)	2(15,4)
Inespecífico/ qualquer lugar		0	2(18,1)	5(38,4)
Total		31(100,0)	11(100,0)	13(100,0)

Tabela I35. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Frequência dos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9)*.

Frequência dos contatos	Subcategorias	Modalidades de contato		
		Face a face	Por voz	Por escrito
		(N=9) f(%)	(N=09) f(%)	(N=8) f(%)
Uso constante	Uso diário ou quase diário	8(88,9)	1(11,1)	8(100,0)
	Uso preferencialmente em dias úteis	0	4(44,5)	0
	Uso preferencialmente em finais de semana	1(11,1)	2(22,2)	0
	Subtotais	9(100,0)	7(77,8)	8(100,0)
Uso esporádico	Uso esporádico, na semana.	0	2(22,2)	0
	Uso esporádico, menos de uma vez por semana.	0	0	0
	Subtotais	0	2(22,2)	0
Total		9(100,0)	9(100,0)	8(100,0)

* um participante a menos na modalidade “por escrito”.

Tabela I36. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Duração dos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9)*.

Duração dos contatos	Modalidades de contato		
	Face a face	Por voz	Por escrito
	(F=9)	(F=9)	(F=8)
	f(%)	f(%)	f(%)
Até uma hora por dia.	0	5(50,0)	0
Mais de uma hora por dia.	0	3(33,3)	2(25,0)
Maior parte do dia.	9(100,0)	0	5(62,5)
Variável	0	1(11,1)	1(12,5)
Total	9(100,0)	9(100,0)	8(100,0)

* um participante a menos na modalidade “por escrito”.

Tabela I37. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Períodos do ano destinados aos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9)*.

Períodos do ano destinados aos contatos	Modalidades de contato		
	Face a face	Por voz	Por escrito
	(F=9)	(F=9)	(F=8)
	f(%)	f(%)	f(%)
Uso estável ao longo do ano.	9(100,0)	5(56,0)	5(62,5)
Uso estável ao longo do ano, com exceção de períodos de provas.	0	0	2(25,0)
Uso predominante em período letivo	0	4(44,0)	0
Uso predominante em período letivo, com exceção de períodos de provas.	0	0	0
Uso predominante nas férias	0	0	1(12,5)
Total	9(100,0)	9(100,0)	8(100,0)

* um participante a menos na modalidade “por escrito”.

Tabela I38. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Conteúdos abordados”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).

Conteúdos abordados	Modalidades de contato		
	Face a face	Por voz	Por escrito
	(F=21) f(%)	(F=19) f(%)	(F=18) f(%)
Família	3(14,5)	2(10,5)	0
Escola regular.	4(19,0)	2(10,5)	2(11,1)
Atividades extra-curriculares.	0	0	0
Atividades esportivas / físicas.	2(9,5)	0	1(5,6)
Entretenimento / lazer	4(19,0)	4(21,0)	5(27,7)
Informação sobre a própria localização.	0	5(26,3)	0
Recados	0	3(15,8)	0
Pessoas e relacionamentos	0	2(10,5)	4(22,2)
Relacionamento amoroso	2(9,5)	0	1(5,6)
Notícias e acontecimentos.	2(9,5)	0	3(16,7)
Verbalizações inespecíficas/genéricas.	4(19,0)	1(5,3)	2(11,1)
Total	21(100,0)	19(100,0)	18(100,0)

Tabela I39. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Incentivos para os contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).

Incentivos para os contatos	Modalidades de contato		
	Face a face	Por voz	Por escrito
	(F=9) f(%)	(F=9) f(%)	(F=9) f(%)
Nenhum	8(88,9)	7(77,8)	8(88,9)
Baixo custo.	0	2(22,2)	1(11,1)
Uso social pelo grupo.	1(11,1)	0	0
Total	9(100,0)	9(100,0)	9(100,0)

Tabela I40. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Restrições para os contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).

Restrições para os contatos	Modalidades de contato		
	Face a face	Por voz	Por escrito
	(F=4) f(%)	(F=2) f(%)	(F=4) f(%)
Nenhuma	5(56,0)	6(66,7)	5(56,0)
Médio/alto custo.	0	01(11,1)	0
Impedimentos/ restrições sociais ao uso.	4(44,0)	2(22,2)	4(44,0)
Total	09(100,0)	09(100,0)	09(100,0)

Tabela I41. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Aspectos a favor (prós) dos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).

Aspectos a favor dos contatos	Modalidades de contato		
	Face a face	Por voz	Por escrito
	(F=9) f(%)	(F=9) f(%)	(F=11) f(%)
Nenhum	1(11,1)	6(66,7)	1(9,1)
Indicadores da veracidade do conteúdo veiculado.	3(33,3)	0	0
Visualização do interlocutor.	1(11,1)	0	0
Abrangência, qualidade e/ou rapidez de possibilidades de contato.	2(22,2)	3(33,3)	5(45,4)
Possibilidade de tempo para elaborar resposta.	0	0	1(9,1)
Vantagem comparativa	1(11,1)	0	4(36,4)
Inespecíficos	1(11,1)	0	0
Total	09(100,0)	09(100,0)	11(100,0)

Tabela I42. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Aspectos a contrários (contras) aos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).

Aspectos contrários aos contatos	Modalidades de contato		
	Face a face (N=9) f(%)	Por voz (N=9) f(%)	Por escrito (N=12) f(%)
Nenhum	7(77,8)	7(77,8)	3(25,0)
Carência de indicadores da veracidade do conteúdo expresso.	0	1(11,1)	2(16,7)
Não visualização do interlocutor.	0	0	1(8,3)
Reduzida abrangência, redução na qualidade e/ou rapidez de possibilidades de contato.	0	0	0
Pouco de tempo para elaborar resposta.	1(11,1)	0	0
Desvantagem comparativa	1(11,1)	1(11,1)	3(25,0)
Falhas técnicas	0	0	1(8,3)
Riscos	0	0	2(16,7)
Inespecífico	0	0	0
Total	9(100,0)	9(100,0)	12(100,0)

Tabela I43. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Facilidades percebidas nos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).

Facilidades percebidas	Modalidades de contato		
	Face a face	Por voz	Por escrito
	(F=10) f(%)	(F=9) f(%)	(F=10) f(%)
Nenhuma	2(20,0)	2(22,2)	3(30,0)
Conforto no contato com pessoas próximas.	5(50,0)	4(44,4)	1(10,0)
Conforto no contato com pessoas que não são próximas.	0	1(11,2)	0
Conforto especificado (exceto intimidade/distância) ou generalizado	2(20,0)	2(22,2)	3(30,0)
Conforto em comparação com outras modalidades	1(10,0)	0	3(30,0)
Total	10(100,0)	9(100,0)	10(100,0)

Tabela I44. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Dificuldades percebidas nos contatos”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).

Dificuldades percebidas	Modalidades de contato		
	Face a face	Por voz	Por escrito
	(F=11) f(%)	(F=10) f(%)	(F=08) f(%)
Nenhuma	4(36,4)	4(40,0)	6(75,0)
Desconforto no contato com pessoas próximas.	0	0	0
Desconforto no contato com pessoas que não são próximas.	5(45,4)	2(20,0)	01(12,5)
Desconforto especificado (exceto intimidade/distância) ou generalizado	1(9,1)	4(40,0)	01(12,5)
Desconforto em comparação com outras modalidades	1(9,1)	0	0
Total	11(100,0)	10(100,0)	8(100,0)

Tabela I45. Frequência e % de categorias relacionadas ao eixo temático “Autoavaliação de desempenho”, em respostas de adolescentes, por modalidade de contato social (N=9).

Autoavaliação de desempenho	Modalidades de contato		
	Face a face	Por voz	Por escrito
	(N=9) f(%)	(N=9) f(%)	(N=9) f(%)
Desempenho apropriado	8(88,9)	6(66,7)	8(88,9)
Desempenho não apropriado	1(11,1)	3(33,3)	1(11,1)
Total	9(100,0)	9(100,0)	9(100,0)

